

Roy Lewis

POR QUE
ALMOCEI
MEU PAI

COMPANHIA DAS LETRAS



Roy Lewis

POR Q UE ALMOCEI MEU PAI



POR QUE ALMOCEI MEU PAI

“Nunca acreditei na versão do Génesis — Adão, Eva e a maçã —, e então decidi reescrever a evolução ao meu modo. Acho que não fiquei muito longe da verdade. Tudo está escorado sobre sólidas bases científicas.” É assim que o jornalista e sociólogo Roy Lewis explica por que escreveu este divertido romance sobre o homem das cavernas. Cult book na Inglaterra na década de 1960. Por que *Almocei Meu Pai* viu seu número de admiradores ir crescendo aos poucos, até ser redescoberto na França e estourar recentemente como best-seller na Itália, onde vendeu mais de 150.000 exemplares.

Quando os ventos do Norte sopravam com força, trazendo a gélida lembrança da permanente progressão da grande calota de gelo, tentávamos convencer-nos de que a poderíamos enfrentar e vencer, por mais ao Sul que avançasse, mesmo chegando à África. E, assim, tratávamos de empilhar as nossas reservas de ramos secos e pedaços de árvore em frente da caverna, fazendo uma enorme fogueira.

Era-nos difícil manter um suprimento de combustível suficiente para alimentar uma grande fogueira, ainda que com uma boa aresta de quartzito conseguíssemos cortar um ramo de cedro, de dez centímetros de espessura, em dez minutos. Eram os elefantes e os mamutes que nos mantinham quentes com o seu atencioso hábito de arrancar árvores para testarem a força das suas presas e das suas trombas. O *Elephas Antiquus* era ainda mais dado a este procedimento que o elefante moderno, porque tinha algumas dificuldades em evoluir, e não há nada que preocupe mais um animal em evolução do que saber como progride a sua dentição. Os mamutes, que nesse tempo consideravam a si mesmos quase perfeitos, apenas arrancavam árvores quando estavam coléricos ou quando queriam se exibir perante as fêmeas. Na época de acasalamento, apenas tínhamos de seguir as manadas para recolher madeira para o fogo, mas nas outras ocasiões uma pedrada certa atrás da orelha de um que estivesse pastando, produzia verdadeiras maravilhas, podendo prover-nos de lenha suficiente para um mês. Conheço bem esse jogo ardiloso com os grandes mastodontes, mas um baobá arrancado pela raiz custa muito a arrastar para casa. Queima bem, mas mantém-nos a uma distância de quase trinta metros. Não faz sentido levar as coisas a esses extremos. De modo geral conseguíamos manter uma boa fogueira quando estava muito frio e as calotas de gelo do Kilimanjaro e do Ruwenzori desciam abaixo dos três mil metros.

Nas frias e límpidas noites de inverno as fagulhas voavam em direção às estrelas, a madeira verde crepitava, os ramos secos estalavam, e a nossa fogueira tinha o efeito de um enorme farol pelo Vale do Rift abaixo. Quando a temperatura do solo baixava o bastante ou a chuva cerrada trazia uma humidade que fazia estalar e doer as articulações, o tio Vanya vinha visitar-nos. Durante uma calmaria no barulho do tráfego da selva era possível ouvi-lo chegar com um som sussurrante pelas copas das árvores, pontuado por um ocasional e sinistro estalido de um ramo esforçado a partir-se, e uma praga abafada que se tornava num grito de raiva incontida quando ele acabava mesmo por cair.

Uma figura maciça chegava, por fim, arrastadamente ao círculo de luz em volta da fogueira, com os longos braços quase roçando o solo, a cabeça quadrada enterrada entre os ombros largos e peludos, os olhos ejetados de sangue, os lábios franzidos do esforço que costumava fazer para manter os caninos espetados fora da boca. Isto dava-lhe, quando acontecia, o aspecto de alguém que põe um sorriso totalmente falso numa festa de que só quer se livrar, o que para mim, como criança, era aterrorizador. No entanto, mais tarde descobri que por detrás das suas manias e excentricidades, pelas quais ele era o primeiro e único a sofrer, se escondia uma pessoa bondosa

que arranjava sempre um pouco de zimbro ou alguns figos para oferecer a uma criança que ele, afetuosamente, supunha assustada com a ferocidade natural do seu aspecto.

Mas como falava! Como discutia! Mal nos saudava, inclinando a cabeça na direção da tia Mildred, mal estendia as suas pobres mãos, azuis de frio, para a fogueira, começava a investida contra o Pai, tal qual um rinoceronte de cabeça baixa, apontando o seu longo dedo acusador contra todo mundo, como se fosse a ponta do seu corno. O Pai deixava-o desabafar e descarregar os seus sentimentos, até aí reprimidos, numa torrente de denúncia. Então, depois de ele ter se acalmado um pouco e comido talvez uns ovos de epiórnis e uns duriões, o pai juntava-se à refrega, travando as investidas do tio Vanya com as suas brandas e irónicas interjeições, reduzindo-o por vezes a um silêncio estupefato, ao admitir alegremente as suas barbaridades e ao gabar-se delas com orgulho.

Acredito que no fundo gostavam muito um do outro, apesar de terem passado a vida inteira em violento desacordo. E dificilmente seria de outro modo, uma vez que eram homens-macaco de inabaláveis princípios, vivendo em estrita concordância com as suas crenças, as quais eram totalmente opostas em todos os aspectos. Cada um seguia o seu próprio caminho, firmemente convencido que o outro estava tragicamente enganado quanto ao rumo de evolução da espécie antropeide. A sua relação pessoal, embora atravessada por estas disputas, mantinha-se incólume. Discutiam, por vezes gritavam um com o outro, mas nunca chegavam a vias de facto. E, apesar de normalmente partir furioso, o tio Vanya acabava sempre por voltar.

A primeira discussão de que consigo lembrar-me entre os dois irmãos, tão diferentes em aparência e comportamento, foi sobre a questão de dispor ou não de uma fogueira acesa nas noites frias. Eu estava acororado bem longe daquela coisa vermelha, revolteante, ferida mas voraz, olhando o pai a alimentá-la com uma esplêndida mas circunspecta indiferença. As mulheres estavam agachadas em monte, tagarelando enquanto se catavam umas às outras. A minha mãe, que ficava sempre um pouco à parte, contemplava o Pai com os seus olhos sombrios e melancólicos, enquanto mastigava papa para os bebés já desmamados. O tio Vanya surgiu no meio de nós como uma figura ameaçadora que falava em tom de condenação.

— Desta vez arranjuste-a bonita! Edward — trovejou ele — Eu devia ter adivinhado que isto iria acontecer mais tarde ou mais cedo, mas pensei que, mesmo para a tua loucura, havia limites. Mas claro que estava enganado! É só voltar as costas por uma hora e venho encontrar-te com uma nova idiotice. E agora isto! Edward, se alguma vez te avisei, se alguma vez te implorei, como teu irmão mais velho, para pensares duas vezes antes de continuares no teu catastrófico rumo, para arrepiares caminho antes que te envolvas a ti e aos teus num desastre irremediável, deixa agora que te diga com redobrada ênfase: Para! Para, Edward! Antes que seja tarde demais — se realmente ainda vais a tempo, pára...

O tio Vanya recuperou o fôlego antes de acabar este discurso impressionante mas obviamente difícil de levar a bom termo, e o Pai aproveitou para intervir.

— Ora viva, Vanya, há muito tempo que não te víamos por aqui. Vem aquecer-te, meu caro. Por onde tens andado?

O tio Vanya fez um gesto de impaciência.

— Não muito longe. Tem sido uma estação bastante fraca para a fruta e os vegetais de que tanto depende a minha dieta...

— Eu sei — disse o Pai num tom compreensivo. Parece que, apesar de tudo, sempre vamos entrar num período interpluvial. Tenho notado como a seca tem se alastrado ultimamente.

— Mas não é só isso, de maneira alguma — continuou o tio Vanya irritado. — Há muito para comer na floresta se soubermos procurar. Acontece que cheguei à conclusão que na minha idade devo ter cuidado com aquilo que como. Daí que, como faria qualquer primata razoável, fui um pouco mais longe para encontrar o que queria. Até ao Congo, para ser exato, onde há de tudo e em muita quantidade para toda a gente, sem que tenhamos de fingir ter os dentes de um leopardo, o estômago de um bode ou o gosto e as maneiras de um chacal.

— Estás exagerando, Vanya — protestou o Pai.

— Voltei ontem — continuou o tio Vanya — já com a intenção de te fazer uma visita. Ao anoitecer, como é lógico, percebi que havia alguma coisa errada. Tenho conhecimento de onze vulcões nesta região, Edward, mas doze!? Soube logo que vinham problemas por aí e pressenti que tu estavas na sua origem. Esperando sinceramente estar enganado, mas no fundo com receio, apressei-me a chegar aqui. Mas tinha mesmo razão! Vulcões privados, francamente! Desta vez arranjaste-a bonita, Edward!

O Pai sorriu com malícia.

— Achas mesmo, Vanya? — perguntou. — Quero dizer, será mesmo este o momento decisivo? Eu pensei que pudesse ser, mas é difícil ter a certeza. É com certeza um momento decisivo na ascensão do homem, mas será o momento decisivo?

O Pai semicerrou os olhos numa expressão de bem-humorado desespero que lhe era característica em determinados momentos.

— Não sei se é um momento decisivo — disse o tio Vanya —, nem me interessa o que pensas que andas fazendo, Edward. A passar das marcas, talvez. Digo-te é que isto é a coisa mais perversa e antinatural...

— E antinatural, não é? — interrompeu bruscamente o Pai. — Mas, pensando bem, Vanya, tem havido sempre um elemento artificial na vida sub-humana desde que adotámos os primeiros artefatos de pedra. Talvez tenha sido esse o passo decisivo, e isto seja simplesmente o seu desenvolvimento. E mesmo tu utilizas lascas de sílex, portanto...

— Já falámos disso outras vezes — disse o tio Vanya. Dentro de limites razoáveis, as ferramentas e os artefatos não transgredem a natureza. As aranhas apanham a presa através da sua teia; os pássaros constroem melhores ninhos do que nós; e muitas são as vezes que apanhas com um coco na tua dura cabeça atirado por um macaco, como bem sabes. Se calhar foi isso que te deu cabo do juízo. Ainda há poucas semanas vi um bando de gorilas dar uma sova num grupo de elefantes — elefantes, vê bem! — com paus. Estou disposto a aceitar que simples pedras lascadas estejam de acordo com a natureza, desde que não nos tornemos demasiado dependentes delas e não seja feita qualquer tentativa indevida de aperfeiçoá-las. Eu não sou um

conservador, Edward, e aquilo ainda aceito. Mas isto, Edward! Isto é bem diferente. Isto pode acabar sabe-se lá onde. Afeta todo mundo.

Até a mim. Com isto podes queimar toda a floresta. E depois para onde é que eu vou?

— Não penso que chegue a tanto, Vanya — disse o Pai.

— Ah não? Então pergunto, Edward, és capaz de controlar totalmente essa coisa?

— Hummm... mais ou menos. Mais ou menos, sabes...

— Que queres dizer com mais ou menos? Ou és capaz ou não és. Deixa-te de evasivas.

Podes apagá-la, por exemplo?

— Se não a alimentar apaga-se por si mesma — disse o Pai na defensiva.

— Edward, — disse o tio Vanya. — Eu aviso-te. Começaste algo que podes não conseguir parar. Pensas então que se apaga se não a alimentares! E já te ocorreu que pode um dia resolver alimentar-se a si própria? E nesse caso o que poderás tu fazer?

— Isso ainda não aconteceu — disse o Pai, zangado. A verdade é que perco todo o meu tempo mantendo-a acesa, sobretudo nas noites húmidas.

— Nesse caso, o meu mais veemente conselho é que não a mantinhas acesa mais tempo — disse o tio Vanya — antes que provoques uma reação em cadeia. Há quanto tempo é que andas brincando com o fogo?

— Oh, já o descobri há alguns meses — disse o Pai. E, sabes Vanya, é a coisa mais fascinante que existe. As possibilidades são fantásticas. Há tanta coisa que se pode fazer com ele. Muito para além do mero aquecimento central, embora já seja um grande passo em frente. Ainda mal comecei a trabalhar as suas possíveis aplicações. Mas considera apenas a fumaça: acredites ou não, sufoca as moscas e afugenta os mosquitos. Claro que o fogo é um material complicado. É difícil de transportar, por exemplo. Tem um apetite voraz: come como um cavalo. É maldoso e, se não tiveres cuidado, a sua picada é muito dolorosa. E é de facto uma novidade, abrindo boas perspectivas de...

Mas, de repente, ouviu-se um grito estridente e o tio Vanya começou aos saltos num só pé. Eu tinha estado observando com grande interesse o facto de, já há algum tempo, ele estar pisando em um tição em brasa. Estava tão excitado com a discussão com o Pai, que não dera por nada, e muito menos pelo barulho ciciante ou pelo peculiar cheiro que se seguiu. Mas agora a brasa tinha atravessado a planta do pé.

— Aaaaaah! — rugiu o tio Vanya. — Edward, seu maldito louco! Mordeu-me! Foi isso que o teu infernal monte de artimanhas fez! Aaaaaah! O que é que eu te tinha dito? Vai acabar por vos comer a todos! A sentar--se em cima de um vulcão em atividade, é o que vocês estão fazendo! Não te digo mais nada, Edward! Vão ser extintos, todos vocês, num abrir e fechar de olhos! Conseguiste! Aaaaaah! Eu vou voltar para as árvores! Desta vez passaste da medida, Edward! Foi exatamente isso que os Brontossauros fizeram!

Coxeando, afastou-se até o perdermos de vista, mas os seus uivos ouviram-se no mínimo durante mais quinze minutos.

— De qualquer maneira, acho que foi o Vanya quem passou dos limites — disse o Pai a Mãe

enquanto varria cuidadosamente a soleira com um farfalhado ramo de árvore.

Apesar de tudo o que disse, o tio Vanya voltou muitas vezes para repetir os seus avisos, de preferência em noites frias ou chuvosas. O nosso progresso gradual no controle do fogo em nada apaziguava os seus receios. Bufava incrédulo quando lhe mostrávamos como o apagar, como poia ser dividido, tal como se fosse uma enguia, em vários outros fogos, e como podia ser transportado na ponta de um ramo seco. Apesar de todas estas experiências serem cuidadosamente vigiadas pelo Pai, eram condenadas pelo tio Vanya: ele considerava que a Botânica e a Zoologia eram as únicas disciplinas de uma verdadeira educação científica, e opunha-se terminantemente a juntar a Física ao currículo.

Não obstante, todos nós aprendemos com rapidez a lidar com o fogo. A princípio, as mulheres eram um pouco lentas a afastarem-se dele, queimando-se com frequência, e durante algum tempo parecia que a geração mais nova não iria sobreviver. Mas o Pai achava que toda a gente devia cometer os seus próprios erros. “Uma criança queimada respeita o fogo”, dizia ele, confiante, quando outro bebé começava aos berros depois de tentar agarrar um daqueles escarvelhos incandescentes. E tinha toda a razão.

Estes eram, afinal, acidentes insignificantes em comparação com o progresso obtido. O nosso nível de vida subiu de forma quase irreconhecível. Antes de termos o fogo, a nossa existência era muito precária. Havíamos descido das árvores e possuíamos o machado de pedra, mas não tínhamos muito mais e todos os dentes, garras, e cornos da natureza pareciam estar contra nós. Embora nos considerássemos animais de terra firme, tínhamos que trepar rapidamente a uma árvore se nos víamos envolvidos em qualquer espécie de sarilho. A nossa alimentação ainda dependia em grande parte de bagas, raízes, e frutos secos, e ficávamos satisfeitos com algumas lagartas e larvas gordas como suplemento proteico. Sofríamos de uma escassez crónica de alimentos energéticos embora necessitássemos deles desesperadamente para sustentar o desenvolvimento do nosso físico. Uma razão importante para abandonar a floresta era conseguirmos mais carne para a nossa dieta. Havia muita carne nas planícies, o problema era que toda ela estava em cima de quatro patas. As grandes pastagens estavam cheias de caça: grandes manadas de bisontes, búfalos, impalas, orix, várias espécies de antílopes, gazelas, zebras, cavalos, para só mencionar alguns dos que gostaríamos de comer ao jantar. Mas perseguir carne de quatro patas, quando ainda se está a tentar andar sobre duas, é um jogo absurdo, e nós éramos forçados a tentar levantarmo-nos para poder ver acima da erva da savana. Mesmo se apanhássemos um grande unglado, que podíamos fazer com ele? Dar-nos-ia um coice.

Por vezes conseguíamos perseguir e derrubar um animal coxo, mas depois tínhamos de enfrentar os seus cornos e era necessária uma horda de homens-macaco para o apedrejar até à morte. Com uma horda pode-se cercar e abater a caça; mas para manter uma horda reunida é preciso um grande e regular fornecimento de alimentos. É o mais antigo dos círculos viciosos em economia: para conseguir qualquer tipo de captura regular é preciso uma equipa de caçadores, mas, para manter uma equipa de caçadores, é necessário assegurar uma captura regular. De

outro modo, as refeições são tão irregulares que, na melhor das hipóteses, só é possível alimentar um grupo de três ou quatro elementos.

Por conseguinte, começámos de baixo e tivemos de percorrer a custo um longo caminho. Em primeiro lugar foram coelhos, hircas e pequenos roedores, os quais podem ser mortos com uma pedrada; depois perseguimos tartarugas e cagados, lagartos e serpentes, animais que podem ser capturados se estudarmos assiduamente os seus hábitos. Depois de morta, a pequena caça pode facilmente ser cortada com facas de sílex, e embora a melhor parte da carne não seja fácil de rasgar e comer sem os grandes caninos dos carnívoros, pode ser cortada e triturada com pedras antes de mastigada pelos molares, inicialmente concebidos para uma dieta frutívora. Geralmente, as partes macias não são as mais agradáveis, mas indivíduos esfomeados pelo esforço de andarem na vertical sobre as patas traseiras durante todo dia, e que querem alimentar os seus cérebros, não se podem dar ao luxo de ser muito exigentes. Disputávamos as partes mais macias e dávamos muito valor a animais de consistência esponjosa, pois aliviavam o esforço imposto aos dentes e ao estômago.

Duvido que haja muita gente que ainda se lembre das agonias que passámos com as indigestões naqueles primeiros tempos, ou mesmo de quantos a elas sucumbiram. Os humores eram permanentemente azedados por distúrbios gástricos, e o esgar deprimido e sorumbático, mesmo feroz, desses pioneiros sub-humanos tinha muito menos a ver com insociabilidade ou selvajaria do que com o estado dos seus tecidos estomacais. A melhor boa-disposição podia ser minada por uma colite crónica. Portanto, é um engano absoluto pensar que, pelo facto de termos descido das árvores recentemente e, por extensão, estarmos mais “perto da natureza”, poderíamos comer de tudo, por mais intragável e fibroso que fosse. Bem pelo contrário, alargar os nossos hábitos alimentares de uma dieta puramente vegetariana (e, mesmo assim, quase só frutívora) até chegar a uma omnívora, foi um processo difícil e penoso, exigindo imensa paciência e persistência para descobrir como manter no estômago aquelas coisas que não só nos repugnavam como nos faziam sofrer. Só uma ambição sem limites, o desejo de melhorar o lugar no seio da natureza, e uma impiedosa autodisciplina, podem explicar que alguém aguento tal transição. Não nego que se encontrassem acepipes inesperados, mas a vida não pode ser só caracóis e moleja. Uma vez decidido sendo omnívoro, há que aprender a comer de tudo e numa altura em que não se sabe de onde nem quando virá a próxima refeição, há que comer tudo. Quando crianças, fomos estritamente educados dentro destas regras, e uma criança que se atrevesse a dizer: “Mas, mamã, eu não gosto de sapo!”, estava a pedir um par de estalos nas orelhas. “Come tudo. É bom para ti”, foi o lema da minha infância e, claro, era verdade. A natureza maravilhosamente adaptável conseguiu, de algum modo, robustecer as entranhas dos nossos pequenos estômagos, de maneira a digerirem o indigerível.

Deve recordar-se que, quando nos tornámos comedores de carne, tínhamos de mastigar, e consequentemente saborear, toda esta comida rica e imprópria. Os carnívoros (os grandes felinos, os lobos, os cães e os crocodilos) rasgavam simplesmente a sua comida em pedaços e engoliam-na, sem se preocuparem se era espádua, bife da anca, figado ou tripas. Nós não

podíamos engolir a comida sem mastigar. “Mastiga cem vezes antes de engolir”, outra máxima da minha infância, era baseada na certeza de que ignorá-la resultaria numa violenta dor de barriga. Por muito horrível que fosse o naco de carne, naqueles tempos primitivos, tinha de ser bem explorado pela boca e pelo paladar. A fome era o nosso único tempero, mas disso tínhamos com fartura.

Daí resultava a enorme inveja pelos banquetes de carne que os leões e os tigres dentes-de-sabre abatiam tão descuidadamente e comiam com tanto desperdício, deixando por vezes três quartos de uma carcaça para os chacais e abutres. A nossa maior preocupação era, portanto, estarmos presentes, sempre que possível, quando o leão atacava e, depois de ele ter retirado a sua parte, levarmos o resto. Com os nossos machados, as nossas pedradas certeiras e as nossas lanças afiadas, estávamos, no mínimo, ao nível dos chacais e dos abutres, embora muitas vezes tivéssemos de lutar duramente. As nossas melhores refeições deviam-se à prática de observar os abutres e persegui-los até ao lugar certo, com a desvantagem de sendo necrófagos ficarmos nas proximidades do assassino, ainda por cima esfomeado. O que implicava o risco de nós próprios servirmos de refeição.

E era um grande risco. O chacal e a hiena podem correr e o abutre voar, mas o pobre macaco acabado de descer das árvores tem que andar com cautela nas planícies. Muitos de nós não se interessavam por esta vida perigosa e limitavam-se à pequena caça, a maior parte das vezes sórdida, e à pouco estimulante e provinciana sociedade que aquela podia sustentar. Os indivíduos melhor alimentados, maiores e mais empreendedores, eram sem dúvida aqueles que seguiam os grandes felinos — leão, tigre dentes-de-sabre, chita, lince, e o resto da tribo — e jantavam quando eles abandonavam a mesa. Era um trabalho perigoso, mas aqueles que preferiam os seus benefícios afirmavam que, de qualquer maneira, os grandes felinos haveriam sempre de comer carne de primata, nem que fosse para variar a dieta. Sendo assim, manter-se próximo deles, não aumentava substancialmente o risco de se ser comido, com a vantagem de se aprenderem muitas coisas úteis acerca dos seus hábitos, o que permitia mais facilmente as ações evasivas em caso de necessidade. E então, quando se tinha mesmo de fugir, estava-se bem alimentado e bem treinado. O principal era saber quando o leão estava com fome ou não estava. A observação deste pequeno pormenor reduzia as baixas a metade. Já ouvi objetar que caçar com o leão foi o que lhe deu o gosto por nós, mas aqueles primeiros caçadores negavam com veemência tal sugestão, e reagiam também à acusação de que eram meros parasitas dos carnívoros superiores. Tem de aceitar-se que, afinal, adquiriram profundos conhecimentos sobre os predadores, o que foi de permanente utilidade para a humanidade.

Embora conhecendo alguma coisa dos carnívoros, não éramos adversários para eles. Não nos atrevíamos a enfrentá-los. Eles eram os senhores da criação e a sua vontade era lei. Mantinham reduzido o nosso número e não podíamos fazer grande coisa contra isso, a não ser voltar para as árvores e desistir de tudo, como se de uma tarefa fracassada se tratasse. Mas, como o Pai estava convencido que nos encontrávamos no bom caminho, não se punha essa questão, exceto para pessoas como o tio Vanya. O Pai estava sendo plenamente confiante de que

aconteceria algo que mudaria o nosso destino. Tínhamos depositado a nossa confiança na inteligência, num grande cérebro e num grande crânio que o continha, e era preciso acreditar nisso para encontrar uma saída. Entretanto, era necessário ter um par de pernas tão bom quanto possível.

— Não há nenhuma razão neste mundo — ouvi muitas vezes o Pai dizer —, para que um homem-macaco não seja capaz de correr cem metros em dez segundos, pular por cima de uma moita de espinhos de dois metros ou, usando uma lança, saltar outra de quatro metros e meio. Um avanço razoável e bíceps para saltar de ramo em ramo, deveria ser suficiente para o livrar de apuros noventa vezes em cada cem. Ele próprio já tinha dado provas de o poder fazer.

Tudo isto era muito bonito, mas não resolvia o problema principal nem remediava a série de pequenos inconvenientes que são inevitáveis quando a tribo dos felinos é a classe dominante. Um deles era sem dúvida o alojamento. Toda mulher-macaco ambiciona um lugar decente onde criar a família, um verdadeiro lar, confortável, quente e, acima de tudo, seco. Ninguém negará, creio eu, que basicamente isto significa uma caverna. Nada mais resolve, de facto, o problema do prolongamento da infância, da continuação estável do processo educacional a seguir ao nível primário, que é a característica mais marcante da nossa espécie. Lá no alto, nos ramos de uma árvore, está-se comparativamente mais seguro, mas dorme-se encavalitado num ramo, meio suspenso, e todos que já o fizeram e poucos de nós, surpreendidos pela necessidade, mesmo nestes tempos esclarecidos, o não fizeram — sabem como é extremamente desconfortável. Por vezes, mesmo os chimpanzés chegam a cair quando têm pesadelos — aquela horrível sensação de queda que, ao acordar, se torna afinal verdadeira. Para uma mulher é ainda pior porque tem de segurar uma ou mais crianças ao mesmo tempo, o que se torna cada vez mais difícil à medida que deixa de lhe crescer pelo no peito e as crianças vão perdendo as suas reações hereditárias de preensão cada vez mais cedo.

Claro que se pode construir um ninho no chão. O instinto de nidificar é muito comum, e mesmo que não fosse podia aprender-se com os pássaros. Pode-se entretecer um pequeno e confortável ninho em poucas horas com qualquer material apropriado, como o bambu ou folhas de palmeira, e uma residência de ramos bastante imponente pode ser construída numa semana se se pretender prolongar a estadia. Num ninho destes é possível dormir estendido, mas não aguenta uma chuvada forte, nem afasta sequer um pequeno leopardo. Por mais que se disfarce cuidadosamente com folhas, por mais que se esconda nos arbustos, tende-se a apanhar reumatismo e a perder o bebé.

Toda mulher-macaco anseia por uma caverna, mesmo uma caverna pequenina, com um teto por cima da cabeça, rocha sólida nas suas costas e uma abertura estreita onde possa resistir e defender as suas crias com alguma possibilidade de êxito. Pode então barrar a entrada com uma árvore derrubada e pode até ter, no interior, um nicho alto onde possa esconder o bebé ou utilizar como despensa. Mas, claro que os animais conhecem isto tão bem como nós, tanto os ursos como os leões ou os tigres dentes-de-sabre, e não há cavernas que cheguem para todos. São poucas, apesar de tudo, as que não poderiam ser ocupadas por várias famílias desalojadas de qualquer

espécie. Mas ninguém as partilha, talvez com exceção para as cobras. Descobrimos que se um dos grandes felinos ocupava uma caverna, éramos por regra obrigados a deixá-lo ficar com ela e, se ela nos pertencia e ele a queria, tínhamos por regra de fazer as malas e partir. Mas isto nunca impediu as mulheres de se queixarem.

De modo nenhum. Queixavam-se e voltavam a queixar-se sobre o assunto. Metade das suas conversas versava o tema das cavernas: as adoráveis cavernas que tinham tido... até os seus machos permitirem que um bruto de um urso qualquer os expulsasse de lá; as cavernas maravilhosas na região mais próxima que poderiam ser ocupadas se tivessem em consideração os pontos de vista femininos, afugentando para outra zona um pequeno grupo de leões (onde, aliás, havia muitas mais cavernas); cavernas ótimas que podiam ser encontradas, sem nenhum leão a ocupá-las, se apenas se procurasse um pouco, em vez de arranjar desculpas acerca da necessidade de passar todo o dia a lascar pedra; e a inutilidade da mísera caverna que atualmente tinham e que nem sequer podia ser considerada como tal, antes um mero refúgio rochoso, um pedacinho de rocha com uma pequena saliência interior onde a chuva entrava empurrada pelo vento, e... ouçam a horrível tosse do bebé.

É verdade que, à noite, estávamos frequentemente tão molhados e com frio como esfomeados, e também assustados, quando a escuridão era invadida pelo rugir do leão levantando a caça, ou pelos latidos das matilhas de cães farejando-a. Podia-se ouvir o inimigo aproximar-se cada vez mais enquanto nos agachávamos contra o mísero pedaço de rocha — pelo qual começaria, inexplicavelmente e sempre, a correr um rio de água gelada —, as mulheres segurando as crianças, os machos empunhando os seus machados de pedra ou as suas lanças, e até mesmo as crianças segurando pedras para arremessar. Os caçadores aproximavam-se mais e mais, e ouvia-se o longo grito de algum veado abatido, pelo que a nossa vez ainda não chegara. Uma hora ou duas de um sono intermitente e a caçada recomeçava. Olhos cintilantes observavam a pequena horda desde a linha negra da selva, brilhando por um instante e passando adiante ou aproximando-se da pobre e fraca fila de paus afiados que defendiam a nossa toca e nos dava mais alguns segundos para atirar as pedras ou trespassar com as lanças. Depois, como um grande projétil, abatia-se sobre nós o enorme corpo, olhos em brasa, mandíbulas entreabertas, o rosnado aumentando num crescendo de triunfo. Erguíamo-nos com o nosso grito de desafio e depois tudo era confuso: paus volteando no ar, pedras voando, mandíbulas abocanhando e garras afiadas irrompendo e rasgando coxas nuas e barrigas expostas. Depois o súbito atacante desaparecia deixando-nos maltratados e a sangrar... e um dos mais fracos teria desaparecido.

Que desilusão para a nossa crença na inteligência contra o puro músculo e as garras retrateis! Algumas vezes saíamos vencedores mesmo contra um ataque frontal. Quando estávamos abrigados numa saliência situada mesmo fora de alcance (e que era proporcionalmente desconfortável) e descarregávamos o nosso vocabulário de insultos no indignado focinho do agressor. Ou quando uma pedrada certa obrigava o gigantesco atacante a afastar-se com uma enorme dor de cabeça. Lembro-me de uma vez que matámos, e prontamente devorámos, um

enorme tigre dentes-de-sabre, que tinha perdido os sabres com outra vítima e pensava que nós seríamos comida mais fácil. Mas as minhas recordações mais fortes são das longas noites de espera numa posição exposta e mal fortificada, dos rugidos cada vez mais fortes do inimigo, dos olhos cintilantes e da carga final.

Não se podia fazer nada a não ser esperar e escutar, a boca seca, um buraco no estômago, o coração aos pulos, os joelhos dobrados preparados para entrarem em ação. Passámos longas noites de vigília nas piores épocas, quando parecíamos perseguidos por hordas de carnívoros que nos atacavam por turnos. Os homens iam desaparecendo, mortos de imediato ou em consequência dos ferimentos, e rapazes ainda pequenos ocupavam as primeiras filas. E eles continuavam a atacar. E então, uma noite, demos também pela ausência do Pai. Naquela manhã tinha observado a cena da carnificina deixada pela batalha da noite anterior. A sua expressão estava cinzenta de cansaço e sulcada de tristeza. Depois voltou-se e, abrindo caminho, embrenhou-se na floresta dizendo apenas:

“Voltarei esta noite. Tenho que fazer uma coisa importante”. A Mãe suspirou e continuou a ligar, com folhas e uma das peles de cobra que guardava para tais emergências, um rasgão horrível no ombro do meu irmão. Naquela noite tinha perdido Pepita, a minha irmã mais nova. Mas quando escureceu de novo, o Pai ainda não tinha voltado. Todos os dias, ao anoitecer, costumava supervisionar a reconstrução e o reforço da paliçada, insistir com todos para que comêssemos algo, nem que fossem apenas raízes e bagas, verificar os machados e afiar as lanças. Sabíamos o que significava a sua ausência — um encontro com um mamute, um pé descuidado em cima de um crocodilo — e, entristecidos, preparámo-nos para fazer o que sempre nos havia ensinado. Por fim, uma lua em forma de foice emergiu entre as estrelas e soubemos que ia ser outra daquelas terríveis noites.

Eles chegaram e olharam-nos ferozmente com os seus olhos incandescentes. Descreveram um círculo à nossa volta e continuaram, disseram à lua que tinham fome e precisavam comer, e foram caçar e de novo voltaram para nós. Então, vi aproximar-se de muito longe uma besta desconhecida só com um olho. Ainda meio adormecido, vi-a, dentro da minha cabeça, como um enorme lagarto com um vulcão a arder na testa, enquanto se dirigia implacavelmente na nossa direção. Um imenso leviatã com armadura que nos engoliria da forma mais amistosa, pondo fim àquela insuportável situação. E caminhava ao nosso encontro, esmagando criaturas mais pequenas, cada vez mais perto, maior e mais brilhante, determinado a apanhar-nos antes que os leões e os leopardos escolhessem os melhores petiscos ou os lobos se precipitassem, vorazes, sobre nós. E exatamente quando todos os dentes da selva pareciam convergir para a nossa paliçada, de súbito a estranha besta saltou, pequena, ágil, castanha e bípede, para o meio de nós e rasgou a escuridão da noite com uma brecha vermelha. Era o Pai, de mão levantada bem ao alto. E, na sua mão, cativo num pau, cintilando e fumegando ameaçador, afastando a selva muito para além do salto de um leão, estava o fogo.

Na manhã do dia seguinte o Pai conduziu-nos, numa pequena e enlameada procissão, daquele lugar ensanguentado para a melhor caverna da região. Tinha um belo pórtico rematado

por um arco, cuja largura rondaria os quatro metros e meio e a altura os seis, protegido por uma saliência rochosa, graciosamente erodida, de onde tombavam raminhos de buganvília formando uma cortina. Em frente, uma plataforma rochosa suave e polida, de agradável aspecto solarengo servia ao mesmo tempo de soleira e varanda; era flanqueada por uma alameda de cedros por onde corria um constante abastecimento de água fresca, boa para beber, tomar banho e despejar detritos. No interior, a caverna era espaçosa: a sala central tinha um comprimento superior a dez metros e meio e uma largura pouco menor com um teto abobadado. Para ambos os lados abriam-se diversas cavernas interiores e alcovas, enquanto ao fundo um túnel estreito conduzia até às entranhas das colinas. Os meus pais inspecionavam estas comodidades modernas com a maior satisfação.

— Pelo menos as pequenas terão um pouco de privacidade, — disse a Mãe.

— Cavernas interiores, — disse o Pai, espreitando para dentro do túnel. — Boas perspectivas para desenvolvimento. Morcegos, claro, mas depressa os eliminaremos. Malcheirosos, mas muito nutritivos. Um quarto privativo interior, uma, num..., uma adega, qualquer dia, quem sabe?

— E bastante espaço em frente para o depósito de lixo — disse a Mãe.

— Sim, minha querida, — concordou o Pai. — Julgo que ficaremos muito bem instalados aqui.

A caverna fora durante muito tempo o lar de uma grande família de ursos que nos fitaram estupefatos quando nos dirigimos a eles para os expulsar. Mal podiam acreditar no que viam. Deve ter-lhes parecido que o jantar estava sendo servido. Então, de repente, o Pai estava a atirar tições incandescentes para o meio deles. Rugindo de fúria e espanto, saíram de roldão da caverna, enchendo o ar com cheiro de pelo chamuscado. O seu chefe, que conhecíamos bem como o maior brigão das redondezas, carregou selvaticamente sobre nós, mas logo descobriu que não éramos presa fácil quando nos colocámos em formação para enfrentar a sua carga, machado numa mão e tição flamejante na outra. O fumo erguia-se em grandes rolos ameaçadores da nossa linha de batalha e o senhor dos ursos estacou subitamente. Os seus seguidores fitaram-no perplexos ao verem o seu campeão hesitar e rosnar em vez de nos atacar. Outro míssil flamejante saiu disparado da nossa pequena falange, deixando atrás de si um rasto curvilíneo de fumo, acertando-lhe em cheio entre os olhos, e incendiando por momentos as suas sobrancelhas espessas. Isto arrumou o assunto de vez. Dando patadas no focinho, enquanto lágrimas de dor e humilhação corriam pelo seu nariz abaixo, o senhor dos ursos bateu em retirada seguido pelo resto do seu grupo.

— Vencemos! — foi o nosso grito, transbordante de alegria mas ainda incrédulo. — Vencemos.

— Claro que vencemos, — disse o Pai. — E aprendam que a Natureza não está necessariamente do lado dos grandes batalhões. A Natureza está do lado da espécie que possui vantagem tecnológica sobre as outras. No momento, somos nós quem detém essa vantagem. — Fitou-nos fixamente, e havia um aviso no seu olhar. — Eu disse “no momento”. Não deixem que uma simples vitória vos suba à cabeça. Ainda temos uma longa caminhada pela frente, — uma

longa caminhada. Mas, por enquanto, tomemos posse efetiva desta sedutora residência.

Assim, mudámo-nos para o nosso novo lar e constatámos que era uma melhoria substancial em relação a todos os outros que ocupáramos antes. Os ursos voltaram várias vezes, sobretudo quando pensavam que o Pai tinha saído para caçar, mas encontraram sempre uma fogueira luminosa e acolhedora ardendo em frente da caverna e mudaram sempre de ideia quanto a atacar-nos. Os leões e os outros felinos também vieram espreitar mas, depois de examinarem o fogo à distância, tentavam fingir que de qualquer modo já tinham um lugar melhor e partiam com toda a dignidade que conseguiam reunir, ao som das nossas gargalhadas trocistas.

— Qualquer dia — disse o Pai — pedirão que os deixemos sentar à volta desta agradável e quente fogueira.

— E nós responderemos “Põe-te a andar, vagabundo!” — disse o meu irmão Oswald.

— Talvez — respondeu o Pai pensativamente. — Ou podemos deixá-los... com certas condições.

— Eu gostaria de ter um gatinho só meu, esganiçou-se William, o meu irmão mais novo.

— Não enchas a cabeça das crianças com disparates, — disse a Mãe.

Naquele tempo éramos um pequeno grupo, dizimado pela violenta perseguição de que fôramos alvo até o Pai trazer o fogo da montanha. Creio que éramos cerca de uma dúzia começando juntos uma nova vida. Havia a minha Mãe, chefe das mulheres, mas tínhamos também cinco tias. A Tia Mildred era uma fêmea gorda e tola, incapaz de atirar uma pedra com alguma precisão; na verdade, pertencia ao Tio Vanya, mas ele abandonara-a quando descobrira que ela também era uma negação ao trepar nas árvores. Ela possuía uma razão especial para gostar do fogo, já que isso fazia com que o Tio nos visitasse de vez em quando, podendo assim manter a pretensão de que ainda eram um casal. A Tia Angela era uma pessoa bastante simpática, acasalada com outro dos irmãos do meu pai, o Tio Ian, do qual ouvimos contar muitas coisas quando éramos pequenos mas que nunca víamos, porque andava sempre viajando pelo estrangeiro. Como não podia enviar-nos sequer um postal para dizer que estava vivo e não era visto havia anos, a Mãe e as outras tias achavam que ele morreria; mas a Tia Angela tinha a certeza de que ele voltaria.

— O menino vai voltar na tarde — afirmava, com o seu sotaque característico, se o nome do tio aparecia na conversa. — El' é o me m' nino, um viajanti incorrigível, mas ê própria estaria co' ele, com 'ele bem sabi, na fora o me pobre coração.

A Tia Angela sofria de palpitações. Mas tinha algo por que esperar, e isso era mais do que se podia dizer da Tia Aggie, da Tia Nellie e da Tia Pam. O companheiro da Tia Aggie fora morto por um leão. A Tia Nellie devia a sua viuvez a um rinoceronte lanudo e a Tia Pam a uma jiboia.

— Ele tentou comê-la, — queixava-se ela — embora eu lhe dissesse que não podia de modo nenhum fazer-lhe bem. Mas ele por acaso ouviu-me? Nem pensar! É o mesmo que comer uma cobra, disse-me. Bom, de qualquer modo, pelo amor de Deus corta-a em bocados, respondi-lhe eu. Mas não. Nem isso fez. Só porque eu lho disse, evidentemente. Disse-me que ela nunca cortava o que comia e, portanto, porque havia ele de fazer doutro modo? Tudo o que ela podia fazer, ele achava que também podia. É claro que não podia. Nem mesmo metade! Mas quando aquele maldito e obstinado doido foi forçado a admitir que, como sempre, eu tinha razão, era demasiado tarde. Que seja uma lição para ti.

Ela contava sempre esta história a qualquer criança que se engasgasse por tentar engolir demasiada comida sem mastigar o suficiente. Noutras ocasiões, porém, a sua expressão amarga ficava húmida das lágrimas; o seu nariz tornava-se vermelho como um morango e ela balançava o corpo anguloso para a frente e para trás numa agonia de remorso.

— Podia tê-la cortado eu mesma após alguns metros, — gemia ela — e ele ainda estaria vivo. Não o fiz porque pensei que aprenderia a lição. Deixei-o ir longe demais, vários metros longe demais. Oh, Monty, Monty, porque me provocaste tanto?

Nesses momentos, ela tornava-se uma figura trágica, e a Tia Aggie e a Tia Nellie sentavam-se, conversando com ela, tentando confortá-la; isto acabava com todas elas gemendo e chorando por causa dos companheiros que haviam perdido.

— Ah, o me lindo m'nino! — lamuriava-se a Tia Aggie. — O leão levô-ti, Patrick, e pôe' proveo l'e fzezte, ao velho Cromwell!

Nessas ocasiões, as mulheres diziam todos os disparates que lhe vinham à cabeça.

— E um rinoceronte lanudo! — soluçava a Tia Nellie.

— Não tinha nada que estar aqui em África, bruto mau, odiento e metediço. Porque não ficou na Riviera, onde há gelo? Claro que perdeu a cabeça, vindo para cá e ficando ridiculamente quente!

Não me lembro de todas as crianças da ninhada e, de qualquer modo, algumas delas acabavam sempre por ser comidas pelos lobos antes de terem tempo de crescer. O mais próximo de mim era o meu irmão Oswald que, desde muito novo, se evidenciou pela sua extraordinária habilidade para caçar e apanhar animais, incluindo peixes. Quando era pequeno pendurava-se durante horas sobre o rio observando os peixes e tentando apanhá-los, tal como via os pássaros fazerem. Acabou por apanhar um peixe grande e tentou comê-lo, quase morrendo como o Tio Monty. Só muito mais tarde encontrámos uma forma verdadeiramente satisfatória de comer peixe.

— Mas devia ser possível comê-lo! — afirmou irritado. — Já vi um leopardo fazê-lo.

— Com a tua idade, não tens nada que andar para aí a observar leopardos! — descompô-lo a Mãe. — Como te atreves, criança desobediente! Vai lascar sílex!

Oswald obedeceu carrancudo; ao contrário de Wilbur, não havia nada que ele mais detestasse. Mesmo quando muito criança, Wilbur possuía uma aptidão natural para lascar. “Muito bem, meu rapaz”, dizia o Pai quando ele batia no bolbo de percussão com uma precisão espantosa para um rapazinho da sua idade. No entanto, embora muito hábil com o sílex e o quartzo, não era muito independente e costumava quase sempre seguir a mim e ao Oswald. Fazia os nossos trabalhos mais pesados, transportando as nossas mocas, afiando as nossas pontas de sílex e carregando para casa tudo o que caçávamos; na maior parte das vezes, era ele quem preparava as armadilhas para a caça miúda e era normalmente o escolhido para roubar mel das colmeias para todos nós.

Também costumávamos encarregar o nosso outro meio irmão, Alexander, dessas tarefas; no entanto, embora demonstrasse bastante boa-vontade, tornava-se difícil contar com ele, já que raramente terminava uma tarefa se não estivesse sendo vigiado e não fosse admoestado sempre que parava. Não é que lhe faltasse inteligência ou persistência, mas tendia a dispersar-se numa grande curiosidade por tudo o que via, sobretudo animais. Nessa altura entrava em transe e tornava-se necessário bater-lhe na cabeça com uma pedra para ele acordar. Ele próprio não sabia explicar isto. A sua observação dos animais era extraordinariamente precisa, mas parecia fazê-la sem uma clara intenção de relacioná-la com técnicas de caça, como fazia o Oswald; e ficava igualmente feliz observando pássaros, a maior parte dos quais é, naturalmente, inútil, a não ser por avisarem da proximidade de caça grossa. O Alexander podia às vezes ajudar-nos em expedições de caça por esta razão. O problema é que ele estava igualmente interessado em papa-moscas, avestruzes ou garças-boieiras.

— Aquele rapaz tem um grande potencial, tenho a certeza, — ouvi um dia o Pai dizer à Mãe depois de o Alexander lhes ter dito que o rinoceronte fêmea caminha sempre exatamente atrás do macho —, mas não faço a menor ideia para quê.

Referia-se frequentemente ao Alexander como “o nosso jovem naturalista”.

Eu tinha ainda um outro irmão muito mais novo, o William, mas o grupo que ajudava o Pai nas expedições de caça era sempre constituído pelo Oswald, o Wilbur, o Alexander e eu.

Dentre as meninas, a minha melhor companheira era a minha irmã Elsie. Tínhamos decidido formar um casal quando crescêssemos. Ela era alta e graciosa como uma jovem gazela e era capaz de correr, saltar e atirar como qualquer rapaz. Tornou-se a ajudante preferida da minha mãe e, à medida que crescíamos, participava cada vez menos nas nossas expedições de caça. Nunca compreendi porque é que, exatamente quando estávamos para sair, a Mãe encontrava sempre algo urgente para ela fazer. Havia nos seus grandes olhos castanhos um desejo ardente quando me dizia:

— Tenho que ficar cuidando do fogo e dos bebês, Ernest, mas traz-me alguma coisa, sim?

Eu trazia sempre. Os olhos de todos os animais que matava, ou um osso inteiro cheio de tutano, ou uma folha cheia de mel ou puré de formigas brancas.

— Obrigada, obrigada, querido Ernest — dizia ela enquanto a metia de uma só vez na sua boca vermelha e voluptuosa. — Eu sabia que não me esquecerias.

Depois quando punha os braços à minha volta e me abraçava deliciada, eu sentia que valera a pena não ter desfrutado do prazer que ela estava sentindo. Não conseguia imaginar mais ninguém por quem o fizesse.

Tínhamos três outras irmãs: Ann, Doreen e Alice. Estava assente entre nós rapazes que, quando fôssemos adultos, o Oswald teria a Ann (que era uma rapariga forte, capaz de transportar caça para casa), o Alexander teria a Doreen (que era maternal e gostava muito dele) e o Wilbur teria a Alice. Ia ser muito simples.

O fogo proporcionava-nos luz depois do sol desaparecer, e aprendemos o infinito luxo de podermos nos descontraír à sua volta durante o serão, mastigando a nossa comida, chupando tutano e contando histórias. Estas, nesses primeiros tempos, vinham sobretudo do Pai, e a melhor de todas era a história de como nos trouxera o fogo selvagem. Lembro-me dela palavra por palavra.

— Todos vocês se lembram — disse o Pai, instalando-se confortavelmente com um pau para afiar, pois quase nunca o víamos inativo. — Todos vocês se lembram como a vida era difícil nesses dias. Estávamos sendo acoissados e dizimados até à extinção. Vocês perderam tios, tias, irmãos e irmãs no massacre. Os carnívoros tinham-se voltado para nós como perspectiva de refeição por causa da escassez de caça unglada nesta região. Não tenho a certeza da causa desta escassez de unglados. Talvez tenha sido causada por uma série de estações secas que reduziram as pastagens, ou talvez alguma nova doença de gado tenha reduzido o seu número. De qualquer modo, desde que os felinos começaram a nos comer à sua vontade, tomaram o gosto e o hábito e, claro, achavam-nos mais fáceis de abater.

— Poderéis perguntar porque é que eu não decidi levar-vos para áreas mais seguras. Claro que ponderei esta possibilidade longa e ansiosamente. Mas para onde iríamos? Para o Norte, para o meio das planícies, onde os carnívoros nos acompanhariam cobrando o seu tributo à medida que avançássemos? Para a floresta de novo, onde mesmo agora o Vanya sente cada vez mais dificuldade em sobreviver? Para mim, era impensável sacrificar centenas de milhares de anos de evolução e de cultura da Idade da Pedra recomeçando de novo como macacos nas árvores. O meu velho pai ter-se-ia revolvido na sua sepultura, que fica na barriga de um crocodilo, se eu tivesse traído dessa maneira tudo aquilo por que ele tinha lutado. Tínhamos que ficar, mas tínhamos que usar a cabeça. Tínhamos que encontrar alguma forma de fazer com que os leões parassem, de uma vez por todas, de nos comer. De que maneira? Acabei por perceber que esta era a questão-chave. É esta a beleza do pensamento lógico: podemos eliminar sistematicamente as alternativas até ficarmos apenas com a questão-base que deve ser respondida.

O Pai retirou do fogo um galho carbonizado e examinou pensativamente a sua ponta fumegante.

— Eu sabia, como todos nós sabemos, que os animais temem o fogo. Nós próprios temos medo dele, sendo animais como os outros. Volta e meia temo-lo visto borbulhar e ferver escorrendo pelas encostas das montanhas incendiando florestas inteiras. Nessa altura, todas as espécies de animais fogem para longe dele aterrorizadas. Nós corremos quase tão depressa como os veados e o perigo irmana leões e homens-macaco. Já vimos montanhas inteiras explodirem em fumo e chamas e todos os animais em pânico a correrem de um lado para o outro. Não é frequente, mas sabemos quais as consequências quando ocorre. Não há pior dor do que a de uma queimadura nem pior morte do que morrer queimado. Ou pelo menos assim parece. Então, o meu problema era conseguir o efeito de um vulcão sem eu próprio explodir. O

que eu queria era um vulcão pequeno e portátil. A ideia genérica ocorreu-me com uma súbita e viva clareza quando, uma noite, estava fortalecendo as barricadas. Mas a ideia geral, a solução teórica, é uma coisa; uma aplicação concreta é muito diferente. Ideias na cabeça não expulsam ursos para fora de cavernas. Sentia-me muito orgulhoso com a elegância da minha teoria, mas apercebi-me de que, se não fizesse alguma coisa além de apreciá-la, seria infalivelmente comido com o resto da minha família.

Como funcionava o fogo? A segunda ideia decisiva, que me ocorreu algum tempo depois, foi a de que devia subir até ao cimo de um vulcão e observar. Era obviamente o que havia a fazer e, depois de ter pensado nisso, garanto-vos que me amaldiçoei por não me ter ocorrido antes. Agora teria que o fazer no meio de uma emergência. Mas era evidente que a minha única esperança de encontrar o tipo de fogo limitado, tamanho-família, que eu pretendia, era subir ao cimo de um vulcão e tentar, de alguma maneira, retirar um pedaço. Não havia mais nenhum lugar onde procurar nem tempo para pensar onde procurar. Decidi arriscar tudo numa última tentativa.

Assim, subi ao Ruwenzori. Guiei-me pelas chamas que emergiam do topo e, contornando os glaciares por um dos lados, subi firmemente. A montanha está rodeada por uma cintura florestal, sobretudo de cânfora e euforbiácea, e atravessei-a o mais depressa que pude, parte do caminho pelo chão e parte dele pelas árvores. A princípio tinha a companhia de animais (javalis africanos, macacos, bastantes felinos e outros animais semelhantes) e de bandos de pássaros. Mas gradualmente, à medida que as árvores iam rareando, vi-me cada vez mais sozinho. Ouvia-se um barulho de roncões subterrâneos que lembravam os de um leão. Finalmente, encontrei-me numa espécie de savana de rochas escurecidas, canteiros de relva e árvores atrofiadas. Estava um frio de morte e havia mesmo manchas de neve. O ar estava a tornar-se rarefeito e eu respirava em arfadas dolorosas. Agora estava completamente só, à exceção de um *Tetratomis*, voando em círculos bem acima do topo das árvores que eu há muito deixara para trás, e que àquela distância não parecia maior do que uma águia. Um vento gelado soprava lugubrememente quando atingi uma região desolada onde os meus ombros tremiam de frio e, no entanto, com as rochas, muitas vezes, dolorosamente quentes sob os meus pés. Comecei a perguntar-me porque é que, de todo, ali tinha ido: à minha frente estendia-se apenas rocha escarpada e lava solidificada e, lá no alto, sob uma nuvem de fumo negro, erguiam-se as bordas gretadas da cratera. A louca presunção da minha procura abateu-se sobre mim: procurar um instrumento que chamuscasse os pelos de um leão num lugar onde as rochas estavam queimadas como se de madeira morta se tratasse. Senti um profundo desânimo e uma desesperada vontade de desistir. Mas apercebi-me que voltar de mãos vazias era o mesmo que não voltar. O puro interesse pela cena que se desenrolava à minha frente fez-me avançar.

A minha persistência foi subitamente recompensada. Descobri que não podia, como era minha intenção, escalar a direito até à beira da cratera porque as rochas erguiam-se diante de mim na vertical por uns seiscentos metros ou mais. Não tinha outro remédio senão mover-me em espiral à volta da cratera mas, quando cheguei à face oposta da montanha, vi uma coisa que reacendeu as minhas esperanças. Vi que não seria necessário ir mesmo até ao cimo, o que

poderia, de facto, ter-me levado dias, mesmo que conseguisse sobreviver a uma noite passada ao relento naquele local. Agora, porém, podia ver que, daquele lado da montanha o fumo e o vapor brotavam de um lugar mais baixo, apenas um pouco acima do lugar onde me encontrava. Alguma forma de fogo devia portanto estar acessível mais abaixo e muito mais longe dos perigos da própria cratera, brilhando e borbulhando a milhares de graus Fahrenheit. Consequentemente, atravessei obliquamente a montanha em direção ao fumo. Aí, depois de duro trabalho, contemplei algo providencial. O interior líquido da montanha estava sendo espremido para fora e a escorrer lentamente pela encosta abaixo. Era como se a montanha tivesse sido rasgada por um inimigo e as suas entranhas vermelhas estivessem sendo obrigadas a sair pelo corte, ou então talvez tivesse tido alguma espécie de ataque bilioso e estivesse a vomitar. Acredito que isto me aproximou da verdade acerca do modo como o próprio mundo foi feito. Mas, infelizmente, só tinha tempo para fazer observações muito apressadas. O que me interessava de forma mais imediata era o facto de que, quando o vômito quente tocava uma árvore que estivesse no seu caminho, essa árvore imediatamente irrompia em chamas.

Portanto, ali estava o que eu queria: uma ligação entre o fogo elementar existente na terra e o fogo portátil que eu procurava. Observando o fenómeno, em breve compreendi o seu segredo: sempre que uma árvore se incendiava, qualquer outra árvore que lhe tocasse pegava fogo em seguida. Aqui estava o princípio da transmissão do fogo, demonstrada na Natureza. Se tocares o fogo com alguma coisa que ele goste de comer, essa coisa incendeia-se. Isto é agora mais que óbvio para vocês, mas lembrem-se de que eu estava a vê-lo pela primeira vez.

O pau que o Pai estava a trabalhar tinha deixado de deitar fumo e ele começou a raspar distraidamente a sua ponta escurecida com uma lâmina de sílex.

— O vulcão era o fogo-Pai. As árvores eram filhos e filhas, mas também elas podiam tornar-se, por sua vez, paus de fogo se tocadas por outra árvore combustível. A simples aplicação da coisa apresentou-se-me num relâmpago. Eu precisava apenas de apanhar um ramo caído, empurrá-lo contra uma das árvores em fogo e depois levá-lo comigo. Tentei imediatamente: foi um trabalho difícil, porque a muralha de lava exalava um calor tremendo e eu tive que me aproximar dela a uma distância de cerca de trinta metros. Mas resultou! O meu ramo tinha fogo! Eu tinha o fogo na mão. Gritei de pura alegria enquanto levava o ramo para longe das árvores em fogo, segurando-o no ar, e vi que um pequeno vulcão brilhava e fumegava realmente sobre a minha cabeça. Com aquela terrível tocha na mão, sabia que podia apavorar até à loucura qualquer leão. Não me demorei mais e apressei-me a voltar para casa. Só quando já tinha andado mais de um quilómetro e meio é que descobri que o meu ramo tinha parado de fumegar e já não era mais do que um toco negro que me queimou a mão.

Assim, voltei para trás para fazer mais algumas experiências. Vi que um pequeno fogo come muito depressa o seu alimento e torna-se necessário dar-lhe mais senão morre. Apercebi-me de que, para o transportar, teria que arranjar uma espécie de muda. Primeiro peguei fogo a um ramo. Depois transporte-o o mais longe possível até ele estar quase a morrer ou ter ardido até à minha mão. Em seguida, arranquei um ramo da árvore mais próxima, peguei-lhe fogo e

transportei-o em substituição do anterior. E assim por diante. Tudo muito simples e lógico depois de o ter feito, mas não antes disso. Este esquema funcionou admiravelmente, embora eu tenha descoberto que algumas árvores não ardem tão bem como outras. Mas, com cuidado, consegui chegar até aqui são e salvo, transportando o seiscentésimo décimo nono ramo da série, com o qual assustei os leões para longe e acendi uma fogueira dentro da paliçada. Foi esse mesmo fogo que trouxemos para aqui e desde então nunca mais se apagou. Mas mesmo que se tivesse apagado, seria muito simples de...

O Pai parou subitamente, de boca aberta, olhando fixamente o pau que segurava.

— Deus do céu! — arquejou ele. — Enquanto estive a falar convosco, e sem sequer pensar nisso, inventei uma coisa importantíssima: a lança para caça grossa, com ponta endurecida pelo fogo!

Andávamos sempre à procura de peças de madeira boa e direita para, com as nossas raspadeiras de sílex, as transformar em lanças, com as quais abatíamos facilmente caça miúda. A sua fraqueza, porém, sempre fora a ponta. Mesmo para matar um pequeno animal era preciso estar muito perto dele, porque a alguma distância, mesmo que pequena, a ponta da lança tinha muito pouco poder de penetração. É difícil chegar a quatro metros e meio de um cervo, e nós perdíamos mais caça do que a que conseguíamos abater. As nossas lanças apenas faziam ricochete no revestimento de animais maiores, e chegar perto da maior parte deles era uma tarefa perigosa. O melhor estratagema era atacar em bando e depois seguir os animais feridos até eles estarem demasiado exaustos para lutar. Porém, às vezes, tudo o que conseguíamos era segui-los até um leopardo ou um leão lhes deitar as garras.

As novas lanças endurecidas pelo fogo tornaram tudo diferente. Para a zebra, por exemplo, elas eram letais a trinta metros, e nós praticávamos regularmente com alvos a sessenta metros. Eu conseguia acertar no olho de um crânio de zebra a cinquenta e cinco metros e o Oswald a sessenta ou até setenta se a lança fosse boa. Evidentemente, praticávamos com lanças rombas porque para endurecer as pontas para a caça tínhamos que recorrer novamente ao fogo. Depois de alguns arremessos as pontas ficavam rombas. Isto limitava indubitavelmente a vantagem das novas armas, mas a sua introdução generalizada foi seguida de um enorme incremento do nosso abastecimento de comida. Já não andávamos tantas vezes gelados e esfomeados.

Começámos a caçar regularmente cavalos e zebras e, claro, sempre que tínhamos hipótese disso, abatíamos também impalas, veados, kongonis, antílopes, cefos, orix e carneiros. Aproximávamo-nos deles furtivamente por entre a erva da altura de um homem que cobria a planície, correndo curvados mas endireitando-nos para observar e fixar a nossa presa. Embora as manadas colocassem sentinelas para as avisarem da presença de perigo, esta capacidade de correr curvados e de nos endireitarmos ou subir a árvores para nos orientarmos funcionava a nosso favor. Só as girafas conseguiam ver por sobre a erva alta melhor do que nós e, normalmente, descobriam-nos quando íamos ainda a caminho. Então, a velocidade de que as suas pernas eram capazes levava-as para bem longe do nosso alcance. Não conseguíamos apanhá-las em grande número e tínhamos mais sorte com os *calicotherium* cujos pescoços eram ligeiramente mais curtos mas que, se estivessem feridos ou acoçados, eram mais perigosos que as girafas, porque podiam abrir-nos rasgões horríveis com os seus chifres de grande envergadura. As novas lanças permitiam-nos também caçar búfalos, mas eles são animais demasiado perigosos e, de início, muitos caçadores perderam a vida por não conseguirem espetar as lanças com a profundidade necessária. Ninguém corre mais depressa que um búfalo mesmo com uma lança espetada no dorso.

Na floresta, sempre caçámos porcos, javalis, macacos, pequenos antílopes e animais do mesmo género, mas agora também podíamos atacar o enorme javali. Nos rios, experimentámos as novas lanças contra crocodilos e hipopótamos, mas elas davam-nos pouca segurança adicional

nesses lugares perigosos, onde, tal como outros animais, tínhamos muitas vezes que arriscar as nossas vidas por um golo de água.

Imitando os crocodilos, fazíamos emboscadas aos animais que vinham ao rio e a charcos de água para beber. A observação do terror de um animal cercado, enredando-se em matas de espinhos e afundando-se em pântanos de papiros, deu-nos a ideia de construir armadilhas. O Pai estava particularmente interessado nelas mas para nós, rapazes, não eram assim tão interessantes, já que nos cabia a tarefa de cavar os fossos para onde os animais deveriam cair. Cavar um fosso de três metros e meio de profundidade por quatro em cada lado significa remover mais de cinquenta metros cúbicos de terra, e isto não tem muita piada quando o instrumento que temos para cavar é um pau com a ponta endurecida pelo fogo, uma omoplata de cavalo e as mãos nuas. No entanto, o Pai insistia em que o fizéssemos. O que ele apreciava nas armadilhas, disse-nos, era a sua qualidade automática. “Bem sei que é um trabalho duro”, concordou, “mas a ideia está certa. Só precisamos de inventar um equipamento mais eficiente para remover a terra”. No entanto, nunca o fizemos, e foi para nós um alívio quando, mais tarde, ele teve a ideia de, com uma corda de trepadeiras, suspender uma lança com a ponta para baixo, entre duas árvores, de tal modo que a corda passasse à volta da lança e entre as árvores, à altura exata das presas de um javali antes de ser amarrada na posição correta de um dos lados. Quando o javali partia a corda, aí vinha a lança espetando-se entre as suas espáduas. “A origem do feedback”, disse o Pai enigmaticamente, e teria equipado toda a floresta com o aparelho não fosse o risco de esquecermos as suas localizações e cairmos nós próprios nele. Uma vez, o Tio Vanya escapou por um triz e veio queixar-se.

Caçávamos muito e longe, com uma nova autoconfiança nascida das nossas lanças e da segurança da nossa caverna defendida pelo fogo. Quando matávamos, esfolávamos e cortávamos a vítima aos bocados no próprio local onde caía, banquetecendo-nos com o sangue, os miolos e as entranhas, ao som do alegre chip-chip-chip das facas de sílex sendo afiadas por turnos. Depois, esquartejávamos o animal e levávamos os bocados para casa sobre os ombros: eram troféus vistosos comparados com coelhos, texugos, esquilos e pequenos antílopes que, em tempos, haviam sido frequentemente as nossas únicas presas. Com as lanças, facilmente afastávamos quaisquer hienas que quisessem juntar-se a nós e podíamos transformar numa vantagem para nós a guerra civil entre os animais. Procurávamos as lutas entre rinocerontes ou elefantes na época de acasalamento e dávamos o golpe final no animal vencido, ferido e exausto, após o que a horda inteira se concentrava na carcaça, qual bando de abutres, e comia dela durante um fim de semana inteiro. Os enormes machados subiam e desciam enquanto as poderosas vértebras eram cortadas e os enormes fêmures, tão maciços como os troncos de árvore caídos na floresta, eram abertos à procura do seu rico tesouro de tutano. Uma caça mais eficiente permitia às mulheres ficarem mais tempo em casa em vez de seguirem os caçadores para conseguirem a sua parte na matança. “O lugar das mulheres é na caverna”, começou o Pai a dizer.

Nós rapazes participávamos da caçada, não só porque éramos necessários mas também

porque o Pai achava que não havia qualquer alternativa ao método direto em educação. Desde a mais tenra idade, evidentemente, uma das nossas tarefas indiscutíveis era lascar sílex. Do ponto de vista do Pai, um rapaz que não estivesse realmente a dormir ou a caçar com o grupo devia estar entregue à lascagem. Também achava que nunca era demasiado cedo para começar. Quase imediatamente após o nascimento, eram colocados seixos em cada uma das pequeninas mãos do bebé e, depois de engolir alguns, ele rapidamente aprendia a bater com eles uns nos outros imitando os mais crescidos.

— Nunca esqueçamos, — dizia então o Pai —, que tudo depende da nossa capacidade de enviar os olhos. Embora tenhamos duas mãos e visão estereoscópica, não nos seria possível lascar sem focar o olhar.

As raparigas também tinham que lascar sílex.

— Uma rapariga deve ser capaz de se sustentar a si própria, — dizia o Pai —, mesmo nestes tempos. Uma rapariga que consegue obter uma aresta realmente afiada num pedaço de obsidiana nunca terá problemas em encontrar um companheiro ou uma boa refeição.

Assim, a tarefa de lascar sílex nunca estava acabada, e o Pai nunca se cansava de falar acerca dos pormenores importantes desta arte. Por exemplo, quando nos queixávamos da fragilidade das arestas que produzíamos com tanto esforço, ele encorajava-nos de imediato.

— Não esqueçam — dizia-nos —, que a fragilidade das lascas tornou possível a ascensão do Homem. Durante milhares de anos, os macacos usaram ferramentas antes de pensarem em fabricá-las, e isto porque uma lasca produzida acidentalmente proporciona frequentemente uma peça com um bordo afiado, e tudo o que há a fazer é apanhá-la para que seja nossa. Então, alguém deixou cair uma e viu como isso acontece, e durante mais alguns milhares de anos a arte de fabricar ferramentas resumiu-se a deixar cair um pedaço de sílex sobre uma rocha e apanhar os bocados utilizáveis. Se vocês pensam que o que estão a fazer é trabalho duro, então tentem produzir as vossas raspadeiras dessa forma! Finalmente, em vez de deixar cair o sílex, os homens começaram a bater nele, rodando o núcleo ao acaso por entre golpes para descobrir a melhor face para o golpe seguinte. Foi assim que todos nós começámos. Vocês sabem que não conseguimos uma lasca decente em cada dez com este método. Os métodos modernos acabaram com este desperdício de tempo e material. Agora removemos uma lasca de um lado do núcleo — assim! — e depois usamos essa superfície como plataforma para golpes de modo a conseguir novas lascas assim! Uma! Duas! Três! Quatro! — que beleza! Veem agora como as lascas são uniformes, e como é mais leve o golpe que é preciso desferir no sílex? E podem variar a intensidade da força. Levemente — assim! — para uma lasca, ou mais forte — assim! — quando a superfície o exige. E agora, fazem favor, quero ver todas essas lascas retocadas antes do almoço.

O segundo grande departamento de educação era o estudo dos animais que caçávamos e dos que nos caçavam a nós. Tínhamos que aprender onde viviam, de que viviam, como passavam o tempo, que cheiros produziam e que linguagem utilizavam. Desde a mais tenra idade éramos capazes de reproduzir o rugido do leão, o pigarrear do leopardo, o bumbum do avestruz, o

trompetear do elefante, o bufar do rinoceronte e o triste gemido da hiena. Aprendemos porque é que as zebras e os cavalos, com pés tão ligeiros, se atreviam a relinchar tanto e porque é que os impalas e as gazelas se mantinham tão calados. Em segurança nas árvores, os macacos podiam conversar uns com os outros, tal como nós o podíamos fazer, lança em riste, no chão, mas as grandes manadas moviam-se silenciosamente, rodeadas de inimigos. Aprendemos onde encontrar os ovos das tartarugas e dos crocodilos e como roubar as pequenas crias nos ninhos dos pássaros. Sabíamos como apanhar o escorpião e destruir a sua cauda antes de o comer.

Também estudámos economia botânica. Alguns frutos, fungos e raízes podiam ser comidos; outros não. Durante toda a Idade da Pedra, pioneiros tinham dado as suas vidas para descobrir exatamente quais eram uns e outros. O instinto tornara-se demasiado atrofiado para nos avisar. Tínhamos que aprender a diferença vital entre a raiz de mandioca que alimentava e a que matava. Tínhamos que aprender quais eram os frutos interditos e mantermo-nos afastados da árvore proibida, a *Aconcanthera abyssinica*, cuja simples seiva era morte certa.

Quando começámos a caçar o cavalo e a zebra com regularidade, começámos a pensar nos grandes felinos menos como inimigos e mais como rivais e até exemplos a seguir na mesma profissão. Observávamo-los em ação: leopardos e chitas nas montanhas altas, leões e tigres dentes-de-sabre nas planícies, pumas, ocelotes e caracais na selva e nas árvores, e hienas por toda a parte. Não podíamos deixar de ficar impressionados pela maneira como estavam equipados para a perseguição: olhos que viam, bigodes sensitivos na escuridão, garras retrateis para agarrar a presa e trepar às árvores, trinta poderosos dentes, uma boa camuflagem para se aproximarem silenciosa e furtivamente da presa e uma velocidade considerável, com uma aceleração de ponta de mais de cem quilómetros por hora.

O Pai admirava-os tanto como todos nós mas avisou-nos para não exagerarmos.

— É apenas especialização — disse-nos. — Máquinas soberbas com um único propósito: caçar. Matam a caça com a máxima perfeição, e essa é a sua fraqueza. Não há nada mais que possam fazer. Não evoluirão muito mais, acreditem-me. Vocês podem pensar que o farão, com toda aquela força e astúcia, mas eu duvido. Duvido mesmo muito. Se a caça desaparecesse, eles passariam fome: não sobreviveriam à base de cocos! Alguns deles já passaram mesmo os limites. Reparem no tigre dentes-de-sabre. É capaz de dilacerar a jugular de um rinoceronte, mas quem é que quer alimentar-se de rinoceronte? Aqueles dentes, na maior parte do tempo, incomodam-no horrivelmente. O tigre dentes-de-sabre tinha tudo a seu favor quando os animais eram maiores do que o são agora, e não há dúvida de que matou *Brontops*, *Amebelodon*, *Megatherium* e os outros antigos mamíferos de que o meu pai me falava quando eu era criança. Os seus sabres fizeram-no poderoso na terra quando a velocidade era muito menor do que é agora mas, hoje em dia, ele passa metade do tempo a tropeçar neles. Lembrem-se do que vos digo: ele, por exemplo, está a caminho da extinção. Os outros talvez se aguentem por mais algum tempo, mas chegará o dia em que virão pedir-nos os restos das nossas refeições.

Rimo-nos disto, mas o Pai abanou a cabeça.

— Podem rir-se, mas ainda haveremos de reduzir o leão às suas devidas proporções. Não

estou a afirmar que não há outros animais que o não possam fazer mais depressa e melhor. Mas seriam provavelmente antropóides. Eu estou sempre alerta para esse perigo. Nunca se sabe o que se anda a preparar por aí. De qualquer forma, o importante é manter uma firme noção de alguns princípios sólidos e corretos. E estou bastante seguro de que o princípio da especialização faz parar a evolução, mais cedo ou mais tarde. No entanto, os animais são fatalmente atraídos por ele. Reparem no velho *calicotherium*, por exemplo. Ele não é um cavalo, um veado ou uma girafa. O seu pescoço é demasiado curto para lhe permitir ver melhor que os outros ou para chegar à folhagem mais alta das árvores quando as grandes manadas comeram toda a erva. Mas é demasiado longo para que possa fazer uso eficaz dos seus chifres. Não tem cascos adequados e, por isso, não é capaz de uma verdadeira velocidade. Não é uma coisa nem outra, e os verdadeiros especialistas vão empurrá-lo para a extinção.

— Mas nós também não somos nem uma coisa nem outra — disse eu.

Os olhos baixos e salientes do Pai estavam pensativamente semicerrados.

— Lá isso é verdade, meu rapaz, lá isso é verdade. Nós abandonámos as árvores e tornámo-nos predadores. Porém, faltam-nos os dentes e a velocidade dos felinos. Mesmo assim, a nossa força está em não sermos especializados. Seria retrógrado voltarmos a andar sobre as quatro patas e deixar crescer os caninos. Os gatos e os cães podem caçar. Mas que mais podem fazer? Absolutamente nada.

— Mas, Pai, quem é que quer fazer outras coisas? Perguntou o Oswald.

— Admito que tu és um pouco especializado, Oswald — disse o Pai acidamente. — Mesmo assim, gostaria que deixasses a tua mente primitiva meditar ocasionalmente em assuntos mais elevados.

— Mas o que mais há para fazer? — insistiu o Oswald.

— Espera e verás — disse o Pai, comprimindo os lábios. — Espera e verás.

— Sim, desta vez arranjaste-a bonita, Edward — disse o Tio Vanya, enquanto mastigava ruidosamente uma espádua de cavalo.

— Já disseste isso outras vezes — retorquiu o Pai, que estava a haver-se com o melhor bocado de um javali. Mas, afinal, que mal tem o progresso? Diz-me lá.

— Tu chamas-lhe progresso — disse o Tio Vanya, atirando para o fogo um pedaço incomedível de cartilagem. — Eu chamo-lhe desobediência. Sim, Edward, desobediência. Nenhum animal tentou alguma vez roubar fogo do topo das montanhas. Tu transgrediste as Leis estabelecidas pela Natureza. Agora gostaria dum pouco desse antílope, Oswald, se fazes favor.

— Eu vejo-o como um passo em frente — insistiu o Pai. — Um passo evolutivo. Talvez um passo evolutivo decisivo. Então, porquê desobediente?

O Tio Vanya apontou-lhe acusadoramente uma clavicula.

— Porque o que tens estado a fazer te retirou da Natureza, Edward. É uma presunção danada, não vês? E isto para o dizer da forma mais suave. Tu eras um simples filho da Natureza, cheio de graça, fazendo parte da ordem natural, aceitando as suas dádivas e as suas penas, as suas alegrias e os seus terrores: tão cheio de vida, tão autossuficiente, tão inocente. Eras uma parte do imenso e poderoso complexo de fauna e flora, vivendo em relação de perfeita simbiose, mas movendo-se com infinita lentidão na majestosa caravana da evolução natural. E agora, onde estás?

— Bem, e onde estou? — opôs-se o Pai.

— Desligado — retorquiu asperamente o Tio Vanya.

— Desligado de quê?

— Da Natureza, das tuas raízes, de qualquer verdadeira sensação de pertença. Do Éden.

— E de ti? — sorriu o Pai.

— Isso de certeza — disse o Tio Vanya. — Eu desaprovo. Já o tinha dito antes. Desaprovo com todo o meu ser. Continuo um simples e inocente filho da Natureza. Fiz a minha escolha. Permaneço macaco.

— Um pouco mais de antílope, Vanya?

— Vou experimentar o elefante, obrigado. E não penses que marcaste pontos aí, Edward. Qualquer animal debaixo de stress por causa da fome se volta para comida pouco habitual: é a lei da sobrevivência. Frutos, raízes e larvas constituem a minha dieta normal, mas estou autorizado, em circunstâncias especiais, a comer caça. Eu diria mesmo que este elefante está um pouco passado, não acham?

— De facto. Ainda não somos muito hábeis a matar elefante. Ferimos este e tivemos que segui-lo quilómetros a fio. E levou dias para o arrastar para casa. Pesa bastante, o elefante. Mas dura muito.

— Oh, não se desculpem. Isso seria ridículo, tendo percebido como todo o processo é inadequado. Não me importo se está um pouco passado. Torna-se mais fácil de mastigar. Vocês

não têm dentes para carne, como sabes, Edward. Passam metade do vosso tempo a mastigar, todos vocês. Muito pouco saudável.

— Sim, admito que isso é um problema — disse o Pai.

— Ai tens! Não podes dizer que a Natureza não faz os seus mandamentos absolutamente explícitos. Não serás um caçador de caça grossa porque não tens dentes para isso. Como poderia ser mais claro? Ou isto: não roubarás fogo da montanha porque possuis uma agradável pele revestida de pelo para te manter quente.

— Eu não a tenho — protestou o Pai. — Não a tenho há anos. Além disso, não era de todo essa a questão. Tínhamos que fazer com que os felinos parassem de nos comer. Isso era natural, não era? Evidentemente, o fogo é muito útil noutras coisas, agora que o temos.

Oswald, meu rapaz, atira-lhe outro tronco, por favor.

— Não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal — disse o Tio Vanya sombriamente, dando um passo atrás.

— Além disso, não estou de modo nenhum certo de que já estejamos desligados da Natureza — disse o Pai. Ainda não respondeste à minha questão. Porque é que a descoberta do fogo não há de ser uma forma de adaptação, tal como o alongamento do pescoço das girafas ou o desaparecimento dos dedos das patas dos cavalos? Suponhamos que me crescia uma pele revestida de pelo se o gelo descesse até aqui, mas ia levar um tempo tremendamente longo. E depois, quando o clima voltasse a aquecer, teria de passar por outro longo período de desconforto para reaver a pele lisa que tenho agora. Devia ser possível pôr e tirar a pele quando necessário. Aí está uma ideia, sabes, embora possa ser difícil de pôr em prática.

O Tio Vanya resfolegou.

— Neste momento, temos o fogo, e podemos acendê-lo e apagá-lo quando queremos. Isso é adaptação. O mesmo que evolução, só que chegamos lá mais depressa.

— Mas é isso mesmo, seu maldito projeto de homem! — gritou o Tio Vanya. — Não vês que não tens qualquer direito de acelerar as coisas? A apressar os acontecimentos, é o que estás a fazer, em vez de te deixares levar por eles. Pretendendo que tens uma vontade, até mesmo livre arbítrio. Forçando a Natureza. E tu não podes forçar a Natureza. Vais descobrir isso.

— Mas é a mesma coisa! — disse o Pai indignado. Vamos um pouco mais depressa, apenas isso.

— Não é o mesmo — disse o Tio Vanya —, é completamente diferente. É ir a uma velocidade de loucos. É tentar fazer em milhares de anos o que deveria demorar milhões e milhões, se é que devia mesmo acontecer, o que a mim me parece altamente improvável. Ninguém foi criado para viver a este ritmo aniquilador. Não me venhas dizer que é evolução, Edward. Além disso, não te compete a ti decidir se vais continuar a evoluir ou não. O que tu estás a fazer, pelo que tu mesmo dizes, é algo inteiramente diferente. O que estás a fazer, lamento muito dizê-lo, é tentares aperfeiçoares-te. E isso é antinatural, pura desobediência, presunçoso e, posso acrescentar, vulgar e materialista, próprio da classe-média. Agora, Edward — disse o Tio Vanya com maldade. — Confessa lá. Achas que estás a criar uma espécie totalmente nova, não

achas?

— Bem, — disse o Pai algo incomodado — apenas me ocorreu...

— Eu sabia! — gritou triunfalmente o Tio Vanya. Edward, eu posso ler em ti como...como... bem, eu sei exatamente o que tu andas a tramar. O orgulho, o pecaminoso orgulho do ser. Não passará sem castigo, lembra-te do que te digo. Não podes escapar. Não, e digo-te porquê: já não és inocente, mas és ignorante. Não quiseste saber da tua fidelidade à Natureza e agora pensas que podes dirigi-la à tua vontade. Bem, vais descobrir que não é tão fácil como pensas, meu caro! Melhoramentos, hem? O instinto não é suficientemente bom para ti, hem? Veremos onde isso te leva... Deus me valha, o que está a fazer esse abominável rapaz?

O Alexander saltou com ar de culpa mesmo por detrás do tio e correu para as árvores. Mas o longo braço do Tio Vanya foi demasiado rápido para ele e, num instante, puxou-o de volta por uma orelha.

— Au! — gritou o Alexander, enquanto a sua orelha era retorcida sem misericórdia.

— O que estavas tu a fazer? — rugiu o Tio Vanya.

— Eu... eu estava só... — soluçou o Alexander, e rompeu em pranto. Tinha um pau carbonizado na mão e todo o seu corpo estava listado de preto.

— Isto é um ultraje! — trovejou o Tio Vanya.

— Deixem-me ver — disse o Pai, aproximando-se rapidamente.

Todos nós nos amontoámos à sua volta e seguimos o olhar fixo e furibundo do Tio Vanya. E um grito de espanto elevou-se no ar.

Ali, na superfície da rocha, estava a sombra do Tio Vanya, fielmente delineada a lápis de carvão. Era sem dúvida a sombra do Tio Vanya: ninguém poderia confundir aqueles enormes ombros curvados, aqueles joelhos peludos meio fletidos e as ancas felpudas, aquela mandíbula saliente e, sobretudo, aquele braço simiesco estendido num gesto típico de acusação. Ali estava a sombra, fixa e imobilizada do modo mais espantoso, entre todas as outras sombras dançando e oscilando à luz da fogueira.

— O que é isto? — perguntou o Tio Vanya numa voz terrífica, embora só houvesse uma única e desastrosa resposta.

— Ar... arte representativa — guinchou o Alexander.

— Criança horrível, — gritou o Tio Vanya. — Que fizeste com a minha sombra?

— Ainda a tens, ou então cresceu-te outra muito depressa, Vanya — disse o Pai, apaziguador. — Não a vês?

— Ah, — disse o Tio Vanya, a sua ira abrandando um pouco. — Sim, parece que tenho. Mas não permito que os teus abomináveis fedelhos me separem da minha sombra, nem por um momento, Edward. Eu podia ter ficado seriamente ferido. E também não tens direito a essa aí. Quero-a de volta, e já, estás a ouvir?

— Apanha-a e dá-lha, Alexander — disse o Pai severamente, e o infeliz Alexander tentou.

— Não posso, — disse ele a choramingar. — Mas posso apagá-la.

Para nosso espanto, a sombra desapareceu sob o pé sujo do Alexander.

— Era só uma pintura, — disse ele.

— Só uma pintura! — exclamou o Tio Vanya. — Essa ultrapassa tudo, lá isso é verdade. Vês, Edward? Vês como não és capaz de controlar essa coisa a que tanto gostas de chamar progresso? Não farás uma imagem gravada do teu tio — silvou ele na torturada e aterrorizada orelha do Alexander.

— Foi má-educação, Vanya — disse o Pai — e eu vou dar-lhe uma sova, mas acho que o rapaz não teve qualquer má intenção.

— Não teve qualquer má intenção! — arfou o Tio Vanya. — Edward, tu és um tolo. Isto é uma geração de víboras. Vou-me embora.

— Para onde? — perguntou o Pai inocentemente.

— Para as árvores! — gritou o Tio Vanya. — Para a Natureza!

O Pai sovou o Alexander, mas, via-se bem, sem verdadeira convicção.

— Não desenes os contornos da sombra das pessoas, meu rapaz — disse ele. — Isso não se faz. Presta-se a mal-entendidos e leva a situações desagradáveis. Neste estádio de desenvolvimento cultural temos de agir com cautela em assuntos como este. No entanto, isso não significa que as tuas... hum... capacidades de auto-expressão tenham que ser inteiramente suprimidas. Vou pensar nisso.

Mais tarde, o Alexander e o Pai passaram muito tempo juntos num local onde as rochas desciam na vertical até ao solo. De vez em quando, um deles voltava à fogueira para apanhar paus semicarbonizados. Quando tentávamos ver o que estavam a fazer enxotavam-nos para longe. Mas, por fim, uns dias mais tarde, voltaram triunfalmente à caverna gritando “Agora já podem vir ver!”, e nós debandámos para a face rochosa. Aí, magnífico, de tamanho real e pelo eriçado, estava um enorme mamute negro! As tias gritaram e fugiram aterrorizadas, e as crianças correram em todas as direções subindo à primeira árvore que encontraram. Só o Oswald, o Wilbur e eu estávamos armados e atirámos de imediato as nossas lanças. “Atrás da ponta das orelhas! Atirem se querem viver, rapazes!” rugiu o Oswald. Mas o mamute manteve-se imperturbável enquanto as lanças faziam ricochete no seu couro. Então reparámos que o Pai e o Alexander se agarravam à barriga de tanto rir.

— Não faz mal, — disse o Pai. — Demonstrámos um importante princípio psicológico.

— Mas é um mamute —, disse o Oswald. — Podia jurar que...

— O quê? — perguntou o Pai.

— Que o vi mexer, — murmurou baixinho o Oswald.

— Exatamente, — disse o Pai.

— É a sombra de um mamute, — disse eu. — Mas onde está o mamute?

— Aposto que o ferimos, — disse o Oswald. Devíamos seguir-lhe o rasto e apanhá-lo.

— Acho que, da próxima vez, é melhor desenhares um antílope, — disse o Pai para o Alexander. — Os caçadores têm as mentes pavorosamente literais.

No entanto, pouco depois, eu e o Oswald fomos atrás de um mamute e caçamo-lo! Era a imagem chapada da sombra. E depois, aconteceu uma coisa muito significativa: a sombra na rocha desapareceu. Parecia-me estranho que pudéssemos comer o mamute sem afetar a sua sombra e, na manhã após o termos comido, fui atirar uma lança ou duas à sombra. Estava uma manhã maravilhosa, brilhante, fresca e dourada como fica depois da chuva. A sombra tinha desaparecido. Apressei-me a voltar e anunciei a novidade.

O Pai ficou zangado. Simplesmente não me acreditou, embora depois fosse obrigado a admitir que eu tinha razão. Ficou a olhar fixamente para a rocha nua durante cerca de uma hora e depois disse:

— Há uma razão perfeitamente simples e natural.

— É claro que há Pai, — disse eu. — A sombra está dentro de nós juntamente com o mamute.

— Ernest, meu rapaz, — disse o Pai —, com um cérebro subtil como o teu, podes ir longe. Longe demais, provavelmente. Vai lascar sílex até eu te dizer que podes parar. Não devemos deixar esse cérebro aquecer demasiado.

Era um trabalho insuportável e repetitivo para um intelectual. E só me consegui livrar dele passado muito, muito tempo. Eu nunca tivera Alexander em grande conta mas agora, após este

súbito desabrochar do seu talento, sentia por ele um crescente respeito. Tornou-se rapidamente capaz de capturar na rocha as sombras de toda a espécie de animais e a sua arte atraía grandes e admiradas audiências. Eu congratulava-me por poder ser demonstrada uma correlação importante entre a captura das sombras, o ato de lhes atirar lanças e a morte subsequente dos animais. Para mim, ficava imediatamente óbvio que isto tinha implicações de grande valor prático — na realidade, possibilidades fantásticas. O Pai cismava, durante períodos para mim inexplicavelmente longos, sobre o modo como o trabalho do Alexander desbotava gradualmente até desaparecer como resultado das nossas caçadas.

— Obras-primas, — dizia tristemente. — Primitivos soberbos. E todos perdidos. Uma técnica brilhante, uma composição sólida, mas um meio de suporte temporário e superfícies impreparadas e desprotegidas: meu pobre rapaz, a posteridade nunca te prestará as honras devidas. Duvido que durassem mais dentro da caverna, mas porque é que não desenhas lá dentro?

— Porque lá dentro não consigo ver nada, — disse o Alexander.

— Oh, a luz e água por companhia — rezou o Pai e afastou-se suspirando.

Ninguém podia chamar ao Pai um homem temperamental e durante a maior parte do tempo mostrava-se alegre, enérgico e atarefado, encontrando trabalho para toda a gente e supervisionando tudo. Num momento discutia com as tias a raspagem e curtição das peles. Em seguida, estudava as propriedades tênses das lianas ou meditava no uso a dar aos chifres retirados dos animais.

— O segredo da indústria moderna reside na utilização inteligente dos produtos derivados, — observava de cenho franzido e, em seguida, num gesto repentino, agarrava nalgum bebé que gatinhava, batia-lhe selvaticamente, punha-o de pé e repreendia as minhas irmãs:

— Quando compreenderdes que aos dois anos eles já deviam tentar andar de pé? Digo-vos que temos de os treinar para perderem esta tendência instintiva de voltar à locomoção quadrúpede. Se isso não se perder, está tudo perdido! As nossas mãos, os nossos cérebros, tudo! Começámos a andar erguidos já no Mioceno, e se pensam que eu vou tolerar que um bando de miúdas indolentes destruam milhões de anos de progresso, estão muito enganadas. Mantém-me essa criança nas patas traseiras, menina, senão bato-te com um pau, verás senão bato.

Porém, nestas alturas, ele parecia cair em crises de depressão e desencorajamento. Isso intrigava-nos, porque nunca antes fôramos tão prósperos. Nós rapazes voltávamos das expedições carregados de caça e o Pai olhava-nos carrancudo e dizia:

— Bem, bem, antílope, babuíno, outro antílope. Muito comestível, sem dúvida, mas o que foi que vocês fizeram de novo?

Contávamos de novo a história da caçada e o Pai ouvia atentamente com as mulheres, mas acabava sempre por dizer:

— Pois, pois, mas é sempre a mesma coisa. O que é que fizeram realmente de novo?

— Mas, Pai, o que é que nós podemos fazer de novo na caça? — protestava o Oswald. Caçamos da forma como nos ensinou. Quer que vamos caçar leões?

— Não, não era isso que eu queria dizer. Vocês sabem que não, — replicou o Pai rabugento.
— Não podem ir caçar leões até terem... bem é isso mesmo. Sentem-se satisfeitos com o vosso equipamento?

— Claro, Pai, — disse o Oswald.

— E tu, Ernest, que progressos tens feito? Exclamava o Pai voltando-se para mim com impaciência. — Já és praticamente um adulto!

— Bem, Pai, — disse eu. — Eu andava a pensar fazer magia com sombras...

— Pffffff! — exclamou o Pai com despeito. — E estes são os meus filhos adultos!

William... bom, suponho que ainda sejas demasiado novo para fazer exames.

— Tenho isto, — anunciou inesperadamente o William.

— O que é isso? — perguntou o Pai ríspidamente, e o William mostrou um objeto pequeno a espernear.

— É um filhote de cão, — disse o William. — Um cachorro. Chamo-lhe Farrapos.

— Tem cuidado, não te dê uma indigestão, — disse a Mãe. — Ficam horrivelmente duros em pouco tempo por causa das correrias constantes. É melhor comê-lo rapidamente, mas mastiga bem, querido.

— Mas eu não o quero comer, — gritou o William choroso.

— Então atira-o para aqui, — disse o Oswald.

— Não! — guinchou o William. — Não quero. Não quero que ninguém o coma. Ele é meu!

Nenhum de vocês o vai comer, ouviram? Pobre Farrapos.

— Perdeu completamente o juízo, — arquejou o Oswald.

— O cachorro vai mordê-lo Pai, — disse eu. — Tiro-lhe?

— Não te atrevas, Ernest, — gritou o William. — Senão digo-lhe que te morda a ti.

— Ele foi sempre uma criança histérica, — recordou a Tia Nellie, apaziguadora. — Costumava ter estas crises com muito mais frequência quando era mais no vinho. Agora, entrega-me, William querido, os cachorrinhos mordem muito. E, sabes, têm hábitos tão sujos. Deixa--me cortá-lo e depois podes comê-lo todo ao jantar.

— Odeio-vos! Odeio-vos! — gritou o William, e o cão começou a latir furiosamente.

— Esperem lá, esperem só um momento, — disse o Pai quando o Oswald se levantou comum ar ameaçador. Isto pode ter mais interesse do que parece. Senta-te, Oswald. Acalma-te, William. Então, não queres comer o cão. Muito bem, não és obrigado a isso. Mas o que farás com ele?

— Eu... — o William engoliu em seco antes de continuar. — Eu ia criá-lo, Pai. A mãe dele foi morta, tal como as irmãs e os irmãos. Ele está completamente só no mundo e é demasiado novo para se juntar à matilha. É bastante amigável, pelo menos na maior parte do tempo. Pensei que pudesse crescer comigo e que pudéssemos ser amigos para sempre.

— Mas para que raio serve isso? — perguntou o Oswald impaciente. — Mesmo que assim fosse, o melhor que podia acontecer era ficar demasiado duro para comer. Não sejas infantil!

— Chega, Oswald, — disse o Pai. — Faz-me o favor de deixares este assunto comigo. Agora,

William, eu não disse que tu eras um rapazinho mau. Mas tens que dar ouvidos à razão. Quais as vantagens de teres por amigo um cão enorme e amarelo a rosñar? Iria apoderar-se da tua comida, tão certo como ovos serem ovos.

— Eu não me importava, — disse o William com obstinação. — Não enquanto ele fosse pequeno. Quando crescesse, podia caçar comigo e partilharíamos o que apanhássemos. Seria muito útil numa caçada, porque corre depressa.

— Bem, — gritou o Oswald com uma grande gargalhada —, de todas as ideias idiotas...

— Calado, Oswald, — disse o Pai asperamente. Calados, todos vocês! Isto não é tão tolo como supõem. Deixem-me pensar... William, não estou bem certo, mas tenho a impressão de que, apesar de tudo, descobriste algo mesmo novo. O cão, o fiel amigo do homem. Homens e cães caçando juntos. Hum... Sim, a coisa pode fazer sentido. Pode fazer imenso sentido! Cães de caça, cães de toca, cães de água, cães apontadores, cães de busca... as possibilidades são estupendas! William, qual é exatamente o estágio do teu relacionamento com esse rafeiro?

— Bem, — disse o William na defensiva —, ando a ensiná-lo a pedir. Ele já quase consegue.

— Mostra lá — disse o Pai.

Juntámo-nos todos à volta do William. Ele segurou o cão no chão pelo cachão, levantando na outra mão um osso de avestruz cerca de um metro acima dele.

— Ele tem que se sentar nas patas traseiras, explicou o William —, e levantar as patas dianteiras até eu lhe dar o osso. Mais tarde, vou ensinar-lhe “quieto” e “agora”. Significa que não deve tocar num osso até eu lhe dizer “agora”, depois de lhe ter ordenado “quieto”. Depois vou ensinar-lhe “por favor” e “obrigado”, e depois disso ensino-lhe “segue” e depois...

— Sim, sim, — disse o Pai. — Vejo que planeaste todo o sistema muito cuidadosamente, William. Mas agora vamos vê-lo sentar-se e pedir.

— Está bem, — disse o William inseguro. — Agora, Farrapos, pede! Pede, Farrapos, bonito cãozinho!

Durante todo este tempo o cachorrinho estivera a contorcer-se, a rosñar e a tentar morder, ainda seguro pelo William. Agora o William largara-o e tudo aconteceu num abrir e fechar de olhos. O Farrapos saltou e mordeu selvaticamente a mão do William. Este, com um grito de “Farrapos, cão mau!”, deixou cair o osso. O Farrapos deitou as garras ao osso e saiu disparado por entre as pernas do Oswald. Este tentou atingi-lo, falhou e, numa explosão de obscenidades, deu com os nós dos dedos no chão rochoso do depósito de lixo. Eu, que previra vagamente que alguma coisa ia correr mal, pegara num pau e tentei bater no Farrapos com toda a força, mas acertei na parte de trás dos joelhos do Alexander. Ele caiu para trás e, na queda, desferiu, com o cotovelo, uma forte pancada na barriga da Tia Pam. Esta caiu pesadamente sobre os tições, gritou e agarrou a Tia Mildred pelos cabelos para se conseguir levantar. A Tia Mildred desatou também aos berros e então as tias começaram a lamuriar-se todas ao mesmo tempo, enquanto a Mãe aplicava folhas de bananeira na parte posterior da Tia Pam. A minha irmã Elsie, que fora sozinha atrás do cão, voltou arquejante.

— Ele fugiu, — disse ela.

Nunca mais voltámos a ver o Farrapos, embora o William tenha saído atrás dele assim que concluiu uns apressados pedidos de desculpa.

— Bem, aí tens, — disse o Pai mais tarde. — Receio que fosse uma tarefa demasiado complicada para ti, William. Que pena.

— Tenho a certeza de que comecei da maneira certa, — fungou o William lambendo a mão. — É preciso apanhá-los quando ainda são pequenos e tratá-los com carinho.

— É possível, — disse o Pai secamente. — Mas a questão é: que fazes quando eles continuam a comportar-se como animais selvagens? Esse é que é o problema. Se essa ferida na tua mão infectar, morrerás e serás um mártir do progresso, — acrescentou bondosamente. — Por isso, não te deixes desanimar demasiado, meu rapaz. É muito invulgar, na tua idade, ser adiantado em relação ao seu tempo. Tu e o Alexander têm dado boas provas ultimamente. Só espero que essa promessa precoce não venha a dissipar-se, quando crescerem, por uma adesão excessiva às emoções da caça. — Olhou ferozmente para o Oswald e para mim. — Que isto seja uma lição para vocês mais velhos. Temos muito em que pensar, muito que aprender, e um longo, longo, caminho para percorrer. Não podemos relaxar, nem pensar nisso. No entanto, pergunto-vos, o que iremos fazer exatamente a partir daqui?

— Ainda têm bastante que mastigar, — disse a Mãe. Senão acabarem este elefante, ele vai ficar completamente intragável.

— Tens razão, minha querida, — admitiu o Pai, pegando numa costela. — Não tenho a certeza de que não tenhas tocado no ponto fundamental da questão. É algo que me vem preocupando há algum tempo. Muito por alto, calculei que gastamos um terço do nosso tempo a dormir, outro terço procurando carne e o terço restante comendo-a. Mesmo assim, não temos muito tempo para comer. A minha azia tem andado muito incomodativa ultimamente. Mas isso só aumenta a relevância da minha questão. Quando estamos assim tão embrenhados na mera rotina da sobrevivência, como arranjamos tempo para pensar? Não adianta dizerem-me que a mastigação conduz à ruminação, porque não o faz. Pelo menos, não a mastigação que nós temos que fazer. Para alargar as nossas mentes e ter uma perspectiva mais alargada e pensada dos nossos objetivos precisamos acabar com o barulho constante da trituração. Sem um merecido intervalo de descanso e silêncio não pode haver trabalho criativo, cultura, civilização.

— O que é cultura Pai? — perguntou o Oswald, com a boca cheia de elefante.

— Bem podes perguntar, — replicou o Pai num tom carregado. — Não há pior cego do que aquele que não quer ver.

— Mas até onde temos de ir, Pai? — perguntei. — Eu pensava que estávamos muito confortáveis aqui.

— Disparate, — respondeu o Pai com desdenho. Confortáveis? A seguir vais dizer que estamos perfeitamente adaptados ao nosso meio-ambiente. É o que todos dizem quando ficam cansados de evoluir. São as últimas palavras do vosso especialista antes que apareça um especialista ainda mais especializado que o devore. Quantas vezes, Ernest, tenho que te dizer estas coisas? Há momentos em que tenho a impressão de que existe uma passagem completamente

vazia entre os teus ouvidos. E consideras-te tu o topo e consumação última de um milhão de anos de duro trabalho evolutivo levado a cabo pelos teus melhores. Pffffff!

— Bem, — disse eu, sentindo as minhas orelhas ficarem bastante vermelhas —, de qualquer maneira, até onde temos que ir?

O Pai pousou o seu naco de elefante e juntou as pontas dos dedos.

— Isso, — disse —, depende de onde estamos agora.

— E onde é que estamos agora? — perguntei.

— Não tenho a certeza, — respondeu o Pai, a sua voz subitamente baixa, triste e séria. Não tenho a certeza. Acho que devemos estar mais ou menos a meio do Pleistoceno. Duvido que já tenhamos chegado ao Pleistoceno Superior. Gostaria de poder pensar que sim, Ernest, mas olhando para ti e ouvindo-te, não posso acreditar. Agora, se o Alexander ou o William conseguissem inventar alguma coisa... mas receio que as suas ideias ultrapassem em muito a sua experiência. De facto, — e a sua voz baixou até ser quase um murmúrio —, de facto, tem havido momentos, ultimamente, em que tenho tido dúvidas se já teremos passado do Pleistoceno Inferior.

— Tens andado a trabalhar demais, querido, — disse a Mãe, afagando-lhe a mão. — Gostaria que pudesses tirar umas pequenas férias.

O rosto do meu Pai, naquele momento, era uma máscara de tragédia, ou de uma torturada falta de autoconfiança. Ficou completamente silencioso, e não se ouvia mais nada a não ser o crepitar do fogo e o estalar dos piolhos (*Pediculae antiquae*) enquanto as mulheres os catavam nos cabelos longos e lisos umas das outras. Tentando aliviar o ambiente pesado em que nos encontrávamos, falei de novo.

— Pai, como podemos saber onde estamos? Perguntei.

O Pai levantou-se.

— Apenas por meios indiretos, meu filho. Existem sinais, para quem sabe lê-los. Deixa-me dar-te um exemplo. Se alguma vez encontrarmos um hipparion, o cavalo das patas com três dedos, saberemos que mal acabamos de sair do Plioceno, e que estamos meramente no início de uma longa, longa, luta de ascensão. Então, de facto, vocês vão ter que se esforçar e trabalhar por isso! E, nesse caso, vocês não são nada, relativamente falando, simplesmente nada.

— Eu nunca vi um hipparion, — disse o Oswald.

— Espero que nunca venhas a ver, — disse o Pai. — De qualquer modo, eles tendem a manter-se, sabes, esses modelos obsoletos. Atrevo-me a afirmar que, afinal, duraram até ao Pleistoceno Inferior. Olhem para o velho *calicotherium*! Mesmo hoje ainda há muitos por aí.

Porém, embora o Pai parecesse ter ficado consolado com esta reflexão, não me atrevi a continuar a discutir a questão com ele. Ele permaneceu taciturno e mal-humorado durante várias semanas. Eu não conseguia imaginar o que poderia preocupá-lo tanto. Não podia acreditar que o ponto exato a que chegámos no tempo geológico fosse tão importante. Que necessidade havia de forçar as coisas? Tudo parecia ir muito bem. O Sol alimentava e a chuva refrescava o atarefado mundo quotidiano. A terra pulsava e tremia sob os nossos pés. Os vulcões ribombavam

laboriosamente, derramando lava e rolos de fumo espesso e preto. Frequentemente, cheiros sulfurosos pairavam pesadamente no ar e, quando as nuvens se deslocavam para o território africano ao mesmo tempo que as calotas glaciares desciam para Sul, tínhamos dias de névoa sufocante. Os gêiseres dos lamaçais gorgolejavam e borbulhavam. Jatós de vapor silvavam, vindos das válvulas de segurança dos finos solos dos vales. As florestas ascendiam pelas montanhas, as montanhas ferviam até deitar por fora fazendo recuar de novo a extensão verde. Todas as plantas se esforçavam por atrair as clientelas de pássaros e abelhas e as modas de flores e frutos seguiam-se umas às outras numa variedade espantosa. Todas as espécies se esforçavam, tentando ultrapassar as outras em número e engenho e fazer válida a sua afirmação como as mais aptas à sobrevivência. O esclarecido auto-interesse de cada indivíduo harmonizava-se para produzir a maior quantidade de comida para o maior número. Ah, doce manhã de segunda-feira do mundo! Ah, África, o mais progressista dos continentes, berço da sub-humanidade! Até hoje suficiente no seu trabalho e na sua magia, pensei eu. Éramos artífices da pedra, domesticadores do fogo, e podíamos estalar os dedos que praticamente todos nos obedeciam. Parecia-me que estava tudo a correr muito bem.

Mas o Pai não seria o Pai se não quisesse algo melhor. Não estava nada contente com os resultados das suas experiências para alargar o uso do fogo. Havia já algum tempo que ele andava a dizer que não nos devíamos limitar a trazer o fogo já pronto dos vulcões, mas devíamos manufaturá-lo nós mesmos.

— É ridículo, — disse ele, quando o fogo da nossa caverna se apagou pela décima ou pela milésima décima vez (já não me lembro qual). — É ridículo que eu tenha que subir a uma montanha de quatro quilómetros e meio, sempre que os miolos de galinha das vossas tias deixam o fogo apagar-se. E ainda para mais na minha idade. É um pouco exagerado. Mas como não há qualquer esperança de melhoras nas vossas tias, nem nas vossas veneradas mães, é preciso fazer qualquer coisa.

— Mas talvez o fogo simplesmente não pode ser fabricado, — objetei eu. — A combustão espontânea pode ser uma ilusão. Ou pode ser que seja magia...

— Bah! — fez o Pai. — Olha para aquilo, meu lemuróide! Nunca perguntas a ti mesmo o que é aquilo?

Ele apontou para as lascas que o Wilbur estava a arrancar ao sílex. De vez em quando, uma ou duas faíscas saltavam do impacto das pedras. É claro que já todos tínhamos visto aquilo acontecer. Mas, até então, eu nunca o relacionara com aquela coisa quente e furiosa, o fogo. Era como comparar um rato dos caniçais a um mamute. Eu chegara à conclusão (que não tentei dizer ao Pai) de que aquilo era a vida da pedra, a alma da pedra. Se era fogo... isto apresentava vários problemas, como, por exemplo, que as pedras podiam arder. “E podem”, rosnou o Pai. “Olha-as a fazerem-no”. Como sempre, afastou as minhas ideias. Mas ficou muito excitado quando o Wilbur lhe disse que notara que algumas pedras soltavam mais faíscas do que outras. O Pai insistia em que, se é possível transportar fogo com madeira que produz fagulhas, também é possível fazê-lo com pedras que produzem faíscas: o princípio era exatamente o mesmo. Eu vi a

força do argumento, mas também vi a maneira infeliz como falhou na prática, porque o Pai não conseguiu apanhar as ocasionais pequenas faíscas que se soltavam das lascas do Wilbur. E quando, num ataque de fúria, atirou as lascas para o fogo, elas apenas o apagaram.

Ele tentou isto, disse, porque ao bater no sílex às vezes e com a força suficiente, ele fica quente e zangado com esse tratamento. Descobriu que isto era tão verdadeiro para os objetos inanimados em geral como o era para os seus próprios filhos. Se batesse num de nós com um pau com força suficiente, ambos ficaríamos quentes de raiva e de esforço. Nesta altura, ele pensava que estava à beira do sucesso, e esperava que os paus explodissem em chamas a qualquer momento. Mas eles não o faziam. A única coisa que conseguiu consolá-lo foi a descoberta de que, se se soprar sobre tições já apagados, eles, às vezes, reacendem. Foi o vento que lhe deu esta ideia. Mas, para além disto, ele sentia-se desconcertado. Os tições tinham que vir sempre de um fogo nascido de alguma movimentação num vulcão. Passaram-se meses e ele continuava a trabalhar, mas não conseguia descobrir como iniciar um fogo, nem com pedras nem com paus. Isso parecia atormentar a sua mente. Arquejante, ele desistia dos seus esforços e voltava-se para mim com violência.

— Ernest! Porque é que não fazes alguma coisa? Nunca receberei ajuda da tua parte? Aqui tens, pega nesse pau e bate no outro até estar quente. Eu disse quente!

Então eu fazia como ele me mandava, mas sabia que era inútil. Eu não era nenhum vulcão e cansava-me rapidamente. Nessas alturas, o Pai picava-me com chifres, o que doía bastante nalguns lugares, e eu recomeçava. Mas não estávamos a chegar a lugar nenhum.

O Pai sabia isso tão bem como eu. Pouco tempo depois, regressou o Tio Ian.

Era um homem atarracado, de pernas arqueadas, cabelo ruivo e fino, barba ruiva, olhos azuis brilhantes e cicatrizes por todo o corpo, sendo que cada uma delas conduzia a uma história emocionante quando se dizia “Como é que arranjou essa aí, Tio lan?”.

A Tia Angela viu-o chegar e sentiu-lhe o cheiro a uma longa distância, correu para fora da caverna como uma lança em voo gritando “O me c’rido m’nino!” e conduziu-o triunfalmente para o meio de nós.

— Bem, lan, — disse o Pai, passando o braço à volta dos ombros largos do Tio lan e dando-lhe um breve abraço. — Bem, lan, é bom ver-te de novo.

— Bem-vindo a casa, lan, — disse a Mãe, e nós todos fizemos coro. — Bem-vindo, bem-vindo, bem-vindo, Tio lan.

O Tio lan percorreu cerimoniosamente todo o círculo da família repetindo o nome de cada um e assegurando-se de que sabia quem era quem.

— Ah, Pam, não me esqueci do pobre Monty. Aggie, nem um só dia mais velha, minha querida, nem um só dia. Nellie, tu amadureceste, creio bem que sim. E quem é este... Oswald? Grandes Deinotheriums! Estive fora assim tanto tempo? Ha? Ernest? Na, não me lembro de ti, rapaz. Mas lembro-me do teu cheiro e não o voltarei a esquecer. Eh, e é um cheiro estranho, a malandrice, como o de um elefante a preparar alguma. Alexander? William? Vocês são todos de uma ninhada nova. Bem, bem, tenho que admitir que têm aqui um belo lugar.

Então o Pai serviu de guia ao Tio lan e mostrou-lhe todos os nossos melhoramentos, sobretudo, claro, o fogo.

— Também o têm na China, — disse o Tio lan.

— O quê?! — exclamou o Pai. — Não acredito!

— Eh, têm, repetiu o Tio lan. São sempre os primeiros em tudo.

— Conseguem fazê-lo? — perguntou o Pai ansiosamente.

— Na me admirava, — disse o Tio lan, mas o Pai notara a sua hesitação.

— Aposto que não conseguem, — retorquiu o Pai. Nós estamos definitivamente adiantados, em termos tecnológicos.

— Por quê, vocês conseguem? — perguntou o Tio lan.

— Não exatamente, — disse o Pai. — Mas quando concluir a atual série de experiências, estou confiante em que poderei anunciar...

— Eh, — disse o Tio lan, e chupou um dente oco. Como tem passado o Vany a, nestes últimos tempos?

— No cimo de uma árvore, — disse o Pai com um ar aborrecido.

Obsequiámos o Tio, que não víamos há tanto tempo, com as melhores iguarias que tínhamos: costelas de mamute, fatias de calicotherium, lombos de cavalo e zebra, quartos de cordeiro e cabeça de javali. Como guarnição, acrescentámos miolos de babuíno, ovos de crocodilo e sangue de tartaruga, de que ele gostava muito, segundo a Tia Angela.

— Um jantar de primeira, — disse finalmente o Tio lan, quando deixou cair o último osso com tutano. Não comia tão bem desde que estive em Choukoutien.

— China, suponho? — resmungou o Pai. O Tio lan acenou afirmativamente.

Depois, claro, teve que nos contar a história das suas viagens. Nós empilhámos um enorme monte de ramos para alimentar a fogueira e abastecemos-nos de ossos para trabalhar, lanças para afiar ou, no caso das mulheres, peles para raspar e tendões para recolher, e sentámo-nos à sua roda. Era um conto épico que precisou de dias e semanas para ser acabado, e eu mais não posso fazer do que contá-lo por alto. O Tio lan foi o maior viajante que jamais conheci: a sede de viajar e o gosto pela deambulação estavam-lhe no sangue. Ele tinha visitado praticamente todos os países que existem debaixo do Sol e observado com perspicácia tudo o que havia para ver. Não admirava que tivesse estado fora tanto tempo.

— Não vale a pena avançar para o Sul de África, disse ele. — Chega-se a um país bonito, mas também a um beco sem saída, com nada para além dele a não ser o mar salgado. É um lugar atrasado com pessoas igualmente atrasadas. Encontra-se o que parece um prometedo homem-macaco, caminhando tão direito como nós, passeando-se arrogantemente com os ombros largos e a cabeça erguida bem alto. Mas quando se volta, aí, que desilusão. Não tem caixa craniana digna de esse nome e tem o rosto de um gorila. E o seu vocabulário tampouco se diferencia do de um gorila: umas vinte ou trinta palavras, suponho. As suas lascas são patéticas, simplesmente patéticas.

— Não me parece que ele vá muito longe, — disse o Pai, esfregando as mãos de satisfação.

— Tenho as minhas dúvidas, — concordou o Tio lan, e prosseguiu. — Não, em África há que ir para o Norte. É fácil caçar, fácil arranjar alimentos e a água abunda em todo o lado. Primeiro encontra-se floresta bastante densa e infernalmente quente. Por falar nisso, os habitantes de lá estão a mudar a pele para o preto...

— Que ideia extraordinária! — exclamou o Pai. Porquê?

— Pensam que resiste melhor ao Sol e é mais difícil ser-se descoberto debaixo das árvores, — disse o Tio lan.

— Estão a cometer um grande erro, — disse o Pai. Nenhum bem virá daí. A única cor sensata para a pele humana é castanho escuro ou um cáqui adequado: a cor da savana, a cor dos leões. Considero isso como assente, do ponto de vista evolutivo. A seguir vais dizer-me que encontrei alguma espécie homínida a mudar para pele branca.

Quando a onda de gargalhadas produzida por esta saída se acalmou, o Tio lan continuou a sua narrativa.

— P'erem um tiquinho, p'erem um tiquinho, — disse ele. — Há climas e climas. Para lá da floresta tropical, quando chegamos ao Saara, ah, é um paraíso terrestre! Uma paisagem de um verde maravilhoso estendendo-se tão longe quanto os olhos podem alcançar, atravessado por grandes rios e incontáveis ribeiros de água corrente e pura apinhados de peixe. Montanhas gloriosas, cobertas de carvalhos, faias e freixos. E que pastagens! Erva luxuriante estendendo-se até ao horizonte, salpicada de flores de todos os matizes. Cavalos, zebras, alces africanos,

antílopes, carneiros, gado: manadas sem conta. Todas as perspectivas são agradáveis.

— E hordas? — inquiriu o Pai.

— Sim, a espécie está bem estabelecida, Edward. Territórios de caça bem marcados, embora, por vezes, com algumas disputas. Mas há o suficiente para todos e mais ainda. Vai para o Norte, jovem, — acrescentou, voltando-se para o Oswald, cujos olhos brilhavam. Há uma vida nova à tua espera nos grandes espaços abertos do Saara. Eu por pouco não fiquei lá. Mas não o fiz. Continuei.

— Depois de algum tempo chega-se ao maior lago de todos, um lago maior do que qualquer outro em África, que vai de leste a oeste e parece barrar o caminho. Mas caminhei para oeste ao longo da sua margem, onde há homens-macaco a viverem muito confortavelmente apenas de marisco, até chegar a um istmo entre o lago e o oceano salgado onde o Sol se põe. O tráfico ali é bastante intenso, com mamutes, lobos e ursos dirigindo-se para o Norte, e filas de hipopótamos, girafas, leões e não sei mais quantas espécies vindas em direção ao Sul. Está a ficar demasiado frio para eles na Europa. Eu próprio achei o ar absolutamente gelado quando atravessei os Pirenéus, e vi neve caindo mais forte do que nas Montanhas da Lua. E, quando olhei para Norte, pude ver o gelo abatendo às toneladas.

— Sim, eu sei que é uma idade do gelo, — disse o Pai mal-humorado. — O problema é qual? Gunz? Mindel? Riss ou Würm? Faz uma grande diferença, como sabes.

— Ignoro qual é, — disse o Tio Ian. — O que sei é o frio que estava, só isso! Desci aos vales da Dordonha e encontrei renas a correrem por todo o lado.

— O que são renas? — perguntou o Oswald.

— Oh, são veados preparados para suportar temperaturas ultrabaixas, — disse o Tio Ian. — Como estava a dizer, as renas corriam por todos os lados e os Neandertaloides andavam a correr atrás delas.

— Outra espécie de homínidos? — perguntou o Pai com excitação.

— Não estou muito certo se são homínidos, replicou o Tio Ian. — De qualquer forma, são uma espécie notável. Certamente diferente de nós. São peludos, peludos por todo o corpo como cabras gigantes, e bem precisam de o ser, para resistir ao vento gelado! Não são um grupo alto, mas também não são muito baixos. Eu era uns centímetros mais alto do que eles, o que tornou mais fácil relacionarmo-nos. Eles têm peitos largos e reverberantes e caminham como os macacos mais do que nós, com os joelhos dobrados e sobre o lado de fora dos pés, como os bebés. Quase não têm pescoço: as suas cabeças assentam em cima dos ombros e as suas testas são horrorosamente baixas. Mas isso não significa que não haja matéria cinzenta por detrás delas. Oh, não! É possível ver o cérebro absolutamente saliente por sobre as orelhas. Eu acho-os um bando inteligente. Fazem umas belas lascas, mesmo muito boas! Mas têm umas ideias estranhas. É o resultado daquelas noites longas sonhando ou contando histórias dentro das cavernas.

— Ideias estranhas?

O Tio Ian acenou negativamente com a cabeça.

— Receio que fossem demasiado metafísicas para mim. Sou do tipo prático. Mas eles

enterram os mortos deles.

— Chamo a isso imprevidência, — disse o Pai.

— Eles acham o oposto, — disse o Tio Ian.

— E não me agrada a ideia de tanto pelo, acrescentou o Pai. — Demasiada especialização.

— O que mais os preocupa são os dentes, — disse o Tio Ian. — Têm dentes muito maus e, na maioria, são mártires das dores-de-dentes. Também têm artrite. Não me admirava que andassem mais direitos, se não fosse por isso. É um clima terrivelmente húmido.

— Só gostava de saber quando é que eles derivaram do ramo antropeide de origem, ponderou o Pai. — O mais tardar, algures no Plioceno, imagino. Sabes se as uniões com eles são férteis?

— Só saberei com certeza quando lá voltar, — disse o Tio Ian com cautela. — Mas tenho alguns motivos para pensar que sim. Dei-me bem com as raparigas, embora me chamassem “cara-de-bebê”.

— Era de esperar, — disse o Pai juntando as pontas dos dedos num gesto típico e pigarreando. — Como sabes o nosso desenvolvimento é pedomórfico e...

— Sim. Bem, de França continuei para Este, continuou o Tio Ian —, e contornei a estepe e a tundra mantendo-me próximo do lago grande. Encontrei exemplares de Homo neandertalenses vivendo bem implantados pelos Balcãs fora. Era uma tarefa difícil, ir de caverna em caverna, mas, finalmente, cheguei à Palestina. Aí encontrei os Neandertaloides em luta contra imigrantes vindos de África.

— Porquê? Falta de caça? — perguntou o Pai.

— Não, não, é um país fértil, onde corre o leite e o mel, — disse o Tio Ian. — Mas há alguma coisa no ar que faz com que os primatas se comportem de modo tão intratável como gorilas que tenham comido maçãs ainda verdes. Assim, lutavam, mas também acasalavam.

— É mais ou menos o mesmo, — disse o Pai. — Hum, pergunto-me o que sairá daí? Macacos peludos e macacos sem pelo miscigenando na Palestina no Pleistoceno.

— Profetas barbudos vivendo de gafanhotos e mel no Holoceno, — sugeri eu.

— Não tentes armar em espartinho, Ernest, — rosnou o Pai. — Não nasceste para isso. Continua, Ian. Para onde foste a seguir?

— Para a Índia, via Arábia, — replicou o Tio Ian. — A Arábia é um país luxuriantemente verde, como o Saara. Mas, oh!, como chovia! Na Índia conheci um novo carnívoro, o tigre, cujos olhos brilhavam na floresta de noite. É uma versão tremendamente evoluída do Smilodon. Mil vezes o velho dentes-de-sabre! Passei a maior parte das minhas noites nas florestas indianas empoleirado no topo de uma árvore, e não me envergonho disso! Um pouco mais à frente, encontrei uma nova variedade da família sub-humana.

— Outra? — arquejou o Pai.

— Outra, — disse o Tio Ian acenando afirmativamente com a cabeça. — Mas nada com que tenhas que te preocupar, Edward. Uns restos do Mioceno, suponho. Irremediavelmente desatualizados. Mais ou menos metade da nossa altura e o cérebro de um macaco, ou pouco

mais. Os olhos situam-se debaixo de grandes cristas ósseas, e não têm nada a que se possa chamar crânio por detrás delas. Eu ter-lhes-ia chamado macacos, não fosse o facto de andarem completamente direitos e de possuírem mandíbulas absolutamente triangulares podendo falar bastante bem, embora fosse um linguajar primitivo daqueles que encontramos em todo o lado quando as pessoas não falam a mesma língua e pretendem entender-se, do tipo “macaco ter lança grande grande”. Atrevo-me a dizer que dariam bons carregadores, se tivesse tido tempo de os treinar ou tivesse alguma coisa para transportarem. Mas, depois de chacinar uns tantos, tive que continuar.

— E, então, Edward, cheguei finalmente à China, e aí encontrei os protótipos dos chineses, vivendo em cavernas à volta de Choukoutien. Primeiro pensei que fossem gorilas, mas estava enganado. Eles andavam muito mais direitos e produziam umas lascas muito práticas. Pelo menos, suficientemente boas para se cortarem uns aos outros com elas.

O Pai anuiu acenando com a cabeça.

— Quem economiza tem quanto precisa — disse ele percorrendo todo o círculo familiar com um olhar feroz.

— Eles também tinham conseguido um fogo selvagem em qualquer lado, — disse o Tio lan, — e estavam muito orgulhosos disso. Mas, sinceramente, eu achei-os estagnados. Essa é sempre a tendência entre os orientais. Disseram-me que havia uma espécie de tamanho superior, mas com a mesma forma, mais ao Norte, nas neves da Tartária. Com cerca de quatro metros e meio de altura e peludos como ursos. Decidi não tentar conhecer algo tão abominável. Já tinha encontrado Sinantropos que me chegassem. Além disso, também queria ver como iam as coisas na América.

— Ah, sim, a América! — disse o Pai entusiasmado. — Como é que achaste as coisas por lá?

— Não achei nada, — disse o Tio lan tristemente. — Há uma cortina de gelo entre eles e o resto do mundo. É impossível passar. Nem mesmo o Homo neandertalenses consegue. O lugar está lotado de gliptodontes... a parte que não está debaixo do gelo, claro.

— Isso são más notícias, lan, — disse o Pai. — Muito más notícias. Significa que não estamos nem por sombras tão adiantados como eu pensava. Ainda não há americanos? Não posso acreditar.

— Bem, isso já foi há algum tempo, — disse o Tio lan. Talvez agora já seja possível passar.

De facto, eu vou voltar lá para tentar encontrar a passagem pelo noroeste,

— Não, não, não, — gritou a Tia Angela —, estás tão cansado e gasto pelas tuas deambulações! Espera e descansa, e não me deixes outra vez!

O Tio lan confortou-a, mas eu podia ver nos seus olhos uma expressão distante. Sabia que ele não ficaria conosco muito tempo. Mas, por desgraça, o fim chegou mais depressa do que esperávamos.

Ele mostrou um extraordinário interesse pelas experiências do William sobre a domesticação de animais, e quando o Pai disse “Ele está avançado em relação ao seu tempo, lan. Ainda não

Chegámos tão longe”, o Tio Ian disse “Sei de um animal que me seria muito, muito útil, se fosse obediente”.

Então, numa manhã, ouvimos um tumulto. Um extraordinário animal carregou sobre o nosso pequeno acampamento: um homem-cavalo, relinchando, empinando-se, saltando, escoiceando e vomitando pragas e gritos de “Aí, meu rapaz!” e “Quieto, seu bruto!”. Recuou furiosamente quando atingiu o fogo, afugentando membros da família em todas as direções. Então, por um instante, vimos o que era: não era um centauro, mas o Tio Ian montado num cavalo. Mas, nesse momento, o Tio Ian saltou do cavalo e descreveu um círculo pelo ar até se estatelar no chão com um baque mortal. Corremos para ele, mas já não havia esperança: partira o pescoço.

No entanto, enquanto o cavalo se afastava, o Oswald acertou-lhe entre as espáduas com a sua lança, e também ele caiu morto por terra.

E então descobrimos que enfrentávamos uma tragédia dupla. O Tio Ian, o incrível viajante, estava morto, com a Tia Angela desmaiada sobre o seu corpo. E o cavalo que ele tentara montar, para chegar mais depressa à América, não era na realidade um cavalo: era um hipparion.

Pouco depois de recuperarmos da morte do Tio Ian, o Pai chamou o Oswald, o Alexander, o Wilbur e eu, e disse-nos que devíamos acompanhá-lo numa expedição. Nós pensámos que se estivesse a referir a uma caçada, mas algo no seu comportamento me disse que ele tinha alguma coisa invulgar em mente. Durante dias sentara-se sozinho, afastado de todos, resmungando zangado quando alguém se aproximava e não fazendo nada, o que era muito invulgar nele. A descoberta de que os hipparions ainda não estavam extintos fora um golpe muito duro, e eu reparei como o seu cabelo estava agora estriado de cinzento. Mas naquela manhã, toda a sua habitual alegria voltara, e ele movia-se de um lado para outro animadamente enquanto nos ajudava com os preparativos, afiando lanças no fogo, escolhendo facas de sílex para a viagem, e deixando à Mãe um monte de instruções.

Depois guiou-nos para leste através da selva. Isto mostrou-nos rapidamente que não íamos receber outro curso sobre como lidar com vulcões, já que as Montanhas da Lua começavam a ficar para trás e ele passou o Monte Quénia e as chamas do Ngorongoro. Eu dificilmente acreditava que ele tivesse intenção de atravessar uma distância tão grande como a que nos separava do Kilimanjaro, que nem sequer era mais impetuoso que os vulcões anteriores. Também não parecia com muita pressa de caçar, embora por várias vezes eu e o Oswald cheirássemos caça. Secamente mandava-nos seguir, e continuávamos sempre a andar. Só ao cair da noite nos deixou abater um ocapí para o jantar. Não tínhamos fogo, e tivemos que manter guarda por turnos.

No dia seguinte repetiu-se o mesmo, e no que se seguiu também. Tornou-se claro que estávamos empenhados nalguma expedição muito especial, mas o Pai não estava na disposição de satisfazer a nossa crescente curiosidade. Embora se mostrasse bem disposto desde que nos mantivéssemos juntos, a linha absolutamente reta em que viajávamos e o aspecto determinado do seu olhar, provocou-me uma desagradável sensação de mau presságio. Porém, ao quinto dia, descontraímos. Parámos de marchar com a disciplina compulsiva de uma fila de formigas. O Pai começou a cheirar o vento e a experimentar direção após direção para apanhar algum cheiro. Então, afinal sempre era uma caçada! Todos nos juntámos a esta atividade mas, embora o Oswald encontrasse repetidamente vários cheiros, o Pai não se interessava por nenhum deles. “Búfalo, Pai?” perguntava o Oswald, mas o Pai abanava negativamente a cabeça. “Bem, então, zebra? Cavalo? Elefante? Girafa?”. Mas o Pai recusava-os todos e, com o seu próprio nariz no ar, procurava algo em que nenhum de nós pensara. Finalmente, quando o Oswald lhe gritou desesperado “Mastodonte?”, o Pai respondeu:

— Não sejas tolo. Penso que agora encontrei. Sim, são eles.

Levantámos todos o nariz naquela direção, e havia alguma coisa, fraco e longe para leste, indo e vindo de maneira exasperante ao mudar a direção do vento. E era um cheiro familiar, mas, antes que o pudéssemos identificar, o Pai disse:

— Vamos, rapazes. Há trabalho duro à nossa espera, e eu posso sentir o cheiro de água logo

após essas árvores. Beberemos um pouco e depois conto-vos tudo.

Nós perdemos o cheiro por entre as árvores enquanto, ardendo de curiosidade, seguimos o Pai em direção à água.

Emergimos nas margens de um lago, rosado de flamingos e nenúfares, e logo encontramos um local para beber. Havia muitos rastros de animais, e nós passámos algum tempo atirando pedras aos crocodilos que podíamos ver e a quaisquer troncos de árvores que estivessem por perto e nos parecessem duvidosos. Depois o Pai ajoelhou-se e bebeu, mergulhou o torso e o rosto empoeirados e retornou chapinhando.

— O.K., rapazes. Eu fico de guarda enquanto vocês fazem o mesmo. Deem-me as lanças.

Poucos momentos depois também nós voltámos a terra seca, mais frescos. Mas ficámos espantados ao ver que o Pai nos deixara totalmente desprotegidos e estava agora encostado a um algodoeiro numa clareira a cerca de trinta metros. As nossas lanças estavam cuidadosamente empilhadas entre dois dos seus fortes suportes, ao alcance da sua mão, e ele encarava-nos com as suas próprias lanças, uma em cada mão, levantadas e apontadas para nós.

— Alto! — gritou. — Estão suficientemente perto! Já nos podemos ouvir.

Apercebi-me de que enfrentávamos uma crise.

— Agora, rapazes, — disse o Pai. — Devo-vos uma explicação. Mas não tentem nenhuma macaque, como por exemplo atirar pedras. Tenho-vos ao meu alcance, e tenho muitas munições: não teriam qualquer hipótese. Bem, realmente, é tudo muito simples, e não há qualquer necessidade de ficarem exaltados. Tenho andado a pensar nisto há bastante tempo, e conversei com as vossas mães acerca do assunto. Vocês quatro já passaram da puberdade. Para todos os fins, são adultos. Tu, Oswald, tens pelo menos quinze anos. O Ernest é, talvez, um ano mais novo, e o Alexander e o Wilbur também andam por aí. São caçadores treinados. Conhecem a maneira de lidar com a floresta, a savana, a montanha, e tudo o mais. Têm bases sobre como lascar o sílex, embora só o Wilbur seja realmente bom nisso. São capazes de sustentar as vossas próprias vidas. Adicionalmente, e isto é uma vantagem excepcional em rapazes da vossa idade, sabem como arranjar o fogo selvagem e como conservá-lo aceso. Chegou a altura de encontrarem companheiras e formarem as vossas próprias famílias, para bem da espécie. E foi por isso que vos trouxe aqui. A cerca de três quilómetros a Sul existe outra horda...

— Então era isso! — bradou o Oswald. — Um depósito de lixo! Homens-macaco! Eu devia ter percebido.

— Existe outra horda, — repetiu o Pai. — E aí vocês encontrarão as companheiras que procuram.

— Mas, Pai, — protestei. — Nós não queremos mulheres-macaco desconhecidas para companheiras. Temos as nossas próprias raparigas em casa. Eu fico com a Elsie, e...

— Não, não ficas, — interrompeu o Pai. — Ficas com uma dessas raparigas daí.

— Mas isso é um absurdo Pai, — exclamei. — Já temos tudo planeado.

— As pessoas acasalam sempre com as suas irmãs, disse o Oswald. — é o costume.

— Até agora, — disse o Pai. — A exogamia começa aqui mesmo.

— Mas é antinatural, Pai, — disse eu. — Os animais não fazem distinções desse tipo. Suponho que, de vez em quando, alguém possa fazê-lo fora da tribo, mas não se pode chamar a isso uma regra.

— É absurdo e inconveniente, — acrescentou o Oswald. — As nossas raparigas estão ali, e estas outras...

— Na realidade, estão mais perto, — disse o Pai. — Foi por isso que vos trouxe aqui.

— Não vejo porque é que tivemos que nos dar a todo este trabalho, — disse eu. — Quero dizer, o que é que há de errado nas raparigas lá de casa?

— Não há nada de errado nelas, — disse o Pai. Mas haveria se vocês procriassem com elas. É preciso misturar um pouco os genes. Mas esta não é a razão principal. A razão principal é que elas são demasiado fáceis: demasiado acessíveis, requerendo pouco esforço. Elas proporcionam um escape excessivamente desinibido para a libido indisciplinada. Não! Se queremos algum desenvolvimento cultural, precisamos de pôr as emoções do indivíduo sob tensão. Em suma, um jovem tem que ir procurar e encontrar a sua companheira, cortejá-la, capturá-la, lutar por ela. Seleção natural.

— Mas nós podemos facilmente lutar pelas raparigas lá de casa, — disse o Oswald. — De fato, é certo que o faremos. É costume. Como os animais. O macho mais forte vence. Aí tem a seleção natural, — acrescentou astuciosamente, mas o Pai não aceitou.

— Não o tipo certo de seleção natural. Não agora. Está a tomar-se muito perigoso ter lutas dentro da família à conta de mulheres, com todas estas armas novas e mortais por perto, como lanças endurecidas pelo fogo. Pode ter estado bem quando os machos apenas batiam na cabeça uns dos outros com maças antiquadas.

— Esteve bem para si, — disse eu com rancor.

— Os tempos mudaram, — disse o Pai. — Ou, melhor, ainda não mudaram, e esse é o problema. Estamos mais atrasados do que eu pensava. Não nos leva a lado nenhum mantermo-nos por aí como contemporâneos do hipparion! Não serve. Estamos a estagnar enquanto espécie, e isso é fatal. Temos fogo, mas não o sabemos fazer. Podemos caçar, mas passamos metade do nosso tempo a mastigar a carne. Temos lanças, mas o seu alcance máximo é de sessenta metros...

— Oitenta, — corrigiu o Oswald.

— Fantasias, — respondeu o Pai asperamente. — eu estou a falar de coisas práticas. Alexander, tu sabes desenhar, mas não consegues fixar uma só linha dos teus desenhos. Wilbur, tu tens conseguido boas laminas para machados, mas, detesto ter que o dizer, o material que estamos a produzir é pouco melhor do que eolitos. Ernest, tu pensas que podes pensar, mas não podes, porque o alcance do que fazemos é muito limitado. Isto significa que não alargamos o nosso curto vocabulário e a nossa limitada gramática, o que, por sua vez, implica um poder de abstração muito restrito. A linguagem precede e gera o pensamento, como sabeis, e é com muita boa vontade que se pode chamar linguagem às poucas centenas de substantivos que possuímos, ao número de verbos que servem para tudo, à pobreza das preposições e posposições, à

dependência contínua da ênfase, do gesto e da onomatopéia para preencher laboriosamente a falta de casos e tempos. Não, não, meus caros filhos: culturalmente, estamos pouco mais avançados do que o *Pithecanthropus erectus*, e ele, acreditem-me, não tem qualquer futuro. Vocês ouviram o que o vosso saudoso Tio Ian tinha a dizer sobre ele. Ele é para deitar fora, juntamente com o resto dos fracassos da Natureza.

— Eu mato-os sempre, — disse o Oswald.

— E fazes bem, — disse o Pai. — Mas nós não queremos ir pelo mesmo caminho. É por isso que temos que fazer um esforço. Quero que considerem isto de uma forma razoável, como adultos responsáveis, acrescentou, com uma nota de apelo na voz. — É inconveniente. Não o nego. Mas é novo. Vai necessitar de um período para se habituarem, se vocês alguma vez o conseguirem. Mas não é possível construir uma barragem de água sem criar barreiras, inibições, frustrações, complexos. É uma ideia que retirei da observação dos castores. Eles detêm rios, e reparem na força com que a água jorra pela estreita abertura que é deixada. Olhem para as Murchison Falls, ou, melhor ainda, reparem nas Victoria Falls. Isso dar-vos-á uma ideia daquilo de que estou a falar: obstrução para desenvolver uma força irresistível. Só que nós não somos rios. Isto é algo que tem que ser feito nas nossas cabeças.

— Pois eu, neste momento, tenho uma catarata na minha cabeça, — disse o Wilbur sentando-se e enterrando o focinho nas mãos.

— De início é difícil perceber, — disse o Pai. — Mas se queremos ultrapassar obstáculos, se queremos ter uma natureza que seja capaz de reconhecer e resolver problemas, então temos que ter uma moral, uma consciência, dificuldades pessoais sobre as quais meditar, e procurar alívio para elas descarregando a nossa vontade sobre objetos inanimados fora das nossas cabeças.

— Vamos sentir-nos tão infelizes, — disse eu —, que vamos desistir e acabar por não fazer nada. É a felicidade que nos dá o interesse pela vida.

— Bem pelo contrário, — disse o Pai bem-disposto. Torna-vos indolentes. Vocês vão voltar das vossas atribulações pessoais para o vosso trabalho com uma nova energia.

— Não acredito, — afirmei.

— Vais acreditar com o tempo, — disse o Pai. — E vocês têm que ver que faz sentido não lutar pelas vossas irmãs e tias. Com todo este fogo à volta, o sentido moral do homem está em risco de ser eliminado pelo seu poder tecnológico.

— Isso é falso argumento, — disse eu.

— Suspeito bem que é um argumento que iremos ouvir cada vez com mais frequência.

— O que quero dizer é que contradiz o argumento anterior — expus eu. — Primeiro, diz-nos que precisamos de ter moralidade sexual para gerar progresso tecnológico e, agora, diz que precisamos de moralidade sexual para poder controlar o progresso tecnológico. Afinal, qual deles é?

— Ambos, — disse o Pai. — Hipóteses alternativas. Uma abordagem científica do problema perfeitamente respeitável. De qualquer modo, vocês vão fazer o que eu disse.

— Entretanto, Pai, — disse eu sarcasticamente, enquanto nós vamos para o meio da floresta

para sermos exógamos e civilizados, o senhor tem todas as mulheres lá de casa para si. O que é isso, gostava eu de saber, senão a antiga imagem do pai da horda primitiva com ciúmes dos filhos que crescem?

— Ora, vamos, Ernest, — disse o Pai com reprovação. — Isso é injusto. Eu tenho sido um pai bastante indulgente. Eu podia ter sido um pai de horda muito mais severo e ter-vos expulsado de casa para resolverem vocês o problema. Mas, em vez disso, trouxe-vos para onde podem cheirar... ah... um bando das mais deliciosas raparigas. Além disso, ninguém me pode chamar baboso. Sempre encontrei companheiras muito rapidamente. Há uma semelhança entre todas elas, e a nudez coletiva é horrivelmente aborrecida. Não que esteja a dizer uma palavra que seja contra as vossas queridas mães, nem uma palavra. Mas os meus interesses são basicamente científicos.

— Pai, — disse o Alexander, que estivera silencioso até agora. — Pai, como é que nós vamos conquistar estas raparigas?

— Cortejem-nas, — disse o Pai, e acrescentou duvidoso —, suponho. Algo como fazem os animais. Encham o peito de ar como os pombos, ou as bochechas como as rãs-boi, ou pintem o traseiro de cor de laranja, ou qualquer coisa do género.

— Mas eu não posso, — disse o Alexander. — De qualquer modo, sentindo-me demasiado tímido.

— Bem, então aí têm! — disse o Pai. — Vão ter que descobrir. Algo para fazerem por vocês mesmos. Não esperam que eu resolva todas as vossas dificuldades, pois não? Quando estiverem todos acasalados e felizes, podem trazer as raparigas para casa. Nessa altura teremos uma tribo, em vez de uma mera horda. Agora vão. E, Oswald, não tentes seguir-me. Eu conheço todos os vossos truques. São bons, mas eu já vou à caça há quarenta anos, e tão certo como o Hoplophoneus ter sido um gato, se vocês o fizerem, atravesso-vos o diafragma com esta lança. Vão!

Creio que, se quiséssemos, podíamos ter atacado o Pai. Mas ele certamente apanharia um de nós, provavelmente dois, antes de acabarmos com ele. Assim, rosnando e praguejando, voltámos para trás, enquanto ele balançava a sua poderosa lança na nossa direção. Então, quando já estávamos fora do seu alcance, demos meia-volta e escapulimos para Sul.

No entanto, após andarmos alguns quilómetros, o Oswald mandou-nos parar. Ele era agora o nosso líder aceite.

— Escutem, irmãos, — disse ele, — não nos serve de nada fazer as coisas às cegas. Temos que conversar, que formar um plano de ataque. Bolas para o velho! Temos que fazer o que ele quer. Da maneira como as cheiro, estas pessoas não devem viver a mais de vinte e cinco a trinta quilómetros de onde estamos agora. Não sabemos como são ou o que fazem. Podemos dar de caras com uma caçada e sermos confundidos com um bando de babuínos, sendo nós os perseguidos.

— Certamente que não! — protestou o Wilbur.

— Depende de qual de nós vissem primeiro, — resmungou o meu irmão. — Não faz sentido correremos riscos.

— Se eles são algo que se assemelhe a nós, primeiro atiram as lanças e depois fazem as perguntas, — disse eu.

— Tens razão, irmão. Temos de nos aproximar deles com todo o cuidado. O que é que sugeres?

— Temos que nos armar, esse é o primeiro passo, disse o Oswald incisivamente. — O velho ficou-nos com as lanças. Wilbur, isso é tarefa tua. Encontra umas lascas e faz machados e raspadeiras, para podermos afiar as lanças. Nós vamos procurar aqui à volta para ver se encontramos madeira adequada para lanças e mocas.

— Mas porque é que precisamos de fazer lanças e mocas? — perguntou o Alexander. Porque é que não vamos simplesmente ter com eles e explicamos o que estamos aqui a fazer? Vimos cortejar, não caçar.

— É a mesma coisa, — disse o Oswald.

— Claro que é, — disse eu. — Temos que chegar tão perto quanto possível sem sermos vistos e observar a horda. Nós só somos quatro e eles podem ser quarenta. A nossa tarefa é segui-los, e então interceptar algum que ande perdido do grupo, se eles estiverem em movimento. Ou então atacá-los de noite e cada um de nós traz uma rapariga, como se fôssemos hienas.

O Oswald acenou afirmativamente com a cabeça.

— Eu concordo com o Ernest. Não me parece que eles queiram perder as mulheres deles, e a vocês? Eles não têm esta ideia maluca de que não podem acasalar entre eles. Não vão gostar nem um bocadinho do que nós lhes vamos fazer.

O Alexander resmungou “Bem, eu acho isso uma maneira muito rude de conquistar o afeto de uma rapariga”, mas, como de costume, apoiou-nos nos preparativos. Enquanto estes

avançavam, porém, disse subitamente:

— Ouçam lá, vocês, já pensaram se... bem, se as raparigas vão gostar de nós?

— Vão gostar de nós de certeza, — disse o Oswald, carrancudo, enquanto aparava a pega de um cacete com um metro.

Finalmente estávamos completamente equipados e podíamos avançar de novo. Caminhámos cautelosamente contra o vento, de modo a não sermos cheirados facilmente, e não nos aproximámos até a noite cair. Então encontramos um lugar para acampar. De madrugada, deslocámo-nos, cobertos pela névoa, e escondemo-nos num rochedo baixo que já tínhamos assinalado como capaz de nos proporcionar uma vista geral sobre o lugar onde a horda vivia. E à medida que a névoa começou a dispersar descobrimos que estávamos, de facto, quase em cima deles.

Eles viviam nas margens de um dos transbordantes lagos que provêm a África de água numa cadeia ininterrupta de nascentes muito próximas umas das outras que vai da Etiópia ao Zambeze. A sua insensidão cinzento-azulada estendia-se até ao horizonte, flanqueada por uma série de vulcões, de cujos topos o fumo se erguia incessantemente em direcção ao manto azul pálido do céu. Mas nenhum fumo vindo do acampamento por baixo de nós os desafiava. Um promontório, rodeado de pântanos densos de papiro e tábuca, estava cheio de buracos escavados na pedra, alguns deles pobremente cobertos com folhas de palmeira e de bambu. Aqui e ali, agachavam-se entre eles figuras pardas. Apenas o chip, chip, chip do sílex batendo no sílex anunciava que eram uma comunidade de homens-macaco e não um bando de chimpanzés.

— Nenhum fogo. Nenhuma caverna, — disse o Oswald desgostoso.

— E nenhuma ideia sobre o que fazer com o sílex. Ouçam só! — exclamou o Wilbur.

— E é com este tipo de gente que esperam que acasalemos, — rosnei eu —, seleção natural uma ova! A minha amargura contra o Pai cresceu de novo. À medida que a luz aumentava, a sordidez deste miserável bairro paleolítico tornava-se cada vez mais nítida.

Mas o Alexander disse:

— Não tenho a certeza de que isto seja tão mau como vocês pensam. Eu gosto bastante daquela rapariga.

E, de facto, podíamos ver que uma rapariga inegavelmente bem torneada tinha rastejado para fora de uma das coberturas e se dirigia para a margem do lago para beber.

— Phacophaerus! Tens toda a razão! — exclamou o Oswald com um súbito entusiasmo. Ela tem os quartos traseiros de um hipopótamo! Soberbo! Bem, quem imaginaria tal coisa numa espelunca destas?

— Vem aí outra! — disse o Alexander num suspiro deliciado, e tinha razão. Uma segunda esplêndida e jovem beldade rústica emergira até ficar totalmente à vista, ficando de pé a espreguiçar-se e espetando o busto enquanto respirava grandes arfadas do ar matinal. Quando oscilava na direcção da beira da água foi seguida de ainda mais uma magnífica fêmea da espécie, uma de proporções tão elefantinas que o Oswald sufocou, mesmo a tempo, o assobio de lobo que começava a emergir dos lábios do Wilbur.

— Controla-te, meu lémure, — rosnou o Oswald, embora os seus olhos devorassem literalmente a rapariga.

— Bem, do que é que estamos à espera? — perguntou o Wilbur. — Vamos descer e apanhar uma cada um.

— Estamos à espera daquilo, — disse o Oswald apontando, e então descortinámos uma inquestionável figura paternal, sem dúvida sub-humana nas linhas gerais, mas cuja largura de ombros e desenvolvimento muscular eram de um gorila, que patrulhava incansavelmente a base do promontório, moca poderosa na mão, levantando de quando em quando as narinas largas na direção da brisa suave. Mesmo àquela distância era possível ouvi-lo emitindo grunhidos e rosnados que só podiam ter um significado: não eram permitidos curiosos.

— Estou a ver, — disse o Wilbur, e, de facto, o nosso ardoroso entusiasmo arrefeceu notavelmente enquanto observávamos aquela ameaçadora sentinela.

— Um ataque frontal seria pago demasiado caro, disse o Oswald. — Vamos para um lugar onde possamos conversar sobre isto.

Recuámos para reunir em conselho de guerra.

— Eu voto pelo ataque noturno, — disse o Oswald. Entramos depois de escurecer, rugindo como leões, cada um de nós agarra numa rapariga, e foge com ela antes de o velho perceber o que se passa. Que tal, como plano?

Pensei por um momento.

— Sabes, acho que ele deve dormir com um olho aberto e o outro fechado. Pelo menos devia, com todas essas raparigas lindas por aí. Para além disso, as raparigas podem ter irmãos que fiquem de guarda, e que lançariam o alarme quando ouvissem leões a aproximar-se. Mesmo que conseguíssemos entrar, no escuro, não veríamos quem estávamos a capturar. Suponho que são essas raparigas que nós queremos, não qualquer velha!

Os meus irmãos acenaram todos afirmativamente.

— Não, não, assim não dá, — disse o Alexander.

— Bem, sugere tu alguma coisa, — respondeu o Oswald com brusquidão.

— Não poderíamos levar tochas? — arriscou o Alexander.

— Sim, isso é uma ideia, — disse o Oswald. — Isso é capaz de resultar. Eles vão ficar tão aterrorizados com o fogo como qualquer outro animal. Entrávamos com archotes acesos nas mãos e, com a sua luz, escolhíamos a rapariga que queríamos, e desaparecíamos antes da horda ter tempo de recuperar do pânico.

Abanei a cabeça.

— Não, isso também não serve. O vulcão mais próximo fica a cerca de cinquenta quilómetros daqui, e é mais que certo que davam por nós transportando as tochas muito antes de nos aproximarmos. Perdíamos todo o elemento de surpresa e, mesmo que eles se assustassem e fugissem, as raparigas fugiriam com eles.

— Está bem, — disse o Oswald. — Elimina-se também. Agora sugere tu alguma coisa, Ernest... se fores capaz. A mim parece-me que com tantas objeções não vamos conseguir

rapariga nenhuma.

Mas eu tinha estado a pensar, e formara-se um plano na minha cabeça.

— Eu acho que há uma maneira mais simples de resolver o assunto —, disse lentamente. Reparem: eles não têm fogo, por isso não conseguem muita caça grossa. São muito mais recoletores do que caçadores. Isso significa que têm que ir bastante longe para encontrar comida que chegue para toda a horda. E isso significa que há uma probabilidade de dez para um em como as mulheres jovens os acompanham para apanhar coelhos, galagos, insetos e animais afins enquanto os machos tentam o antílope. Acho que devem espalhar-se bastante. Proponho que dividamos o território circundante em quatro áreas e que cada um fique com uma delas. Então, quando o grupo de caçadores penetrar na área de um de nós, fica entregue a ele a tarefa de os seguir, esperar até poder separar uma rapariga, capturá-la e trazê-la. Eles vão dar pela falta dela, claro, mas vão atribuí-la aos leopardos, como se nada fosse. Devem perder frequentemente os mais novos desse modo. Claro que pode acontecer um de nós não ter sorte, mas dispersamos o risco dividindo-o. Sugiro que dêmos uns aos outros, digamos, um mês para conseguir uma rapariga, e encontramos-nos daqui a um mês no local onde deixámos o Pai, indo depois juntos para casa. Com alguma sorte, todos beneficiaremos e arranjamos uma rapariga cada um.

Os outros, pensaram bem no meu plano e, após alguma discussão, foi aceite como o mais prático, dentro das circunstâncias. Afinal, tínhamos do nosso lado o elemento surpresa. A horda não teria a mais leve suspeita do que estávamos a preparar, já que este tipo de acasalamento nunca antes fora idealizado. Havia uma possibilidade real de que todos nós sássemos sãos e salvos com o nosso saque.

E foi assim que conheci Griselda.

— Olá, — disse ela. — Tu pareces mesmo acalorado!

Eu estava de facto com calor. Parecia-me que tinha perseguido aquela detestável rapariga por toda a África. O meu plano funcionara perfeitamente. Nós dividíramos o território que se situava por detrás do lago e cada um, qual aranha na sua teia, se retirara para o lote que lhe fora atribuído para esperar a sua presa. Tal como eu pensara, a horda dispersara-se ao procurar comida, alguns para apanhar ovos de crocodilo, outros para fazer ataques-surpresa a formigueiros à procura de mangustos, outros para cavar à procura de toupeiras, outros ainda para perseguir macacos ou antílopes e outra caça miúda do mesmo tipo. Eu dei com o rasto de um grupo que entrou no meu território e esperei a minha oportunidade até uma das raparigas ficar separada deles. Consegui atravessar-me no caminho entre ela e eles e aproximei-me dela devagar, rosnando como um leopardo e afastando-a para o interior. Então, quando ela já estava demasiado longe dos seus parentes para chamar por socorro, carreguei sobre ela. Esperava agarrá-la facilmente, no chão ou numa árvore. Mas estava enganado. Quando cheguei ao local onde esperava apanhar a minha presa, ela não estava lá. Estava uns noventa metros mais adiante e eu já estava um pouco ofegante.

No entanto, achei que, se ela me tinha ganho numa corrida de velocidade (não sendo eu um leopardo), eu seria capaz, numa perseguição longa, de a cansar até parar, e iniciei o processo. A minha única preocupação era se ela conseguiria traçar um círculo e voltar ao ponto de onde partira. Mas, eu interceptava-a, embora com enorme esforço, sempre que ela dava qualquer sinal de o querer fazer. Infelizmente, ela tentava sempre voltar ao ponto de partida quando isto implicava para mim um rápido movimento oblíquo através de um pântano. Ela parecia saber exatamente quais eram os mais lamacentos e cheios de sanguessugas. Mas eu não ia deixar-me desanimar por artimanhas desse género e mostrei-lhe que, se não era um leopardo que a perseguia, então era um hipopótamo. Quando eu saía dos pântanos, coberto de lama e sanguessugas dos pés à cabeça, ela fazia-me correr atrás dela através da erva alta, movendo-se com o ritmo e a energia de uma avestruz. E, tal como uma avestruz, ela parecia imune aos carrapatos que se agarravam a mim. Mas eu mantive as suas ondulantes penas traseiras à vista, colei-me ao seu rasto e não permiti que ela me fizesse perder-lhe o cheiro.

Então ela tentou confundir-me atravessando água. E eu descobri que, além de ser capaz de correr como uma avestruz, ela era capaz de nadar mais rápido do que um crocodilo. Quando atravessava rios ou lagos, mantinha-se apenas um pouco à frente dos crocodilos, que acordava do seu estado de sonolência chapinhando na água como um gibão que tivesse caído de um ramo e estivesse sendo levado pela corrente. Quando eu mergulhava, os crocodilos já tinham andado bastante e como não a tinham apanhado a ela, orientavam-se convenientemente na minha direcção. Eu inventei, na altura um novo e rápido crawl, do qual me teria sentido orgulhoso se tivesse tido tempo para pensar nisso.

Ela tentou atrapalhar a perseguição irrompendo entre leões que se aqueciam ao Sol ou por

entre fêmeas de tigre dentes-de-sabre que tomavam conta das crias. Fazia isto frequentemente quando estava perto de uma árvore muito alta e eu bastante longe de outra. Passámos várias noites em árvores que não distavam mais de vinte metros, e eu assegurava-me de que, quando os leões se tivessem cansado de esperar, eu a apanharia. Mas ela conseguia sempre descer e afastar-se antes de eu lá chegar.

Subiu várias montanhas. Eu aproximava-me dela enquanto subíamos e, não fora pelas pedras que, na sua desesperada tentativa de escapar, deslocava com os pés e me acertavam na cabeça quando eu subia atrás dela geralmente na altura em que efetuava uma difícil travessia, eu tê-la-ia apanhado. Mas, na descida ela ganhava distância de novo, provavelmente devido a minha enxaqueca. Como estava sempre à frente, ela podia, como é evidente, apanhar hiraces, lebres e esquilos enquanto corria e, assim, tomava o pequeno almoço e jantava. Quando aparecia eu já toda a caça se afugentara, e tinha que me contentar com os restos intragáveis que ela deixava fora. Quando não tinha fome, doía-me o estômago.

De vez em quando perguntava a mim próprio se, de facto, ela merecia todo aquele esforço. Por várias vezes decidi que não e abrandei. De qualquer modo, para que é que eu queria uma companheira? Ao analisar os meus sentimentos descobri que, afinal de contas, me era completamente indiferente. Talvez o verdadeiro valor da experiência fosse o de me mostrar que eu nascera para solteirão. Porém, nesse momento, ela saltava subitamente de uns arbustos a menos de vinte metros: a oportunidade de a capturar parecia demasiado boa para desperdiçar e, de cacete erguido, eu recomeçava. Mas, através de algum hábil truque, ela tornava a escapar.

O meu passo foi abrandando gradualmente até chegar a ritmo de passeio. Não havia em mim qualquer pressa, mesmo quando ela se mostrava claramente contra a linha do horizonte ou parecia enredada nas trepadeiras da selva quase ao alcance da minha mão. Estava farto de tudo aquilo. Se o Oswald conseguisse apanhar uma destas mulheres, eu reconhecê-lo-ia como o melhor. Eu ia desistir desta coisa de cortejar e ter com os outros ao local de encontro.

Tinha acabado de tomar esta decisão quando topei com uma clareira na floresta e aí, sentada num tronco caído, penteando descontraidamente o seu longo e fulvo cabelo com a espinha dorsal de um peixe, Griselda sorriu para mim.

— Pareces acalorado... e aborrecido.

— Apanhei-te, — disse eu com desânimo e levantei o cacete.

Ela deu umas pancadinhas no tronco da árvore.

— Vem sentar-te ao pé de mim e conta-me tudo sobre ti. Morro de curiosidade por saber quem és.

Parecia não haver mais nada a fazer e, de qualquer modo, os meus joelhos doíam de cansaço. Sentei-me e ela pegou no meu cacete e colocou-o ao nosso lado. Sequei a testa com um tufo de erva.

— Ufa! — disse eu.

— Como te chamas? — perguntou ela numa voz suave e encorajadora.

— Ernest.

— É um nome bonito. Fica-te bem. Tens um ar tão sério e preocupado. O meu é Griselda. Um nome tolo, realmente, mas os meus pais têm ideias horrivelmente românticas. E eu também. Tu és romântico?

— Não, — disse eu.

— Oh, mas deves ser, para me teres perseguido tanto tempo. Pobre de mim. Não consegui despistar-te, simplesmente não consegui. Mas tens que admitir que fiz o possível. Ando a fugir há dez dias inteiros.

— Onze, — disse eu. — Quase doze.

— É mesmo? — disse a Griselda descuidadamente. Como o tempo voa quando estamos interessados nalguma coisa, não é? Gostaste da perseguição?

Os seus grandes olhos castanhos, parecidos com os lagos serenos onde os crocodilos deitados esperam a sua presa, estavam interrogativamente fixos no meu rosto.

— Bem... sim, muito, — disse eu.

— Então está tudo bem, — disse ela. — Eu sabia que, de alguma forma, nós íamos nos dar bem, Ernest.

— Ah, sabias?

Ela entrelaçou as mãos e os pés.

— Desde o primeiro dia em que te cheirei no vento. Que pessoa interessante, pensei. Tão invulgar, to... bem, tão diferente.

Contra a minha vontade, fiquei curioso.

— Quando foi isso, Griselda?

— Ora, no dia em que vocês chegaram, claro. Tu e os teus irmãos. Vocês subiram aquele monte e comeram-nos com os olhos. Foi bastante rude. O Pai ficou assustadoramente zangado. Disse que a geração moderna não tinha maneiras. Avisou-nos para não falarmos com nenhum de vocês sob pretexto algum. Disse que, primeiro, tinha umas coisas para vos dizer.

— Então vocês sabiam de tudo, — disse eu gravemente. — Viram-nos e cheiraram-nos.

— Isso foi porque vocês eram tão diferentes, — disse a Griselda rapidamente. — Tão característicos. — Ela baixou a voz e disse suavemente: — Tão distintos.

— E vocês... vocês adivinharam o que nós vínhamos fazer?

— Mais ou menos, — disse ela. — Era bastante óbvio, não era? Nós, as minhas irmãs e eu, ficámos excitadíssimas.

— Ah, ficaram?

— Absolutamente. Não encontramos muitas pessoas no lugar onde vivemos. É um lugar muito aborrecido. Ela fez beicinho. — O Pai praticamente não nos deixa receber gente. Ou, se deixa, bem...

— De facto, — disse eu. — Ele dissuadiu-nos, realmente.

— Nós pensámos que ele o faria. Então, era mesmo um problema. Felizmente, ele teve, há pouco tempo, um acidente grave com um rinoceronte. Uma colisão de cabeça, sabes? Muito descuidado da parte de ambos: não estavam a olhar para onde iam. Debilitou o olfato do Pai, e

ele também tem um pouco de astigmatismo.

— E o rinoceronte?

— Comemo-lo. Bem, o Pai disse-nos que todas nós tínhamos que ficar em casa e viver de peixe e enguias até ele vos ter caçado, mas nós persuadimo-lo de que vocês tinham fugido. Ele tem muita vaidade no impacto da sua aparência, embora seja um querido quando se conhece melhor. Então, fomos caçar como de costume. Depois tu encontraste-me e perseguiste-me implacavelmente... e aqui estou eu!

Ela baixou os olhos submissamente.

— Griselda, — disse eu. — Vamos deixar isto absolutamente claro. Estou a perceber bem quando digo que enganaste o teu pai de horda e foste caçar sabendo perfeitamente que eu estaria à tua espera?

— Bem, eu não tinha a certeza, mas pensei...

— E quando eu grunhi como os leões e os hipopótamos, tu soubeste durante todo o tempo que não eram leões nem hipopótamos, mas que era eu?

— Acho que reconhecera a tua voz fosse onde fosse, Ernest. É tão... tão distinta, tão...- E então, — continuei eu, — não estando nem um pouco assustada...

— Estava petrificada.

— Não estando nem um pouco assustada —, gritei eu, — quando eu te persegui, tu fugiste deliberadamente de todas as maneiras que conhecias através de pântanos, rios, selva impenetrável, a subir e descer montanhas, como se fosses um cruzamento entre um pato, uma avestruz e uma cabra...

— Oh, querido, que coisa linda, o que me estás a dizer!

— E durante todo o tempo estiveste apenas a atrair-me sem a menor intenção de te livrares de mim?

— Claro que não!

Olhei-a fixamente, mudo de fúria.

— Meu querido, — protestou ela —, uma rapariga tem a sua modéstia, sabes.

— Modéstia!? Tu...

— Claro, — disse ela com dignidade. — Além disso, pensei que estivesses a gostar. Queria agradar-te proporcionando-te uma boa corrida.

— Agradar-me! — enfureci-me. — Uma boa corrida! Eu podia ter morrido uma dúzia de vezes...

— Oh, não acho, Ernest. Tu és tão forte. E tão ardente, para me perseguires daquela maneira. Na verdade, eu mal podia esperar por ser apanhada.

— Não acredito numa só palavra, — respondi, indignado. — Tu atraíste-me pelo caminho da selva. Fizeste de mim um macaco! Um banalíssimo cólobo de cauda comprida! És uma rapariga detestável! Não posso perceber o que foi que alguma vez cheirei em ti! Não quero mais nada contigo, ouviste? Nada. Odeio-te.

Os grandes olhos castanhos da Griselda encheram-se lentamente de lágrimas. — Eu... só...

tentei... ser... simpática... para...ti...

Levantei-me.

— Vou-me embora, — rosnei. — Tu podes regressar sozinha. Não te vou capturar.

Às cegas, ela estendeu-me a mão.

— Oh, mas... mas tu capturaste-me! Não te podes ir embora agora. Somos companheiros.

Estremeci com a ideia.

— Eu não te capturei, Griselda. Nós não somos companheiros. Vou-me embora, estou a avisar-te!

— Não podes. Seria demasiado desonroso. É... é quebrar uma promessa. Perseguir-me todo este tempo e depois mandar-me simplesmente embora, como a um núcleo de sílex gasto. Não posso voltar para casa agora. Prefiro morrer. Se... se tu me deixares, eu morro. Capturaste-me e tens que ficar comigo.

— Tolicice! — disse eu, mas senti-me interiormente estranho e perturbado. — Vou-me embora e não volto. Adeus.

Esperei que ela dissesse alguma coisa, que admitisse que não tinha sido capturada e que ia voltar para casa.

Mas ela só soluçava.

Afastei-me furiosamente em direção à floresta. E esqueci-me completamente do meu cacete.

A noite já caía, mas eu estava demasiado furioso para reparar nisso. Griselda! Ela tinha se revelado um pequeno projeto de sirigaita, astuta, desavergonhada e... sim, absolutamente cruel. Maliciosa e irracional. A pura desfaçatez do seu último pedido deixou-me sem fôlego. Capturada, realmente! E depois dissolvendo-se em lágrimas tipicamente femininas simplesmente para conseguir, através da piedade, o que não atingira através de manobras próprias de uma leoa no cio. Vergonhoso. Podia eu sequer pensar em fazer de tal mulher a mãe dos meus filhos?

Tinha de admitir que ela era rápida a andar. Correria mais depressa do que eu, um macho, embora, claro, tivesse usado meios injustos para ter sempre vantagem. Mesmo assim, não tinha muitas razões de queixa. Fugir era fugir. Todos tínhamos que o fazer em caso de necessidade: era uma arte, e Griselda demonstrara dominá-la até aos mais ínfimos pormenores. Sem dúvida, poderia ensinar isso aos filhos que, em consequência, seriam mais aptos a sobreviver.

Também havia alguma verdade no argumento que dera acerca da impossibilidade de voltar para casa. O pai dela era, aparentemente, tão ciumento quanto os pai de horda são capazes de ser. Não lhe agradaria nada a maneira como ela andara a vagabundear pelo Quênia, Tanganica e provavelmente Niassaland com um jovem homem das cavernas em acesa perseguição. Claro que ela não morreria, mesmo no caso de não voltar para casa. Podia acompanhar uma manada de girafas, se fosse preciso. Mais tarde ou mais cedo, ia apaixonar-se por algum representante do *Homo sapiens* e seria adequadamente capturada.

Eu queria isso? Ocorreu-me que, afinal, eu a perseguira durante um longo caminho. De certa forma, era uma pena desistir da presa. Além do mais, por detestável que ela tivesse sido comigo, era óbvio que me tinha em elevada consideração. Dificilmente podia duvidar da autenticidade da sua franca admiração. Eu era algo completamente novo para ela. E também deveria haver uma péssima educação na origem do seu comportamento. Que oportunidade tivera ela, vivendo naqueles ninhos baixos à beira do lago, de descobrir os costumes de uma decente vida em horda? Na nossa caverna ela podia melhorar. Primeiro, ficaria abismada comigo quando descobrisse que eu sabia controlar o fogo, e acharia toda a nossa família muito superior a ela. Isso retirar-lhe-ia toda a voluntariedade. Teria que lhe bater, forte e frequentemente, mas se eu fosse firme desde o início... se eu voltasse para trás agora mesmo e lhe desse a sova da sua jovem existência...

Não, ela era impossível. E além disso, se voltasse para trás teria de reconhecer que estava errado e admitir que a tinha capturado, que éramos companheiros, que ela tinha ganho! Não, mil vezes não! Claro, ela era bastante bonita. A horda teria que o admitir. O Pai ia ficar desconcertado. Ele afastara a Elsie de mim e agora eu afastaria a Griselda dele. Justamente o tipo de rapariga inteligente e espirituosa de que ele gostava. Eu lhe daria a exogamia!

Parei. Agora estava bastante escuro e a Lua ainda não surgira. Imerso nos meus pensamentos, eu não prestara a devida atenção ao ruído cada vez mais intenso do tráfego da selva, que se tornara uma completa cacofonia. Os sapos esforçavam-se, chamando uns pelos

outros nos pântanos. Moscas vorazes traçavam círculos no ar. Aos guinchos dos hiraces respondiam os guinchos das corujas. Crocodilos e hipopótamos grunhiam nos rios. Os leopardos tossiam por entre a vegetação rasteira, e as hienas riam histericamente enquanto saltavam pelas árvores acima e abaixo atrás de macacos que gritavam. Nas clareiras, os leões levantavam a caça e o baque de vinte mil batidas de cascos abanou a terra. Ali perto, elefantes trombeteavam estridentemente enquanto as árvores eram arrancadas pelas suas trombas com um estalido de raízes partidas e de gritos diversos da rica fauna que habitava a sua folhagem. Todos perseguiram todos, determinados a provar que eram a espécie dominante. E, de repente, percebi duas coisas: a primeira, que alguém andava atrás de mim, e a segunda, que me esquecera do meu cacete.

Voltei-me e corri. Nem mesmo a Griselda me poderia ter ultrapassado. Rasguei caminho por entre a selva, saltando arbustos, transpondo correntes, baloiçando-me atrevidamente pelo ar nas lianas que se encontravam enroladas nas árvores da floresta. Devia ou não refugiar-me numa árvore: esta era a questão. Se fosse um grande felino, estaria a salvo. Mas se fosse um pequeno, seguir-me-ia até lá e então, nalgum ramo oscilante vinte metros acima do chão, seriam os meus dentes e mãos contra as suas presas e garras. No entanto, se eu ficasse no chão seria apanhado. Se mergulhasse na água, os crocodilos esperavam-me. Continuei a abrir caminho, o coração a saltar-me do peito, a respiração vindo-me em soluços sufocantes. Podia sentir o meu perseguidor bem perto de mim. Uma clareira abriu-se à minha frente. Era, bem o sabia, o fim... o local ideal para ele saltar sobre mim. Mas era demasiado tarde para parar. O acaso fez com que eu desembocasse inteiramente exposto ao luar, um alvo perfeito. Ouvei o grande gato fazer uma pausa, agachar-se e levantar voo. Tudo ficou vermelho em frente dos meus olhos enquanto eu fazia um último, desesperado e supremo esforço. E então, justamente quando eu esperava sentindo uma dúzia de garras enterrando-se na minha pele e um enorme peso malcheiroso atirando-me ao chão, ouvi o mais tremendo “tchac!” e o som de um corpo pesado caindo no chão atrás de mim com um baque. Foi como se o peso sobre o qual os meus ombros já se curvavam tivesse desaparecido de cima de mim. Mas isto foi uns segundos antes de eu poder abrandar e olhar para trás. Quando o fiz, foi para ver um leopardo estatelado na erva e um homem-macaco correndo na sua direção, volteando no ar o meu cacete ensanguentado. Tchac! Cranch! Os miolos do leopardo foram habilmente esmagados antes que ele pudesse recuperar do atordoador golpe que o derrubara a meio do salto.

— Griselda! — arquejei.

— Ernest, — respondeu ela. — Meu querido! Eu sabia que voltarias para mim! Pareces mesmo enalorado. Como deves ter corrido. Não importa, o jantar está pronto. Vamos começar já, sim?

Eu devia, evidentemente, ter-lhe dado a tal sova naquele momento. Mas estava muito ofegante e esfomeado. E, de qualquer modo, ela tinha o cacete. Decidi adiar as demonstrações de afeto para mais tarde, pois para já tínhamos de nos antecipar aos chacais e às hienas que rapidamente sentiriam o cheiro do súbito falecimento do leopardo. Porém, uma boa refeição depois de todos os meus esforços predisps-me inexoravelmente para dormir, e eu deixei-me

cair exausto aos pés de uma árvore de mimosas, enquanto a Griselda ficava de guarda com o cacete.

Acordei refrescado umas horas mais tarde. A Lua já se afundava por detrás das montanhas, mas estava ainda tudo tingido de prata. Griselda estava sentada no tronco fixando pensativamente o último abutre que ainda debicava os ossos prateados do leopardo. Mas o que me fez pôr de pé num salto foi a maneira como ela arranjara os cabelos longos em volta do osso da mandíbula do leopardo, e o modo artístico como a cauda do mesmo estava enrolada à volta do seu pescoço e caía entre os seios em consumada coque teria.

— Griselda! — gritei com uma voz de trovão. Finalmente apanhei-te!

Amor! Doce amor! Sempre sustentarei que foi uma das maiores descobertas do Pleistoceno Médio, rico e fértil como foi esse período em invenções e desenvolvimento cultural. Na altura, apanhou-me completamente de surpresa. Subitamente, eu era uma nova criatura, como uma serpente que deixou cair a pele, livre, flexível, efervescente de prazer. Eu era uma libélula em pleno voo depois de uma longa noite na crisálida. Estas são, hoje em dia, metáforas banais e gastas: a geração moderna perdeu esse primeiro, refinado, descuidado êxtase. Os jovens de hoje sabem o que esperar. Foi-lhes dito demais, e eles antecipam com demasiada ambição. Mas para mim foi uma metamorfose justamente porque eu não fazia a mais pequena ideia do que me iria acontecer. Sim, há um privilégio especial em ser o primeiro a passar por uma nova experiência humana, qualquer que ela seja, e mais ainda se é o amor! Pensem nisso! O amor, com o qual os jovens ainda parecem ficar humildemente satisfeitos quando o encontram na selva, nas margens de um lago ou no topo de uma montanha, é agora um assunto gasto e trivial que tomou o seu lugar de uma forma útil no processo evolutivo. Mas, oh!, quando era recém-nascido!

Eu não tinha capacidade ou desejo de analisar a coisa. Olhando para o passado, apercebo-me de que nasceu subitamente, um fruto não premeditado, dessa primeira inibição que o Pai nos impôs com objetivos puramente sociológicos. As nossas inclinações fáceis foram reprimidas, e este suculento, embriagante, extraordinário banquete de sensações era a recompensa que não procuráramos. Não que sentíssemos alguma inibição, a Griselda e eu, enquanto percorríamos juntos o mundo. Pelo contrário, não só nos sentíamos completamente seguros dos nossos novos domínios interiores, mas tratávamos a Natureza como se fosse a mobília do nosso quarto nupcial. Sentiamo-nos invulneráveis, como se a união de duas frágeis semi-criaturas de pele na tivesse criado um ser invencível para dominar a terra.

Rimo-nos irreverentemente nos covis dos leões. Atirámo-nos sobre a chita adormecida e torcemos-lhe a cauda. Perseguimo-nos pelas águas pouco profundas usando as costas de crocodilos estarecidos e usámos hipopótamos aturdidos como pedras para passar. Saltamos por sobre as quedas de água com o percherão e com o peixe-tigre e atravessámos as cachoeiras com as enguias. Brincamos à apanhada com as garças-boieiras por entre as pernas de indignados elefantes que batiam com as patas no chão tarde demais e trombeteavam em vão. Lançámos grinaldas de buganvília e de ipomeia sobre os chifres de enojados rinocerontes. Espantámos os veados das suas pastagens com ramos certos de jasmim e de árvore-da-borracha que esvoaçavam quais bandeirinhas ao vento presas nas suas armações agitadas. Demos as mãos aos macacos antes de se aperceberem de que estávamos no meio deles, fazendo-os correr à nossa volta numa roda louca. Arranquei penas esmaltadas de avestruzes, flamingos, pássaros-de-fogo, e de uma centena de outras aves, para o cabelo da Griselda, e usei na cabeça um ovo de epiórnis como chapéu de sol. As nossas gargalhadas deliciosas ressoavam pelo mato e por entre as árvores encordoadas de trepadeiras. Os grandes lagos sussurravam-nas para as montanhas e as montanhas ecoavam-nas para as planícies. Foi um divertimento colossal, embora, uma vez por

outra, quase tenhamos passado das marcas.

Após o pôr-do-sol continuámos a caminhar, cada um com o braço à volta da cintura do outro, para gozarmos a visão das luzes brilhantes. O disparo contínuo das estrelas tremeluzente em profusas exibições de meteoritos, as chamas que saíam das montanhas espalhadas pelo horizonte, o brilho súbito dos olhos dos felinos pelo meio da vegetação rasteira, o interminável piscar dos pirilampos aos nossos pés. Então, falei à Griselda acerca da caverna para onde ia levá-la, do grande fogo permanentemente aceso na entrada e da grande briga que explodia se alguém o deixava apagar, das nossas proezas com as lanças e as armadilhas, e das grandes festas que fazíamos. Pelo seu lado, ela não se cansava de me fazer perguntas acerca dos seus novos parentes e falava impiedosamente da tirania da qual eu a tinha salvo: um amo rigoroso e dominador que exigia submissão absoluta das aterrorizadas mulheres da sua horda e que se preparava para expulsar os seus filhos crescidos. Os seus olhos estavam tão brilhantes como os de qualquer falcão quando exclamou: — Oh, Ernest, como me vou divertir!

Ah, o amor!

Subitamente, a nossa lua-de-mel terminara, e era tempo de voltar ao lugar que eu escolhera para a reunião com os meus irmãos e as suas companheiras... se tivessem conseguido apanhar alguma. Tinha a certeza que o Oswald teria sucesso, mas tinha as minhas dúvidas quanto ao Wilbur e ao Alexander. No entanto, a Griselda afirmava não ter qualquer dúvida de que as suas três irmãs, como ela dizia, “se desembaraçariam”. Sugeriu que nos aproximássemos furtivamente do lugar de encontro, vissemos quem chegava lá primeiro e quem ficara com quem.

Só o Oswald tinha chegado e muito seguro de si. Estava sentado à beira do lago conversando com uma linda e rechonchuda rapariga que o ouvia concentrada de lábios entreabertos e olhos brilhantes.

— A Clementina, aquela mosquinha morta! — disse a Griselda com uma risadinha.

— Então ali estava eu, completamente só, — dizia o Oswald —, sem uma única árvore à vista, a lança partida, e até o leão ferido corria para salvar a pele enquanto o búfalo carregava. Só havia uma coisa a fazer, e foi o que fiz. Corri de encontro a ele tão rápido quanto pude, agarrei-o pelos cornos e saltei sobre ele tão de repente que nem teve tempo para voltar a cabeça.

— Oswald, que aterrado — exclamou a jovem

— De outra vez... — começou o Oswald, enquanto nós abandonamos o esconderijo e corremos para eles com gritos de alegria.

Mais tarde, após nos termos felicitado mutuamente pelas nossas capturas e as raparigas se terem afastado para nos arranjar alguma coisa para comer, perguntei ao Oswald como tinha corrido a sua corte. Ele riu-se.

— Tão fácil como cair de um crocodilo, meu caro, disse ele. — Embora tenha que dizer que ela me obrigou a correr um bocado. Bem! Mas já sabes que uma rapariga tem a sua modéstia!

— De que... eh... de que tamanho foi o bocado Oswald? — perguntei.

— Oh, não sei, — disse ele descuidadamente. — Uns quinze dias, talvez. Ela é bastante rápida, a Clementina, e para mais eu transportava o meu cacete. Adorei cada minuto.

— Subiram a algumas montanhas decentes? Perguntei eu casualmente.

— Uma ou duas, uma ou duas, — disse o Oswald colocando, por um momento, a mão na parte de trás da cabeça. — Uma gatinha brincalhona, a Clementina. E como foi contigo, Ernest?

— Muito parecido, muito parecido, — disse eu. — Mas parece que o Alexander e o Wilbur ainda estão a caçar, não é?

O Oswald acenou afirmativamente com a cabeça de modo sério.

— Pergunto-me mesmo, — disse ele —, se valerá a pena esperar por eles. Sinceramente, não me surpreenderia se passassem um ano ou dois a fazê-lo.

Mas nesse preciso momento fomos surpreendidos por um enorme barulho de queda na vegetação rasteira, como se algum animal desajeitado, como um javali, uma formiga-leão ou um tatu, se estivesse a aproximar. Eram, porém, o Wilbur e outra rapariga que, cegos pelo suor e

curvados como chimpanzês, se aproximavam cambaleando, cada um carregando uma enorme rocha vermelha.

— Honoria, querida! — gritaram a Griselda e a Clementina, ao mesmo tempo que a nova rapariga largava o seu fardo com um baque e, num trio, as três desataram a conversar como papagaios.

— Wilbur, — disse o Oswald —, que raio pensas tu que estás a fazer?

O Wilbur pôs-se cuidadosamente a sua rocha ao lado da sua companheira e endireitou-se com esforço.

— Ah, olá, rapazes, — disse ele. — Está calor, não está?

— O que trazes aí? — disse eu.

O Wilbur sorriu.

— Bastante interessante. Nunca tinha reparado nesta formação. Estive a experimentá-la. Penso que o Pai vai achar que tem possibilidades notáveis.

— Queres dizer que vais transportar esse pedregulho todo o caminho até casa? Pelo amor de Deus! Há quanto tempo a vens a arrastar?

— Oh, algum. Que eu saiba, não se encontra disto lá para os nossos lados. Resultado da erosão, suponho. Basicamente, é um composto qualquer de pó vulcânico. A Honoria ajudou-me. É uma boa rapariga. Tenho que vos apresentar... Honoria!

— Não estás a querer dizer-me, — disse o Oswald, dando uma mirada aos musculosos membros de Honoria, — que perseguiste esta rapariga transportando contigo metade de uma montanha?

— Ele não me perseguiu de todo! — disse a Honoria num tom descontente. — Embora eu tenha tentado tudo para atrair a sua atenção, ele passava o tempo absorto com estas detestáveis pedras e não tomava o menor conhecimento da minha presença. Eu fui direita a ele e disse-lhe: “Estás atarefado, não?” e adivinhem o que ele disse! “Realmente, estou”.

Foi isto que ele disse. Exatamente assim: “Realmente, estou”.

— Oh! — disse a Griselda incrédula. — E o que fizeste a seguir, querida?

— Disse: “Como se chama, Sr. Atarefado? Geólogo ou algo do gênero?” E o que pensam que ele respondeu?

— Oh, continua, querida, — silvou a Griselda.

— Ele disse “Apenas um amator, receio bem”, tal e qual: “Apenas um amator”. Bem, por pouco não me vim embora. E tê-lo-ia feito, mas então ele disse “Olha, dá-me aqui uma ajuda com este bocado, se faz favor. Está a soltar-se”. Era óbvio que ele nem sequer olhara para mim enquanto não tivesse o seu brinquedo, por isso pensei que era melhor ajudá-lo. Foi o que fiz, e a pedra escorregou da minha mão e caiu bem em cima dos dedos dos pés do Sr. Geólogo Amador com uma pancada violenta, e então não podia perseguir-me mesmo que quisesse. Ficou em pé numa só perna como uma cegonha e piou como um calau.

O Wilbur fez um ar acanhado.

— Tenho que admitir, a Honoria era uma lasca. Ficou por ali, mantendo os leões e os

leopardos à distância, até eu poder andar outra vez e, depois, ajudou-me imenso no meu trabalho.

— Oh, imenso! — exclamou Honoria.

— E assim, somos companheiros, — concluiu o Wilbur com simplicidade.

— Nós também, — disse uma voz tímida atrás de nós. Todos nós voltamos e ali estava o Alexander, com o seu cacete na dobra de um braço e uma rapariga realmente linda, a tal que tinha a amplitude de um hipopótamo, meigamente pendurada no outro.

— Alex! Petronella! — gritámos, e repetiu-se o círculo de apresentações e felicitações.

No entanto, assim que pudemos, o Oswald, o Wilbur e eu puxámos o Alexander para um canto e perguntámos-lhe como é que tinha ganho os favores da bela Petronella: não havia a mais pequena dúvida de que ela estava completamente babada por ele.

Pareceu ficar bastante surpreendido.

— Bem, da forma usual, suponho. No dia depois de partirmos, estava eu escondido numa moita observando patos (e que coisa incrível que eles são), quando, subitamente, eles levantaram voo numa nuvem de espuma (a propósito, precisam de cerca de um metro para levantar voo) quando a Petronella passou mesmo à minha frente. Eu saltei da moita e dei-lhe uma pancada com o meu cacete que a deixou sem sentidos. É assim, não é? — acrescentou ansiosamente.

— Perfeitamente, — disse o Oswald, o seu rosto era uma máscara.

— Oh, ainda bem, — disse o Alexander, aliviado. — Eu achei um bocado rude. Quando recuperou os sentidos doía-lhe bastante a cabeça, pobre querida, mas depressa a pus a rir com alguns desenhos de patos que eu tinha feito num pedaço de areia para passar o tempo enquanto ela estava inconsciente. Tivemos uma lua-de-mel linda, — disse ele com um sorriso feliz. Realmente linda. O amor não é maravilhoso? — Se é! — respondemos em coro.

Uns dias mais tarde iniciámos a viagem de regresso a casa. Foi uma viagem bastante lenta, já que o Wilbur não se separava das suas rochas. Ele e a Honoria cambaleavam por uns dez metros com elas e depois tinham que as pousar. A Honoria sugeriu várias vezes que as irmãs a ajudassem, mas elas respondiam invariavelmente:

— Ele é o teu companheiro, querida.

Assim, pelo caminho, tivemos muito tempo para fazer caçadas, ver a paisagem, fazer piqueniques, observar pássaros e até apreciar arte. Finalmente chegámos a território familiar e descortinámos uma longa espiral de fumo que se erguia alta de encontro ao céu, e o espanto das raparigas não tinha limites: elas simplesmente não podiam crer que era fumo industrial e não vulcânico. Mas, à medida que nos aproximámos, começámos a olhar desconfortavelmente uns para os outros. Algo estava errado. Eu senti-o. O Oswald sentiu-o. O Alexander, as raparigas, até o Wilbur, ofegante e dobrado em dois, deu conta dele. Finalmente o Oswald falou por todos nós.

— O que é este fedor pavoroso?

Paramos e cheirámos o ar.

— Lembra-me alguma coisa — disse eu —, mas não consigo reconhecer o quê.

— Não são cadáveres nem vulcões, — disse o Oswald —, mas algo está a arder. Receio que tenha havido algum acidente.

— No entanto, não o acho inteiramente desagradável, — disse o Alexander. — Está a ter um efeito curioso em mim: a fazer-me crescer água na boca.

Descobrimos que estava a ter o mesmo efeito em todos nós.

— Vamos, — disse o Oswald. — É melhor irmos ver — e, com o Wilbur e a Honoria fechando com grande esforço o cortejo, apressámo-nos em direção à caverna, enquanto o cheiro estranho, tantalizante mas picante, aumentava a todo o momento.

Vimos com alívio que a horda inteira estava em casa e sentada à volta da fogueira, a qual, no entanto, crepitava, chiava e estalava da forma mais extraordinária. De vez em quando, uma tia levantava-se, espetava um ramo verde dentro das brasas e retirava-o depois com um naco de material ardente na ponta.

— Ora, mas aquilo é uma espádua de cavalo balbuciou o Oswald.

— E aquilo é um lombo de antílope, — repliquei eu. Corremos o quilómetro e meio que faltava e, com as nossas companheiras coladas aos nossos calcanhares irrompemos no círculo familiar.

— Bem-vindos ao lar, meus caros, — gritou o Pai pondo-se de pé.

— Mesmo a tempo para o jantar, — gritou a Mãe, e lágrimas de alegria sulcavam o seu querido e enfarruscado rosto. Então seguiu-se uma confusão de gritos, abraços, fungadelas, carícias e gargalhadas.

— Clementina? O Oswald é mesmo um homem de sorte! E quem é a Menina dos Olhos Brilhantes? Griselda? Exatamente o que o Ernest precisa, minha querida! Petronella? Mas a figura dela é maravilhosa... quem diria que o nosso Alexander conseguiria que uma rapariga assim olhasse para ele! E Honoria? Bem, bem, que simpática... e o que é isso que nos trouxeram? Uma adorável e enorme rocha? Mas que amabilidade, querida, trazerem-nos qualquer coisa — e por aí fora, até que fiz ouvir a minha voz.

— Mãe! Porque carga de água está a usar boa carne como lenha?

— Oh, Ernest, com toda esta excitação, esqueci completamente o meu naco de carne. Temo que esteja horrivelmente queimado... — e afastando-se apressadamente da confusão, retirou do fogo um enorme e fumegante pedaço de antílope.

— Oh, — disse ela inspecionando-o. — Este lado está completamente carbonizado.

— Não te importes, meu amor, — disse o Pai. — Sabes que eu gosto dele um pouco estaladiço. Como a parte de fora com todo o prazer.

— Mas de que estão a falar? — implorei-lhes.

— De quê? De cozinhar, evidentemente!

— Cozinhar? — inquiri pacientemente.

— O jantar, — disse o Pai. — Oh, claro, agora me lembro, a vossa Mãe ainda não tinha inventado isto quando vocês partiram, rapazes. Cozinhar, meus filhos, é... bem... é um meio de preparar a caça antes de a comer. É um método inteiramente novo de reduzir... hum... ligamentos e músculos a uma forma de mastigação mais fácil... e... hum...

Ele enrugou a testa e, então, um sorriso feliz surgiu no seu rosto.

— Mas, afinal de contas, porque estou eu a tentar explicar? A prova do assado é comê-lo. Experimentem um pouco e vejam.

Os meus irmãos e as nossas companheiras amontoavam-se à volta do estranho e aromático bocado de carne que a Mãe nos oferecia. As raparigas, já assustadas com o fogo, afastaram-se timidamente, mas o Oswald agarrou ousadamente a articulação, levou-a até ao focinho, enterrou-lhe os dentes e rasgou um bocado de carne. O seu rosto tornou-se imediatamente cor de púrpura. Ele lançou perdigotos, engasgou-se, arquejou, engoliu violentamente, deixou cair a articulação, que a Mãe apanhou cuidadosamente, e contorceu-se de agonia. Corria água dos seus olhos e ele batia loucamente na boca e na garganta.

— Oh, desculpa, Oswald, — disse o Pai. — Claro, não sabias. Eu devia ter-te dito que estava quente.

— Corre até ao rio, querido —, disse a Mãe, — e bebe um pouco de água.

Num abrir e fechar de olhos o Oswald tinha desaparecido e no momento seguinte ouvimos o som de um enorme chapão.

— Nós já estamos habituados, — disse-me o Pai, mas a princípio é preciso serem cuidadosos. Uma boa maneira de começar é soprar-lhe. Depois debiquem um pouco as bordas, e apanham-lhe o jeito num instante.

Assim avisados, os restantes começaram a praticar a nova cozinha. Nos primeiros tempos queimávamos a boca, mas descobrimos que valia a pena perseverar. A carne parecia derreter-se literalmente na boca. O gosto, o sabor misturado de carvão, cinza de madeira e carne meio queimada, a carne magra mais macia, a gordura semiderretida, era ambrosíaco. Especialmente o molho vermelho! Praticamente não era preciso mastigar. O músculo elástico e forte que permitia a um gnu de duzentos e cinquenta quilos deslocar-se a oitenta quilómetros por hora dissolvia-se positivamente na língua. Era uma revelação.

Implorámos à Mãe para que nos dissesse como tinha feito esta descoberta essencial.

Mas ela apenas sorriu, e foi o William que disse, meio amuado, meio orgulhoso:

— Foi o meu pobre porquinho! O Pai explicou.

— Sim, o William desempenhou o seu papel nesta notável invenção, cujas possibilidades, julgo, ainda mal começamos a saborear. Vocês lembram-se do cão? Bem, o William tentou novamente a experiência, desta vez com um jovem javali ao qual chamou Piggy. Eu raramente conheci um animal mais sujo, malcheiroso, estúpido ou recalcitrante. O William mantinha-o preso por uma trela de trepadeira de borracha torcida mas, mesmo assim, ele costumava dar marradas por de trás dos joelhos das pessoas. Ou, se não fazia isso, corria à volta das pessoas até

se enfiarem na trela e depois mordiam-as repetidamente. Bem, um dia, estávamos todos fora a caçar, exceto a vossa Mãe e os pequeninos, e parece que o Piggy se conseguiu enfiar num grande monte de lenha e, de alguma forma, a vossa Mãe não reparou nisso quando a pôs na fogueira.

— Ela assim o diz, — rosou o William.

— E o Piggy morreu queimado, — disse o Pai. — Mas o esplendor da coisa foi a maneira como a vossa Mãe percebeu que ele estava bom para comer num determinado estágio intermédio do processo de combustão e o retirou nessa altura, e só nessa altura. Um notável exemplo de pensamento intuitivo acertando subitamente no cerne de um problema, uma síntese instantânea de ideias para a qual o cérebro de um mero macaco seria totalmente inadequado...

— Mas Mãe, — perguntei eu —, o que te fez relacionar o porco a arder com alguma coisa boa para comer?

— Bem, meu querido, — disse a Mãe, — suponho que foi uma coisa bastante pateta, realmente, mas sabes como a azia do Pai tem andado mal ultimamente, sobretudo depois de comer elefante, e eu andava preocupada com ele. E, quando o pobre porquinho do William começou a fritar, não pude deixar de me lembrar do cheiro curioso de quando o Tio Vanya esteve de pé sobre as brasas e a Tia Pam se sentou nelas, e de como ficaram macios os lugares onde se queimaram.

— Então fora por isso que o cheiro me parecera familiar!

— Génio — disse o Pai reverentemente. — Puro génio. É um incalculável passo em frente para a espécie como um todo. As possibilidades são fantásticas.

— Pode cozinhar qualquer coisa? — perguntou o Oswald. — Ou só porco e antílope?

— Qualquer coisa, — disse o Pai expansivamente. Quanto maior o animal, maior a fogueira, é tudo. Se tu trouxeres um mamute, eu construirei uma fogueira suficientemente grande para o cozinhar.

— Vou trazê-lo, — disse o Oswald.

— Faz isso, meu caro rapaz, — disse o Pai —, e teremos uma grande festa de horda. De qualquer modo, devíamos fazer uma: uma festa de arrebentar, sabem, com discursos a seguir ao jantar. Sim, — acrescentou ele pensativamente, — vou certamente fazer um discurso.

O Oswald começou imediatamente a fazer planos para uma expedição de caça a uma escala muito ambiciosa. Notei que o Pai estava agora muito satisfeito por deixar tudo à sua responsabilidade. Ele e o Wilbur saíam continuamente para o mato com um ar misterioso. Recusavam-se a responder a quaisquer questões e, frequentemente, regressavam tarde para as refeições. As mulheres estavam a ambientar-se bastante bem, como só elas e os macacos sabem fazer: guinchando e brigando, acarinhando-se continuamente e conversando em linguagem de mulheres, esse dialeto especializado no qual cada palavra se pronuncia em cursivo. Mas, para meu desgosto, descobri que algo mudara na minha querida irmã Elsie. Mesmo durante a nossa lua-de-mel, eu tinha esperado ansiosamente vê-la de novo e falara dela a Griselda, que dissera de imediato:

— Tenho certeza de que vamos ser grandes amigas.

Ocorrera-me que, a seu tempo, dissesse o Pai o que dissesse, não havia qualquer razão para que a Elsie não viesse viver comigo e com a Griselda, e eu iniciaria uma horda minha, realmente ambiciosa. Um harém, como os chimpanzés. E, desde o primeiro momento, a Elsie parecia adorar a Griselda. Andavam constantemente juntas. Griselda ensinou à Elsie como pendurar ao pescoço fragmentos de peles de animais e como arranjar o cabelo com espinhas de peixe e orquídeas. A Elsie ensinou à Griselda como cozinhar. Mas a Elsie não tinha tempo para mim. Todo o sentimento de camaradagem que costumava existir entre nós parecia ter desaparecido. Se eu ia falar com ela, replicava bruscamente “Não me maces agora, Ernest, não vês que tenho que fazer?”, e se lhe oferecia os rins grelhados que encontrava no meu prato de cordeiro assado ela passava-os imediatamente às crianças mais pequenas ou à Griselda dizendo:

— São para ti, querida. Tens mesmo que ensinar ao Ernest modos de estar à mesa.

Isto era ainda mais difícil de suportar porque a Elsie se tornara uma jovem realmente adorável, o complemento perfeito para a Griselda, em curvas e em cor, e tão rápida no andar e segura no olhar como ela.

Também não gostava do modo como o Pai apreciava as duas raparigas. Quando voltava das suas misteriosas incursões com o Wilbur, por vezes cansado e desencorajado, parecia querer apenas a companhia delas e em breve os ouvíamos rindo felizes. Mais de uma vez apanhei o Pai passeando-se com a Griselda de um lado e a Elsie do outro, com cada um dos braços à volta da cintura delas. Ele também não ficava nada envergonhado quando me juntava a eles.

— Ah, Ernest, — gritava —, o teu velho Pai ainda pode com um par de raparigas bonitas!

— Pensava que os seus interesses eram puramente científicos, — replicava eu secamente afastava-me.

Por alguma razão, eles pareciam achar isto extremamente engraçado. Quando, mais tarde, censurei Griselda, ela só disse, esfregando o seu nariz no meu:

— Não te preocupes, coisinha ciumenta. Estou a cultivar a amizade da tua família. Mas eu amo-te a ti e vou ficar contigo. — Porém, eu continuava sentindo-me muito infeliz.

Descobri que as refeições regulares e cozinhadas introduziam uma grande alteração na minha vida. Agora que comer levava muito menos tempo, eu tinha finalmente o tempo livre de que necessitava para pôr os meus pensamentos em ordem. O Oswald usava esse tempo a caçar e o Pai gastava-o em experiências, mas eu devotava uma grande parte dele à introspecção. E, para mim, foi quase como um choque aperceber-me de quanto se passava acima das minhas mandíbulas e por detrás dos meus olhos, independentemente do que se passava à frente deles. Tão independentemente, de facto, que, quando adormecia, estes acontecimentos interiores continuavam, e com maior nitidez ainda. Mas eu perdia-lhes completamente o controlo, e eles tornavam-se uma espécie de imagem no espelho, um reflexo numa água parada, do mundo espacial em que os meus membros exteriores se moviam. No entanto, eu também tinha um corpo nesse mundo: um corpo-sombra que, às vezes, percorria a distância de um lugar a outro a cento e sessenta quilómetros por hora mas que parecia ter criado raízes na terra quando eu queria

desesperadamente escapar a um leão. Não bastava justificar tudo isto como sendo apenas sonhos, porque faziam tão firmemente parte da realidade como o meu machado de sílex. Acontecia. Por muito imprevisível e assustador que fosse o mundo exterior, o mundo interior conseguia-o ser ainda mais.

Uma noite, por exemplo, na terra dos sonhos, fui perseguido hora após hora por um leão. Finalmente, ele encurralou-me. Acossado, atirei-lhe a minha lança... e ela parecia ter-se tornado uma mera cana. No entanto, voou leve pelo ar e trespassou o leão tão facilmente como se ele fosse o gibão assado que eu comera ao jantar. Mais, de um modo incompreensível, o leão era o gibão. E foi então que o leão disse alegremente:

“Finalmente, Ernest, fizeste alguma coisa pela espécie! Suplantaste o senhor de todos os animais. As possibilidades são fantásticas. Devidamente exploradas, levarão a sub-humanidade para os ramos mais elevados da árvore da evolução. Glória, glória, aleluia, os meus olhos contemplam o fim do Pleistoceno!”.

Com o som da voz do Pai nos ouvidos, acordei debaixo das estrelas, tremendo e suando. Desde esse dia até hoje nunca mais toquei em gibão assado na última refeição da noite.

Os preparativos do Oswald estavam agora completos. Uma manhã, ele voltou de uma longa expedição de reconhecimento para nos dizer que grandes manadas de mamutes, elefantes, bisontes e búfalos e uma refinada seleção de ungulados, estavam a atingir uma boa posição para os atacarmos. A horda inteira partiu cerca de uma hora depois, deixando a Mãe e a Tia Mildred a tomar conta das crianças que ainda não tinham idade para caçar. Oswald assumiu o comando total das operações, e o Pai obedeceu às suas ordens com entusiasmo e inteligência. Oswald espalhou o corpo principal do seu grupo pelo território formando uma grande rede, para a qual os animais se dirigiriam seguindo o vento. Um destacamento menor, sobretudo composto por mulheres, devia executar uma marcha forçada atravessando o território para se colocar por detrás das manadas e conduzi-las, por barulhos e gritos para o interior da rede. As crianças mais pequenas agiam como mensageiros informando-o quando cada corpo de caçadores atingia a posição correta. Ele próprio, com a sua gente, trepou a uma colina convenientemente situada de modo a permitir-lhe conduzir as operações e juntar-se a quaisquer caçadores que precisassem de reforços para a matança.

Tudo correu bem. As manadas ficaram rapidamente assustadas pela ação dos batedores e caíram cegamente em emboscadas atrás de emboscadas. Com grande habilidade, alguns dos grupos de caçadores do Oswald conduziram mamutes e elefantes para dentro de fossos e armadilhas, enquanto outros, com as suas lanças, abatiam cavalos, zebras, búfalos, cefos, e até gazelas para que pudéssemos ter uma grande variedade de carne. Numa semana, tínhamos mais géneros para a despensa do que conseguíamos levar para casa. Mas, como de costume, devíamos partilhar o nosso saque com uma grande quantidade de hienas, chacais, abutres e milhafres que acorriam de todos os quadrantes para se refastelarem à nossa custa.

— Bem, bem, — disse o Pai, inspecionando a carnificina com satisfação. — Lembra-se do tempo em que também éramos necrófagos? Agora são eles que nos seguem. — E, com uma pedrada certa, atingiu uma hiena que se afastou a coxear com uivos de desapontada raiva.

Carregados com carne de toda a espécie, voltámos alegremente para casa e encontrámos a Mãe pronta para nos receber com uma poderosa fogueira. Em breve estávamos a fabricar assadores, espetos e suportes de madeira verde, a espalhar brasas para os grelhados, a empilhar cinza de madeira para estrear ovos de avestruz, de epiórnis, de cegonha e de flamingo. Ao cair da noite um poderoso clarão iluminou a paisagem à volta. E, pouco depois, chegou o Tio Vanya.

— Ah, Vanya, — gritou o Pai alegremente. — Mesmo a tempo para a grande celebração! Obrigado por teres vindo!

O Tio Vanya olhou sombriamente para o banquete que se estava a preparar, cheirou o fascinante aroma e disse:

— Vais de mal a pior, Edward. Já pensaste no que a comida cozinhada pode fazer aos teus dentes? Não me admirava que metade de vocês já padecesse de problemas dentais. Sim, vou ficar. Mas posso dizer-te que esta é, para mim, uma triste ocasião.

No entanto, não se fez rogado e experimentou os vários pratos e, até onde me pude aperceber, comeu tão bem e com tanto gosto como qualquer outro.

E que churrasco foi, servido com uma habilidade culinária mais que homérica: todos os tipos de carne assada, grelhada, estufada, frita. Para o prato principal, cortámos fatias das coxas dos elefantes, antílopes e bisontes, embrulhamo-las em invólucros de gordura e pusemos mais carne crua por cima. Quando as coxas já estavam suficientemente quentes, por entre as chamas ondulantes, derramámos sobre elas sangue dos animais, sumo de bagas e gemas de ovos de epíornis. Em seguida, retirámo-las do fogo e consumimos as partes interiores cortando bocados mais pequenos que acabámos por tostar em espetos.

Quando por fim acabámos, o Pai levantou-se e usou da palavra.

— Parentes, companheiras, filhos e filhas! Esta é, na verdade, uma ocasião feliz e auspiciosa que não posso deixar passar sem algumas palavras que marquem o seu significado, revejem conquistas passadas e se dediquem a tarefas futuras. Esta noite, acolhemos oficialmente no seio da horda quatro encantadoras jovens que se tornaram as companheiras dos nossos quatro jovens mais crescidos. Mas fazemos mais do que isso, pois a sua chegada aqui inaugura um novo costume pelo qual um homem-macaco deve sair da sua horda e procurar e encontrar a sua companheira noutra grupo da família sub-humana, e uma mulher-macaco deixará pai e mãe unindo-se para sempre ao seu companheiro. Esta nobre instituição, como já expliquei, deverá gerar energia nova que seguramente encontrará expressão na aceleração do ritmo do progresso material e moral. Tenho a certeza de que todos aqueles que participaram nesta importante experiência, dolorosa como foi no início, se sentem muito melhor por isso.

— Viva, viva, — disseram o Oswald, o Wilbur, o Alexander e as raparigas, quando o Pai fez uma pausa para os aplausos.

— Tecnicamente, — continuou o Pai depois de se curvar em sinal de agradecimento — nós estamos a atravessar uma verdadeira revolução. O melhoramento das ferramentas de sílex é lento mas firme. Por outro lado, temos agora, na mestria do fogo, uma arma invencível na nossa caminhada para a supremacia no mundo.

— Vergonha, oh que vergonha! — gritou o Tio Vanya. — Wilbur, vê se me consegues partir este fêmur, caro rapaz, não consigo retirar o tutano.

— Ah, eu sabia que te ia surpreender, — disse o Pai —, mas não podes negar que é óbvio! Pensaste que, quando expulsámos os ursos para fora desta caverna, ficaríamos satisfeitos com isso? Isso foi apenas uma batalha importante numa grande guerra. Todos os dias homens-macaco são mortos e comidos por carnívoros, esmagados por elefantes, mastodontes e hipopótamos, atropelados por rinocerontes, atirados para a morte por qualquer animal que tenha cornos, mordidos por todas as serpentes que têm veneno ou asfíxiados pelas que não têm. E o que a presa, o chifre, o casco ou o veneno deixam de lado, é destruído por toda uma multidão de outros inimigos mortais, muitos tão pequenos que mal se podem ver, mas atacando em tão grande número que não podem, por enquanto, ser derrotados. Os dias dos homens na Terra são poucos, e a própria espécie está em constante perigo de extinção. A nossa resposta é o desafio:

prepararmo-nos para exterminar todas as espécies que nos caçam, poupando apenas aquelas que se nos submeterem. A todas as outras espécies, gritamos: Tomai cuidado! Ou vos tornais nossos escravos ou desaparecereis da face da Terra. Aqui seremos nós os senhores e vós sereis derrotados a todos os níveis, na guerra, no pensamento, na habilidade, na propagação e na evolução! Esta é a nossa política e não há outra.

— Há sim senhor, — disse o Tio Vanya. — Voltar para as árvores.

— Bah! Voltar para o Mioceno! — replicou o Pai em tom incisivo.

— Não há nada de errado com o velho Mioceno, rosnou o Tio Vanya. — As pessoas sabiam qual era o seu lugar...

— E olha para eles agora: fósseis! — retorquiu o Pai. Podes retroceder ou podes avançar. Mas não podes ficar parado, nem mesmo nas árvores. Digo-vos que um homem-macaco tem um só dever: continuar a avançar. Para a humanidade, para a história, para a civilização! Assim, dediquemos esta noite a...

Bum! Bum! Bum! O Tio Vanya começou a bater no peito com os punhos, como um gorila desdenhoso.

— Vamos, — disse o Pai elevando a voz —, vamos, digo, determinar que nunca ficaremos satisfeitos, que procuraremos sempre melhorar. Na fabricação das lascas, passemos do Paleolítico ao Neolítico...

Com um grito, o Wilbur bateu dois núcleos de sílex um no outro. Chip, chip, chip!

— No sector da caça, vamos melhorar firmemente os nossos projéteis...

O Oswald começou a bater furiosamente com as suas lanças umas nas outras.

— Na frente doméstica, que as artes caseiras nos libertem cada vez mais por completo para a grande luta...

Sorrindo radiante para ele, a Mãe começou a fazer chocar entre os seus dedos os pequenos ossos que usava para ensinar aos bebés como afiar os dentes de leite.

— Que as belas-artes se desenvolvam e estimulem a nossa observação da Natureza...

O Alexander agarrou um chifre de carneiro solto e, soprando, extraiu dele um estranho ruído.

— E que aqueles que não contribuíram com grande coisa para esta grande tarefa a não ser com palavreado aguceem o seu pensamento...

Comecei a assobiar zombeteiramente.

O barulho era agora tremendo e afogou por completo o fim do discurso do Pai. O Tio Vanya batia no peito com uma reverberação ritmada e toda a gente parecia estar a bater ou tinir alguma coisa. De alguma forma, a voz do Pai elevou-se acima daquele clamor.

— Isso mesmo, continuem, agora estamos a chegar a algum lado! Presto, Oswald! Mantém a nota, Ernest! Agora entra com a percussão, Vanya, isso mesmo, e agora tu, Wilbur. Agora os sopros, Alexander. Castanholas, meu amor, por favor. Tambores de novo Vanya... Tim, clach, rah-rah, bum-bum! Clach, tim! Cu-ii rah-rah, bum-bum!

Com um pau na mão, o Pai apontava para nós por ordem, encorajando um ou moderando outro com a outra mão. O barulho começou a tomar forma, a tornar-se vivo, uma serpente

colorida ondeando de um lado para outro, enroscando-se atrás e à frente e sobre si mesma.

Rah-bum-rah, tim, clach! Cu-ii, tim, rah-bum!

E começou um movimento atrás de nós. As mulheres tinham-se posto de pé e começado a arrastar estranhamente os pés à frente e atrás, à frente e atrás, dando socos no ar com os punhos e cotovelos.

— Continuem! — gritou o pai desesperadamente enquanto a fila das mulheres se encaminhava para a luz da fogueira. — Mantenham a batida! Molto Allegro Presto! Tambores! Castanholas! Sopros! Com ritmo!

Na floresta os leões rugiam a sua desaprovação, os elefantes trombeteavam um protesto estridente desde os pântanos e todos os chacais da selva ladraram em uníssono. Os nossos dias na Terra podiam ser poucos; a espécie podia estar pouco espalhada; a luta pela sobrevivência podia ser dura, e a Era Paleolítica podia estender-se interminavelmente à nossa frente. Mas nós estávamos a dançar.

O suor escorria pelos nossos focinhos e torsos enquanto batíamos fazendo barulho como se a nossa vida dependesse disso. O Tio Vanya todo negro e azul à força de tanto se bater. A voz do Pai estava rouca. Mas as mulheres continuavam a balançar-se para a frente e para trás, e rodavam e volteavam e uivavam à luz da fogueira. E que dança foi... a nossa primeira dança!

Acabou abruptamente quando meia dúzia de silhuetas irromperam entre nós e se precipitaram sobre a fila das mulheres e, entre gritos e pernas a balouçar no ar, fugiram com elas, quais águias com as suas presas. A Elsie, a Ann, a Alice e a Doreen foram levadas para a escuridão, e várias tias também. Ofegante como estava de assobiar, lancei-me em sua perseguição, mas para logo tropeçar inexplicavelmente nas pernas esticadas de Griselda, e cair redondo de cara no chão. O Oswald arremessou as suas lanças em vão e o Wilbur e o Alexander ficaram paralisados pelo assombro. A Tia Mildred voara para debaixo do braço protetor do Tio Vanya como um galago para a sua toca. O Pai limitou-se a observar com um interesse manso, o seu pau levantado como se estivéssemos prestes a recomençar a música. No que dizia respeito às nossas irmãs, o rapto tinha sido completo. E embora tivesse ficado meio atordoado, tentei reunir um grupo para partir em sua perseguição.

— Deixa os meus irmãos em paz, Ernest, — disse a Griselda.

— Acasalando e dando em acasalamento, — disse o Pai. — Bem, Mãe, as raparigas já estão fora das nossas mãos. Não chores. Elas são cozinheiras de primeira ordem e darão esposas maravilhosas. Assim vai o mundo, como podes ver.

De repente fez-se luz na minha cabeça. Olhei ferozmente para o Pai e para Griselda e depois de novo para o Pai. Então fora isso que ambos andaram a tramar, com a cumplicidade de Elsie, e esconderam com tanto afinco. Oh, a enojante perfídia da coisa!

— Vocês planejaram tudo! — vociferei.

— Não, não, meu rapaz, — disse o Pai. — Digamos que deixei o assunto a cargo da Natureza... apontando um pouco o caminho, só isso.

— Mas eles deixaram-me a mim! — lamentou-se a Tia Pam. — Levaram a Aggie e a

Angela e a Nellie, e deixaram-me a mim!

De facto, era a única tia viúva que tinha ficado.

— Bem, saíram daqui há pouco tempo... — disse o Pai.

Num instante, a Tia Pam, com o seu longo cabelo esvoaçando, desaparecera na escuridão.

— Esperem por mim! — guinchou, e os seus gritos podiam ouvir-se, cada vez mais longínquos e débeis, vindos da selva. — Esperem por mim!

Uma tarde, pouco tempo depois, o Pai entrou aos saltos na caverna com o Wilbur colado aos seus calcanhares.

— Conseguimos! — gritou numa voz deliciada. Hurra! Hurra! Conseguimos!

— Conseguiram o quê? — exclamaram todos menos eu. Com resignação na voz, disse:

— O que foi que fizeram desta vez?

— Venham ver! — gritou o Pai. — Não lhes digas, Wilbur. Deixa-os ver por si próprios.

Vamos, todos. Todos! É demasiado bom para perder.

Todos juntos como um bloco, seguimos o Pai e o Wilbur pelo mato dentro durante vários quilómetros e depois subimos uma colina.

— Olhem! — gritou o Pai dramaticamente. No sopé da colina erguia-se uma longa coluna de fumo, e podíamos ouvir o crepitar de uma grande fogueira.

— Outra fogueira — dissemos.

— Esta fizemo-la nós, — disse o Pai inchando de orgulho.

— Queres dizer que subiste outra vez ao vulcão, querido? Foste muito rápido. Só saíste esta manhã.

— Não estivemos no vulcão, — disse o Pai. — Nunca mais subiremos ao maldito vulcão. Nós fizemos o fogo! Fizemo-lo do nada. Ou melhor, de lascas. Aquela pedra vermelha que o Wilbur trouxe do lago é um material maravilhoso. Quando se lhe bate com o nosso sílex vulgar, como voam as fagulhas! Não apenas uma ou duas, mas autênticas saraivadas delas. O problema era apanhá-las. Tentámos de tudo até que, esta manhã, encontrámos a resposta. Apenas umas quantas folhas secas um pouco desfeitas na mão! Pensem bem! Apenas umas folhas secas, depois alguns galhos secos, depois um pequeno pedaço de madeira seca, e assim sucessivamente. É preciso soprar-lhe começando tão diminuto que nem parece fogo.

Percebi a ideia.

— Bom trabalho, — aprovei eu.

— Agora, onde quer que vamos, — disse o Pai com um ar feliz —, podemos ter uma fogueira à nossa vontade. É só levar esta nova pedra vermelha, uma pequena lasca chega bem, e um pouco de sílex, e faz-se uma fogueira quando se quiser. As possibilidades são estupendas.

— A fogueira que fez também está a ficar bastante grande, — disse eu.

— Oh, nós só fizemos uma pequena, — disse o Pai. Vai apagar-se num minuto. Não importa, porque podemos acender outra quando nos apetecer. Vamos mostrar-lhes, Wilbur. Aqui é um bom lugar, bastante seco.

— Antes de começar outra, não seria melhor certificar-se que aquela se apaga? — Perguntei eu.

Mas tornou-se subitamente óbvio que não ia apagar-se. Bem pelo contrário. Enquanto o Pai falara, o fogo crescera enormemente. O fumo subia agora em grandes nuvens em direção ao céu e começava a chegar até nós, o que fez com que as crianças comessem a tossir. Um

tremendo bramido elevou-se da planície.

— Julgo que se apagará dentro em pouco, — disse o Pai desconfortavelmente. — Nós só lhe deixámos um par de troncos para o manter aceso enquanto vos íamos buscar.

— Um par de troncos? — disse o Oswald. — Olhe para aquilo!

A meio do declive da colina uma moita de espinhos explodiu subitamente em chamas. Depois o vento levantou-se um pouco, e começaram a voar fagulhas sobre as nossas cabeças.

— Isto é estranho, — disse o Pai mordendo os lábios. Um tufo de relva seca irrompeu subitamente em chamas debaixo dos seus pés.

— Muito estranho, — acrescentou, saltando. — Bem, é melhor voltarmos para trás. Vou pensar nalguma coisa para o apagar enquanto caminhamos.

— Ah, sim? — rosnei-lhe. — Bem, então é melhor pensar depressa. Já deu a volta e vem por este lado!

As mulheres irromperam em grande clamor. A colina estava quase cercada por um círculo de fogo, que avançava rapidamente para o topo. A planície inteira parecia em chamas, e uma brilhante linha de fogo avançava com firmeza alargando a cada momento.

— Há uma saída ali em baixo, — gritou o Oswald, pondo uma criança aos ombros. — Peguem nas crianças e corram se querem salvar a vida!

Numa questão de segundos estávamos todos a correr monte abaixo. Chegámos à abertura antes que se fechasse, mas lá em baixo o calor era insuportável e o barulho ensurdecedor. O Sol estava obscurecido por uma grande nuvem de fumo. Era difícil respirar, e mais difícil ainda perceber em que direção vinha o fogo. Línguas flamejantes saltavam de entre o fumo, primeiro de um lado, depois do outro. Pequenos fogos explodiam em chamas no chão, e nós já tínhamos os pés e pernas cheios de bolhas.

— Corram para a caverna, — gritou o Pai. — Lá dentro estaremos a salvo.

Tossindo e sufocando, com as crianças berrando e contorcendo-se de dor e medo nos nossos braços, apressámo-nos. Mas vimos que a nossa linha de retirada já estava cortada: o fogo corria mais depressa do que nós.

— É inútil, Pai, — gritou o Oswald. — Não podemos passar. Temos que ir pelo outro lado.

O Pai franzia o cenho. Não havia cavernas, nem rios, nem clareiras de qualquer espécie na única direção que permanecia aberta. Se o fogo nos seguia até ali, podíamos-nos considerar assados, mas já não tínhamos outra alternativa.

— Mantenham-se juntos! — gritou o Pai. — Oswald, tu abres caminho e eu mantenho as mulheres em movimento.

Arrancou um pau de uma moita de bambu e deu com ele certo no traseiro da Petronella que, por acaso, era a última da nossa precária fila de fugitivos.

— Anda! — gritou ele.

— Não posso, — gemeu ela. — Estou exausta.

— Não, não estás, — rugiu o Pai. — Anda!

E ela avançou a cambalear até que o Alexander, já carregado com duas crianças, se colocou

ao lado dela e conseguiu dar-lhe um cotovelo para se apoiar. Então o pau do Pai caiu impiedosamente sobre o transviado seguinte.

E então, para nosso espanto, descobrimos que não estávamos sós. Da vegetação rasteira saltavam cerdos e antílopes, zebras, impalas, e vários javalis, e juntavam-se a nós com os olhos esbugalhados de terror. Uma pequena manada de girafas saltava à frente do Oswald e servia-lhe de batedor, mas a maior parte dos animais de caça conservavam-se conosco, demonstrando absoluta confiança na nossa liderança. Ouvi um pesado andar compassado e ofegante ao meu lado e, dando uma olhadela em redor, vi uma jovem leoa com uma cria quase recém-nascida entre os dentes. Ela deixou-a cair aos meus pés, olhou-me com uma expressão de súplica, e saltou de novo para dentro das chamas, emergindo um momento mais tarde com outra cria, mas com o pelo já chamuscado. Levando as crias por turnos, ela acompanhou-nos e não desperdiçou um só olhar com as gazelas cujos lombos suados roçava. Um pouco mais à frente, juntou-se a ela uma chita transportando uma só cria e, pouco depois, uma família de babuínos refugiados cujas costas estavam repletas de crias. Por fim, ouvimos um enorme estrondo e, do cimo de uma euforbiácea gigante cuja folhagem do topo começava já a arder, caiu o Tio Vanya.

— Eu avisei-te! — gritou furiosamente. — É o fim do mundo! Desta vez conseguiste, Edward!

— Mantém a Mildred em movimento, — replicou o Pai. — Chegas mesmo a tempo! — E toda a energia do Tio Vanya foi absorvida a partir desse momento.

Por um pequeno intervalo de tempo, parecíamos estar a ganhar terreno em relação ao fogo. Mesmo à nossa frente havia uma ravina baixa e rochosa e o grupo carregou por ela abaixo. Fomos dar a uma grande extensão de erva e vegetação enfezada. Se o fogo nos apanhasse ali, seria o fim. O que parecia ser o mais certo, já que tanto da direita como da esquerda os animais corriam na nossa direção como se de uma ilha a salvo se tratasse. Até as serpentes vinham silvando aterrorizadas, ondulando por entre a erva alta. Só os pássaros, voando em densas formações pareciam a salvo: os falcões, as abetardas e outros aproveitavam-se da nossa desastrosa situação e mergulhavam em direção às cobras e a pequenos animais, levando-os dali como presas fáceis. Estávamos demasiado exaustos para continuar e, em seguida, verificámos que seria inútil tentar, porque as girafas, que tinham galopado à frente desde que tinham atingido terreno aberto, vinham galopando de volta. O cerco fechara-se.

Trepei as rochas da ravina, onde toda a espécie de animais se deixavam cair e ofegavam lado a lado, leão com gazela, leopardo com babuíno, hiena com antílope, todos eles contemplando com olhos fascinados o horizonte em chamas. Dois longos chifres de chamas estendiam-se mais adiante e iam certamente encontrar-se, se não o tinham já feito. Pior ainda, a direção do vento mudara ligeiramente e as chamas tinham começado a recuar na nossa direção. O caminho para sair da ravina estava bloqueado pela fornalha da floresta em chamas e o caminho à nossa frente estava bloqueado pelas chamas que avançavam rapidamente pela erva em direção a nós.

— Não adianta! — gritei para o Pai. — Não há saída possível, e começa a chegar até aqui.

— Quanto tempo levará a alcançar-nos? — perguntou o Pai aos gritos.

— Meia-hora no máximo, — disse eu.

— Então desce e ajuda, — gritou o Pai e quando me juntei a eles, ele dava ordens numa voz cortante e incisiva.

— Juntem as crianças de encontro às rochas. Depois, metade de vocês siga o Wilbur e a outra metade siga-me a mim.

Eu segui o Pai e, para meu horror, vi-o ajoelhar-se e começar a extrair um jorro de fagulhas das suas lascas para a erva tão seca e inflamável.

— Enlouqueceu? — gritei-lhe.

— Temos que fazer uma barragem de erva queimada de maneira a que o fogo maior não consiga atravessar! — Gritou-me ele em resposta. — O Wilbur e eu vamos acendê-lo em pequenas secções e depois vocês pegam em paus e apagam-no assim que o solo fique a nu. É a nossa única esperança.

Depois de pensar um momento, vi a estratégia do seu plano e comecei a trabalhar como uma formiga-condutora. À nossa frente, e descendo como se fossem mil rinocerontes vermelhos, erguiu-se a enorme cortina de chamas e fumo. Com o que parecia uma desesperante lentidão, queimámos a erva em pequenos e controláveis fogos, batendo-os e esmagando-os à medida que trabalhávamos e, lentamente, começou a espalhar-se uma zona negra e não inflamável à volta do nosso pequeno reduto, lotado de mulheres, crianças e animais que tremiam aterrorizados.

Acabámos mesmo a tempo, e saltámos para trás quando pilares de chamas gigantescos e vorazes se abateram sobre nós. Uma enorme onda de calor abrasador obrigou-nos a recuar cambaleando contra as também escaldantes rochas. Freneticamente, arrancámos tufos de erva e pressionámos-os contra as bocas e olhos das crianças, enquanto os animais guinchavam e contorciam-se numa agonia de terror, porque uma monstruosa nuvem de fumo denso, com partículas incandescentes de erva e ramos queimados, obscurecia tudo à nossa frente.

Mas a nuvem passou. Passou à nossa volta e recuou para a já enegrecida floresta de onde tinha vindo. O fumo foi-se desvanecendo gradualmente e tornou-se mais fácil respirar. Então, um só pensamento nos ocorreu, a nós e aos animais: encontrar água. Lentamente, a multidão que formávamos, bípede ou quadrúpede, começou a correr tropeçando por sobre a cinza quente e as brasas, que era tudo o que restava, em direção ao rio mais próximo. Ninguém caçou ninguém: cada um transportando ou guiando as suas crias, cambaleámos até aos locais onde se podia beber, onde os crocodilos esperavam. Mas eles ficaram desconcertados perante um tal concurso de criaturas, um tal chapinhar de cascos, patas e pés como nunca tinham visto, e desviaram-se para longe. Então, seguros, sede saciada e queimaduras banhadas, toda a gente olhou para o conjunto. Num instante, os animais desapareceram em todas as direções, exceto uma corça bebé perdida que se aninhava nos braços do William.

— Bem, aqui estamos, — disse o Pai alegremente. Vêm a maravilhosa invenção que isto é. Se não tivéssemos sido capazes de fazer fogo quando e onde queríamos, o Wilbur e eu, vocês seriam neste momento um grelhado misto.

O Tio Vanya abriu a boca. Lutou em vão para encontrar palavras e depois fechou-a de novo, derrotado. Levantou-se, elevou a mão em direção ao céu num gesto de desespero e arrastou-se pesadamente para longe, levantando, a cada passo, uma sufocante nuvem de cinza branca. Foi à Griselda que coube comentar. Enegrecida da cabeça aos pés, com as sobrancelhas e a maior parte do cabelo queimado, ela olhou-me malevolamente com os olhos injetados de sangue.

— O teu pai, — crocitou —, é completamente doido.

Levamos bastante tempo a voltar para a caverna. Grande parte do terreno à nossa volta ainda fumegava debaixo do tapete de cinzas que o cobria. Queimaduras e bolhas davam-nos grande sofrimento e as crianças gemiam e soluçavam, tendo que ser transportadas durante quase todo o caminho. A Griselda estava muito deprimida, mas finalmente conhecera o Pai como ele era na realidade: um perigoso revolucionário. Senti que isso podia jogar a meu favor e tentei animá-la contando-lhe as minhas importantes conclusões acerca do significado dos sonhos: as breves visitas que fazemos àquele outro mundo quando o corpo está no sono e para o qual, parecia razoável supor, passaríamos por completo quando fôssemos a presa de alguém.

— Um filósofo e tanto, não és? — disse a Griselda, fixando lugubrememente o seu reflexo num charco por onde passávamos. — Achas que o cabelo voltará a crescer deste lado, ou será que é o resto que cai e eu fico careca para o resto da vida?

De facto, toda a gente estava de bastante mau-humor exceto o Pai, que, com um pau, abria buracos na cinza com o maior interesse, e, de vez em quando, encontrava cobras, hircas, esquilos e até antílopes assados, que nos oferecia dizendo que não era todos os dias que se conseguia comida grátis, ainda por cima quente. No entanto, não nos encontrávamos no nosso melhor momento para apreciar tais delicadezas. Claro que, quando chegámos à caverna, a fogueira se apagara. O Pai apanhou folhas e erva secas e alguns pedacinhos de madeira carbonizada recolhidos na floresta incendiada, atarefou-se com o seu sílex e minério de ferro, e logo tivemos outra fogueira acesa.

— Já está — disse orgulhosamente. — Talvez tenha sido um pouco doloroso, mas estão a ver o como valeu a pena! Fogo quando o queremos, onde o queremos, com pouco mais trabalho do que acionar um interruptor. Ainda demorará bastante até que melhorem esta engenhoca.

— Hum, — disse o Oswald. — Em todo o caso, Pai, dificilmente pode valer a pena acender aqui uma fogueira, já que teremos que nos mudar rapidamente.

— Mudar-nos! Por que carga de água? — exclamou o Pai.

— Mudar-nos? — arquejou a Mãe. — É a primeira vez que ouço falar nisso. E espero que a última.

— Mudar-nos? — gritou a Tia Mildred. — Eu não consigo dar nem mais um passo.

— Mesmo assim, — disse o Oswald —, vamos mudar-nos. Parece ter-vos escapado a todos que as experienciuzinhas do Pai queimaram a erva toda, para não falar da maior parte da floresta, por várias centenas de quilómetros em todas as direcções. Devo lembrar-vos que sem erva não há caça. E sem caça não há comida. Em suma, já estamos de partida.

— Amanhã, para frescos bosques e novas pastagens, — ecoei eu mecanicamente.

— Amanhã!? — uivaram as raparigas em coro. — Oh não, não podes estar a falar a sério!

— Isso significa o fim da caverna, — disse a Mãe gravemente com o olhar fixo no Pai,

— Eu encontro-te outra caverna, querida, — disse o Pai. — Bem... de qualquer maneira esta estava a ficar pequena, agora que as crianças têm as suas próprias famílias, não achas? O que

nós queremos, — continuou ele, animando-se à medida que falava, — não é apenas uma caverna, mas uma fila delas: geminadas, por assim dizer. Uma formação de calcário seria o ideal. O que é que achas, Wilbur?

— Bem, sim... — começou o Wilbur a dizer com prudência, mas o Oswald cortou a conversa.

— O que nós queremos, — disse ele —, é um agradável lote de um bom território de caça. Tem que ser bom justamente porque agora temos as nossas próprias famílias. Por isso não se ponham a imaginar coisas. Onde viver a caça, viveremos nós também, quer haja formações de calcário, ou lá o que é, ou não. A caça está primeiro.

— O Oswald tem razão, — disse a Griselda. — Porém, tal como algumas das outras raparigas, eu estou para ter bebé dentro de pouco tempo. A que distância fica essa feliz terra de caça, meu querido Oswald?

— Não faço a mais pequena ideia, sua palerma, disse o Oswald. — Como poderia saber? Teremos simplesmente que caminhar até a encontrarmos, só isso.

— Caminhar quantos dias? — insistiu a Griselda.

— Já te disse que não sei. Dez, vinte, trinta, talvez cem. E daí?

— E onde vou eu ter o bebé?

— Problema teu! Têm-no num arbusto e transporta-o às costas como uma fêmea bem-comportada. E pára de fazer perguntas parvas.

Clementina rompeu em pranto.

— M-m-mas Ossy querido, eu queria tanto ter o nosso aqui. É tão agradável, com o depósito de lixo e a água e tudo. Eu quero ficar aqui.

— Cala-te! — gritou o Oswald. — Não podes ficar aqui, e pronto. De qualquer modo, de quem é a culpa? Não fui eu que queimeei metade das pastagens do Uganda, pois não?

— Devo dizer-te, Edward, — notou a Mãe, — que, em minha opinião, devias ter pensado nas pequenas. Ora, na sua condição, é uma verdadeira bênção que nada horrível tenha acontecido. E agora queres que atravessem montes e vales...

Era raro o Pai e a Mãe discutirem e, na verdade, eu quase nunca o vira bater-lhe. Mas ao ouvir isto, explodiu.

— Realmente, Millicent, — rugiu. — Ouvindo-te, até parece que negligencieei a minha família em vez de trabalhar até à exaustão para todos vocês! É claro que penso nas pequenas! Estás a insinuar que fazer uma fogueira com lascas não lhes serve de nada? Ou aos filhos delas? Preferias que continuasse tudo como antigamente, subindo a um vulcão de cada vez que quisessem cozinhar um pato para o jantar? É essa a tua ideia de exercícios pré-natais? E o que achas que aconteceria se os vulcões se extinguissem, hã? Já algum de vocês pensou nisso? Aposto que não! Sim, eu sei que são grandes fogos, mas acabarão por se apagar como qualquer outro! O Wilbur e eu damo-nos a todo este trabalho...

— Eu sei, querido, — disse a Mãe. — Mas...

— Todo este trabalho, — repetiu o Pai. — E... bem...pensem nas vantagens da coisa...

— Sim, querido, mas as pequenas realmente não estão em condições de fazer uma viagem tão longa.

— Uma viagem longa! — exclamou o Pai. — Hoje em dia uma viagem longa não tem problema nenhum. Admito que nos velhos tempos era perigoso. Era-se caçado por leões e perseguido por crocodilos, não se encontrava nada decente para comer e era preciso passar a noite nas árvores. Mas tudo isso acabou. Hoje em dia, onde quer que paremos, temos apenas que acender uma fogueira ou duas. Mantém os carnívoros afastados. Se está húmido, então, a fogueira seca-nos num abrir e fechar de olhos! Podemos endurecer a ponta das lanças em plena viagem. Podemos ir caçar com a lança numa mão e uma tocha acesa na outra. Podemos...

— Incendiar tudo, — sugeri eu.

— Fogo adiiib, — disse o Pai, ignorando a interrupção, — faz de nós a espécie dominante de uma vez por todas. Com o fogo e lascas, para a condução do mundo, e a nossa família na linha da frente! No entanto, tu falas das pequenas! Eu penso nos filhos delas que nascerão num mundo melhor do que nós imaginámos. Eu estou a construir com vista ao futuro, e tu resmungas por ter que deixar a tua caverna por um ano ou dois... suponho que a maldita erva voltará a crescer qualquer dia, não? Espero ansiosamente o dia em que cada horda tenha a sua caverna, cada caverna a sua fogueira, cada fogueira o seu espeto, e cada espeto o seu assado de carne de cavalo... em que uma viagem seja uma agradável deslocação de um lugar hospitaleiro para outro...

Mas enquanto o Pai romanceava acerca desta possível arcádia paleolítica, eu pensava muito rapidamente sobre o significado das suas palavras. Apercebi-me com desprezo que o Wilbur, o Alexander e as mulheres estavam a cair na sua conversa de vendedor ambulante e que nem sequer o Oswald, normalmente tão perspicaz, percebia a questão de fundo. Esperei a minha oportunidade, e então falei forte e feio.

— Devo entender Pai, que está a propor divulgar esta fórmula de fazer fogo a qualquer zé-ninguém em África?

O Pai fixou-me espantado.

— Pois claro. Onde é que queres chegar?

Fiz uma pequena pausa antes de responder. Depois, apertando os lábios, disse sem levantar a voz:

— Simplesmente que me oponho em absoluto a qualquer divulgação a pessoas estranhas de segredos que ponham em causa a segurança e supremacia da horda.

Fez-se um silêncio de morte. Constatei com satisfação que toda a horda me ouvia com atenção e espanto. O Pai olhou em redor e depois disse devagar:

— Ah, sim? Gostaríamos de saber porquê.

— Por várias razões, — disse eu com firmeza —, as quais penso que a horda achará convincentes. Em primeiro lugar, porque este segredo é o nosso segredo... até nós decidirmos partilhá-lo. O senhor já desperdiçou a nossa única oportunidade de termos o monopólio absoluto do fogo. Eu era demasiado novo para o impedir de contar às pessoas como arranjar fogo

selvagem a partir de um vulcão, e agora, a avaliar pelas colunas de fumo que se erguem por todo território, praticamente todos o têm, incluindo os meus encantadores parentes do lado de Griselda. E nós não ganhámos rigorosamente nada com isso. Vendeu o segredo? Não! Licenciou o seu uso, Pai? Não, claro que não! O senhor ofereceu-o, desperdiçou-o. Bem, eu sou mais velho agora, e desta vez, se eu puder impedir, o senhor não vai desperdiçar de novo os bens da horda.

— Estou a ver, — disse o Pai. — Propões que os façamos pagar por um curso sobre como fazer fogo, é isso? Seis zebras por uma conferência sobre como segurar o sílex e a later-te, mais seis por outra sobre como seleccionar uma mecha seca, e outras seis pela instrução final sobre como soprar de forma a transformar a brasa em chama, há? É isso que pretendes?

— Não vejo nada de imoral nisso, — disse eu. — Seria ridiculamente barato, por esse preço... mas o que eu sugiro, pelo menos por enquanto, é que não o partilhemos de forma nenhuma. O fogo artificial dá-nos uma vantagem muito mais valiosa do que umas tantas zebras. Todos terão que admitir que nós somos... bem, pessoas dominantes. Acho que não devíamos desistir disso. Eu estou a olhar para o futuro. Estou a pensar que talvez nos compense mais sermos os únicos capazes de fabricar fogo, e quando outros quiserem uma fogueira, bem..., terão que recorrer a um de nós para lha acendermos... sob certas condições, claro.

— Ernest! — gritou o Pai, vermelho de indignação, não vou ouvir nem mais uma palavra!

— Ai isso é que vai, — repliquei irado. — O senhor não é a única pessoa a quem isto diz respeito. Eu estou a pensar nas crianças! Estou a pensar nas futuras carreiras dos meus filhos e dos filhos do Oswald, do Alexander e, sim, também dos teus, Wilbur! Estou, de facto, a pensar no futuro dos nossos filhos, e não apenas a romancear sobre o assunto. E afirmo que não devemos desperdiçar a oportunidade de os transformar em acendedores de fogueiras e pirotécnicos profissionais. Não estou a dizer uma só palavra contra a caça como profissão, Oswald. O que digo é isto: podem existir outras profissões, pelo menos para os menos rápidos de entre nós.

— Isso tem alguma razão de ser, — disse o Oswald. — Afinal de contas, porque haveríamos de dar as nossas ideias, de graça e sem exigir nada em troca, a todos esses ignorantes?

— Pelo bem da espécie, evidentemente, — disse o Pai. — Pela sub-humanidade. Para servir e alargar as forças da evolução. Para...

— Isso não passa de conversa fiada, — disse eu brutalmente.

— Ernest! — gritou a Mãe. — O que é que te deu para falares assim ao teu Pai?

— Falarei como deve falar um filho ao seu Pai, quando ele se comportar como um Pai em relação ao seu filho, Mãe, — disse eu calmamente. — Mas pode ver que não o faz. Atirar fora a nossa oportunidade de melhorar por causa do bem da espécie?

— O teu Pai foi sempre um jovem muito idealista, disse a Mãe, mas eu podia ver que ela estava abalada.

— Eu sou um cientista, — disse o Pai calmamente. Acho que os resultados da pesquisa devem ser postos à disposição da sub-humanidade em geral, para... bem... para os investigadores de fenómenos naturais em toda a parte. Dessa forma trabalharemos todos juntos e reuniremos um corpo de conhecimentos do qual todos beneficiarão.

— Claro, Papá, — disse o Wilbur, e o Pai lançou-lhe um rápido olhar de gratidão.

— Admiro os seus princípios, Pai, — disse eu. Admiro sinceramente. Mas deixe-me dizer duas coisas acerca disso. Que ajuda recebemos nós alguma vez de quaisquer outros investigadores? Estou moralmente convicto de que, se existem, escondem firmemente tudo o que descobriram de útil. A única maneira de os obrigar a abrirem-se conosco seria ter qualquer coisa de reserva... qualquer coisa com que negociar.

— Isso é verdade, — murmurou o Wilbur infeliz. Mas o Pai continuou rígido e inflexível.

— A outra coisa, — continuei —, é simplesmente isto. A descoberta está ainda num estado muito primitivo. Já levou a um desastre. Mesmo que queiramos oferecê-la para o bem da espécie, devemos fazê-lo antes que seja totalmente segura? Segura para nós e segura para eles? Recordo que por pouco não ficámos todos assados. Só a brilhante capacidade inventiva do Pai nos salvou por uma unha negra...

— Fico contente por teres reparado nisso, murmurou o Pai.

— Seria simpático, — disse eu lentamente —, seria simpático ensinar pessoas a quem falta conhecimento técnico, a maneira de se fritarem a si mesmas? E seria sensato, no interesse de todos, oferecer aos que são, afinal de contas, pouco mais do que macacos, os meios de reduzirem a cinzas todo o território? Um incêndio na floresta já foi suficientemente mau... o que seria uma vintena deles?

O Oswald deu uma palmada na perna.

— Tens toda a razão! — gritou. — É uma ideia pavorosa!

Eu podia ver que tinha isolado o Pai. Eles estavam todos do meu lado. A Griselda fixava-me com os olhos brilhantes e aplaudia vigorosamente. Até a Mãe disse:

— Penso realmente, Edward, que o Ernest pensou muito nisto. Não achas, querido, que podíamos guardar isto só para nós até vermos com mais clareza?

O Pai olhou-a ferozmente e levantou-se. Depois fixou o olhar em mim e eu devolvi-lho. — Hum, — disse ele. — Então, é assim que vais agir, não é, Ernest?

— E, é assim, — disse eu.

O Pai olhou-me ameaçadoramente por um instante. Depois, com um esforço, dominou a sua fúria e as suas sobrancelhas hirsutas elevaram-se para um dos lados à sua velha e bem-humorada maneira.

— Assim seja, meu filho, — disse ele.

Voltou-se e encaminhou-se para dentro da caverna, para onde a Mãe o seguiu uns minutos depois. Ouvi as suas vozes numa conversa murmurada durante metade da noite.

Com uma mescla de temor e ansiedade, perguntei-me qual seria o semblante do Pai no dia seguinte. Estaria agressivo? Ou teria caído em si e ouvido a voz da razão? Devia estar numa disposição moderada, carrancuda, talvez, mas submissa. Qualquer que fosse a linha por que ele optasse, eu estava decidido a manter o meu terreno. Tinha-o desafiado, derrotara-o na discussão e unira toda a horda contra ele. Ele era inteligente, voluntarioso e poderoso mas confiara demasiado na sua autoridade e no nosso respeito. Por uma vez, não nos íamos submeter à sua irresponsabilidade e às suas pressões. Eu tinha isso bem decidido. E além do mais, no futuro, as coisas iam ser diferentes. A autocracia acabara: daqui em diante, as decisões importantes seriam tomadas em conselho familiar.

Griselda elogiava muito a postura que eu tomara e estava muito empenhada na tarefa de colocar todos os outros do meu lado. Passou a maior parte da noite a conversar com as outras mulheres e a discursar sobre o risco que constituía, para os seus filhos, permitir ao Pai deixar à solta num mundo inflamável o perigoso segredo da fabricação do fogo. Disse-me que eram todas a favor do seu mais absoluto controlo.

— Guardaremos o segredo na família, — disse ela. — A Petronella está a conversar com o Wilbur. É tanto ideia dele como do Pai. E sabes, Ernest, tenho a impressão de que o Wilbur é tão inteligente como o Pai, mas mais compreensivo. Ele vai encontrar uma maneira de tornar o fogo seguro e depois podemos negociar por nossa conta. Não creio que estejamos tão dependentes do vosso Pai como tu imaginas.

Mas, no dia seguinte, o Pai mostrou-se alegre como era seu hábito e, para minha surpresa, comportou-se como se a grande briga familiar nunca tivesse tido lugar. Tinha uma palavra animadora para cada um, encarregou-se animadamente dos preparativos para a grande jornada em direção aos novos terrenos de caça, e conduziu-nos juntamente com o Oswald, transportando os mais pequenos às cavalitas. O Oswald decidiu a direção e o Pai marcou o ritmo, um ritmo lento para se adequar às mulheres, às crianças e às nossas pernas queimadas. Insistiu em que acampássemos cedo e escolheu o local com todo o cuidado. Declarou que não era necessário que houvesse árvores por perto, o que também não fazia qualquer diferença, porque de qualquer maneira estavam todas queimadas. Fizemos um círculo de fogueiras à volta do nosso acampamento para testar a sua crença em que, agora, nenhum animal nos atacaria de noite, mesmo se acampássemos em terreno aberto. Não era um teste inteiramente justo, porque a caça tinha fugido e a maioria dos seus predadores tinha ido atrás. Dois ou três pares de olhos brilhantes surgiram de um pântano ali perto para nos inspecionarem, e ouvimos bastantes grunhidos e fungadelas desgostosas, mas quem quer que fosse manteve-se a uma distância respeitável.

Nós tínhamos fome, porque a terra estava totalmente queimada, e após a caminhada as mulheres estavam demasiado cansadas para irem procurar comida. Tivemos que nos contentar com espetadas de lagarto e uns ovos de crocodilo. Para manter a nossa moral, o Pai improvisou algumas anedotas e contou histórias às crianças.

— Não chorem, queridos, — disse ele —, que eu conto-vos uma história precisamente acerca de comida. Era uma vez um grande leão que era o melhor caçador que já alguma vez existira. Nunca perdia uma presa e podia abater qualquer animal da selva, tão rápido era o seu salto e tão terríveis as suas garras. Ele gostava tanto de caçar que não era problema para ele fazer duas ou três matanças por dia. Porém, o que o aborrecia era que muitos outros esperavam tirar proveito da sua habilidade. Ele negava mesmo parte do seu saque a outros leões, mas o que mais o enfurecia era as hienas, os chacais, os abutres e os milhafres também aparecerem para o ajudar a comer o jantar... tal como os homens-macaco, porque tudo isto aconteceu num tempo em que nós também éramos necrófagos. “Eu tive todo o trabalho”, rosnava o leão, “e estes inúteis esperam gozar dos resultados sem fazerem o mais pequeno esforço. Porque é que eu hei de partilhar com eles? Não o farei”. Mas as suas matanças eram tão grandes e tão frequentes que ele não conseguia comer toda a carne sozinho. Nenhum leão o podia fazer. Primeiro tentou matar os necrófagos, mas isto só o deixava ficar ainda com mais carne. A única maneira de manter a comida só para si, achou ele, era comê-la toda.

Então tentou. Mesmo quando já estava completamente cheio, continuava a comer. Comeu e comeu e comeu. Pouco depois começou a ter indigestões horríveis. A vida tornou-se horrível para ele e ficou pavorosamente gordo, mas dava-lhe tanto prazer ver a cara desapontada das hienas e dos homens-macaco, que continuava a matar e a comer tudo o que era capaz. Devido a isso morreu ainda jovem, e sendo um animal enorme de tão gordo, propiciou uma refeição às hienas, aos abutres, aos chacais e aos homens-macaco tão boa como se tivesse partilhado com eles as suas matanças do modo usual.

— De que morreu ele? — perguntaram as crianças.

— Degenerescência cardíaca causada por gordura e agravada por misantropia, — disse o pai e, cruzando as mãos sobre o estômago, deu o exemplo a toda a gente adormecendo pacificamente.

Durante a viagem, ele foi particularmente simpático com a Griselda e comigo. Aproveitou a oportunidade para nos ensinar como fazer fogo e como selecionar as pedras certas para obter fagulhas em grande quantidade. Disse que uma educação sólida era tudo o que podia esperar deixar-nos quando morresse, e nunca se sabia quando podia pisar uma mamba verde.

— Sigam o meu lema, meus queridos, — disse —, deixar o mundo um pouco melhor do que o encontraram, e dar aos vossos filhos um início de vida um pouco melhor do que aquele que vocês tiveram. Não esperem pelo que os outros façam. Vivam como se todo o futuro da humanidade dependesse dos vossos esforços. Afinal, talvez dependa! Estes são tempos críticos, muito críticos mesmo. O domínio do fogo é apenas o começo. Deve haver reflexão, planificação, organização, se queremos construir sobre estas fundações. Depois da ciência natural, ciência social! Quem sabe qual de nós terá o privilégio de aplicar as energias do homem-macaco com mais sucesso para as tarefas da evolução, e ser o primeiro a levar-nos para caminhos verdadeiramente humanos? Pensem nisto, meus queridos. Tenho a maior confiança em vocês os dois. Duvido que viva para o ver, mas talvez vocês lá cheguem... a essa gloriosa

idade do ouro, essa recompensa por todas as nossas lutas: ser humano, ser finalmente Homo Sapiens! Eu cá vou andando, como sabem, mas morrerei feliz se puder sentir que os meus pequenos esforços contribuíram nalguma coisa para vos pôr, e aos vossos, nesse caminho.

Aplicou-nos o mesmo bem-humorado mas desafiante olhar que me lançara depois da briga familiar e foi-se embora.

Passado um bocado a Griselda disse:

— Ernest, podemos dizer adeus ao monopólio da fabricação do fogo. O Pai vai gritá-la aos quatro ventos como de costume.

— Não se atreverá! — exclamei. — A horda está contra.

— Atrave-se sim — disse ela amargamente. — Ele pensa que sabe melhor do que a horda o que é bom para ela. Oh, sim ele vai vender-nos. Tem estado praticamente a dizer-nos isso. Não te apercebeste? Desafiando-nos a tentar detê-lo.

Pensei muito, e quanto mais pensava, mais me convencia que Griselda tinha razão. Toda a atitude do Pai, a sua boa disposição, o modo delicado e cheio de segundos sentidos como falava, as indiretas maliciosas que nos atirava, a sua pretensa amizade, tudo se conjugava para uma única conclusão: decidira atraiçoar-nos sem querer saber o que nós pensávamos. Se ele tivesse ficado furioso, se ele tivesse sido agressivo e nos tivesse batido, saberíamos que estava tudo bem, que ele seguiria a regra comum. Mas não. Ele tencionava trair-nos.

— De qualquer modo, não vejo como poderíamos detê-lo, — disse eu.

Durante um bocado a Griselda não disse nada, além dos grunhidos suaves que emitia de tempos a tempos quando sentia a criança a mover-se. Estava muito próxima do termo da gravidez e andava muito devagar. Finalmente disse:

— Ernest, tu acreditas mesmo em tudo aquilo acerca da nossa ida para a terra dos sonhos quando morremos, aquele outro território de caça que tu dizes que visitamos quando estamos a dormir?

— É uma hipótese tão boa como qualquer outra, disse eu. — Temos que ir para algum lado... isto é, a nossa sombra tem.

— A nossa sombra?

— Uma espécie de sombra interior. Está lá, porque quando estamos a dormir participamos de toda a espécie de aventuras. Já te contei.

— Mas, — disse ela —, é tão estranho o que fazemos quando estamos a sonhar. Irreal.

— Na altura, parece muito real, — disse eu. — Por isso deve ser real. É como o reflexo dos nossos corpos que vemos numa poça de água: descontínuo e ondulante. Mas talvez os nossos corpos pareçam igualmente descontínuos e sem substância vistos desse mundo. Algo deve acontecer à sombra interior quando o corpo é comido e se torna parte de outra pessoa. Então o que se passa? Para onde vai? Só conhecemos aquele outro território de caça fragmentado do qual nos lembramos ao acordar. Parece razoável pressupor que é para lá que vamos. É uma hipótese tão boa como qualquer outra.

— Em certo sentido é uma hipótese muito importante, — disse Griselda.

— Em que sentido?

— Mandar para lá pessoas, pode... pode não as magoar. Não perdem nada de especial, se têm um corpo idêntico no outro território de caça.

— Creio que não, — admiti. — Pelo menos se tiverem sonhos felizes, e não pesadelos.

— Então, por exemplo, — perguntou a Griselda com ar casual —, achas que o Pai tem sonhos felizes?

O meu coração começou a bater mais depressa. Mas a resposta não precisava grande reflexo. Era óbvia: todas as imagens do Pai, a caçar, a fazer experiências, atarefado de um lado para o outro, cruzando-se na minha cabeça ilustravam-na bem.

— Sim, — disse eu. — Sim. O Pai tem sonhos felizes, Griselda.

O enorme fogo tinha-se consumido a si próprio deixando uma extensão de terreno árido, onde o solo era ainda, e só, uma fina camada sobre a rocha vulcânica. Não encontramos aqui qualquer território com caça suficiente para poder sustentar uma horda tão grande como a nossa. Eu fui pai de uma linda criança, tal como o Oswald, enquanto o Alexander ficou completamente babado pelas suas filhas gémeas. O Wilbur esperava ser pai a qualquer o momento. A Tia Mildred também estava à espera de bebé.

— Foi aquela música toda, — disse ela com um ar feliz —, e a maneira como as raparigas foram raptadas. O Vanya disse-me que era assim que as coisas eram feitas quando ele era um jovem macaco, e, bem... meteu na cabeça a ideia de me bater e arrastar para o mato...

O Pai estava deliciado com os novos bebés, e examinou as suas cabeças com dedos meigos.

— Ainda são pequenas, — disse. — Mas são bonitas e suaves, e têm tendência a aumentar. Vocês raparigas não se devem importar se os bebés ao nascerem vos derem cada vez mais incómodos, à medida que o tempo passa. Não há progresso sem dor. É tudo evolução.

Dia após dia nós continuávamos a avançar, andando e caçando em andamento. Por fim, atingimos o topo de uma grande cadeia de colinas cobertas de árvores e demos conosco a olhar para uma planície que se espalhava à nossa frente, sulcada por rios, lagos que cintilavam ao Sol, pântanos de um verde intenso, milhares de quilómetros quadrados de terrenos de caça, erva salpicada de bosques e abrigos e afloramentos rochosos. E, mais além, outra cadeia de colinas rochosas.

— Caça! — gritou o Oswald. — Posso vê-la, posso cheirá-la, quase posso abatê-la! — e volteou a sua lança entusiasmado.

— E ali está a formação calcária com cavernas, disse o Wilbur, apontando para as colinas em frente.

— A terra prometida, — disse eu. O Pai sorriu e não disse nada, entortando os olhos para conseguir ver contra o brilho do Sol poente.

— Bem, vamos descer, — disse ele por fim, com um súbito suspiro.

Era tudo o que sonháramos. Era tarde, mas mesmo assim tivemos um assado de carne de veado de primeira qualidade, e bastante grande, para o jantar dessa noite. Mas acordei de madrugada cedo com uma sensação de que algo estava errado. Pus-me de pé num salto e descobri que os outros também estavam acordados e à procura das lanças... que não estavam lá. Com o coração apertado, percebi que estávamos meio rodeados por uma horda de estranhos. Eles olhavam-nos com um ar nada amigável, tinham as nossas lanças e ultrapassavam-nos em número. Então, apercebi-me de que o Pai falava ansiosamente com um homem-macaco mais velho, que era evidentemente o pai da horda.

— Parlez-vous français, Monsieur? — dizia o Pai amavelmente. — Sprechen-Sie Deutsch, mein Herr? Habla espani, Señor? Kia ap hindi boi secte ho? Aut latina aut graeca lingua loquimini? Claro que não... em que estou eu a pensar? Voltemos à velha linguagem de sons, —

continuou, enquanto o outro abanava negativamente a cabeça a cada pergunta.

Foi uma tarefa lenta, enquanto eles apontavam, alternadamente para árvores, erva, lanças, filhos, os ossos do veado que comêramos na noite anterior e para a barriga um do outro. No entanto, pareciam ter feito progressos, e a tensão tinha diminuído bastante. Ao cair da noite estavam ambos quase cordiais, e foi-nos dada uma pequena quantidade de comida... crua, porém. Não mantivêramos o fogo aceso, mas agora, observados com o maior interesse pelos estranhos, soprámos as brasas até se inflamarem e conseguimos cozinhar a pequena refeição que nos tinham trazido: uns hiraces, um galago e um grande cágado. O Pai convenceu o líder deles a experimentar uns acepipes deste último e, a julgar pela maneira como rolou os olhos, gostou muito.

— Bem, — disse o Pai, quando os estranhos finalmente recuaram um pouco, levando cautelosamente as nossas lanças com eles, — tenho pena que tenha demorado tanto, mas esse é o problema com qualquer língua universal: é vagarosa, repetitiva e falha em subtiliza. No entanto, a situação é bastante simples, e resume-se a isto: os invasores serão perseguidos.

— Quer dizer que eles se acham donos de toda esta planície? — exclamou o Oswald. Bem, é preciso atrevimento!

— Ele diz que não fazem grandes maravilhas com ela, — disse o Pai. — Não possuem as nossas avançadas técnicas de caça, como o podem calcular. E, tal como nós, têm grandes famílias. Dizem que temos que partir, ou então...

— Parece absurdo, — disse eu. — Há lugar de sobra para toda a gente. De qualquer modo, — acrescentei —, atrevo-me a dizer que, se eles estão assim com tanta fome, é sempre “ou então...”, quer fiquemos ou não.

— As relações ainda não foram cortadas, — disse o Pai. — As negociações serão retomadas amanhã. Não é demasiado tarde para ter esperança em obter um acordo satisfatório para ambas as partes. Receio, entretanto, devermos considerar ponto de honra não tentar fugir.

Há sentinelas a vigiar.

— Estrangeiros nojentos, — rosou o Oswald.

Numa disposição que nada tinha de alegre, preparámo-nos para dormir.

O dia seguinte foi uma repetição do anterior. Os dois plenipotenciários agacharam-se à parte, gesticulando com os braços e, ocasionalmente, saltando e mimando alguma operação, como lasciar o sílex ou cortar a cabeça de alguém. Os restantes de nós sentaram-se soturnamente em volta das cinzas da fogueira, já que não estávamos autorizados a dispersarmo-nos para recolher madeira. Sob este pretexto, o Oswald tinha tentado arranjar uma moca, mas tinha sido conduzido de volta na ponta de uma lança. “Estrangeiros nojentos”, disse ele. Esta tornara-se rapidamente a sua expressão favorita.

Tivemos pouca comida nesse dia. Mas, ao pôr-do-sol, o Pai voltou da conferência demonstrando nítida esperança.

— Há uma hipótese, — disse ele. — Uma boa hipótese. Não estou pessimista.

— Então, eles vão deixar-nos ficar? — inquiri.

— Será feito um comunicado completo quando as conversações tiverem acabado, — disse o Pai, na minha opinião de modo bastante pomposo. — Entretanto, não devem esperar que eu faça qualquer comentário que possa revelar-se prematuro.

No dia seguinte, porém, tornou-se claro que havia um acordo à vista. De facto, os dois pais de horda pareciam estar nas melhores relações, rindo, brincando e dando palmadas nas costas um do outro. Por fim ergueram-se e desapareceram juntos no mato. À medida que o tempo passava e eles não voltavam, nós começámos a ficar extremamente ansiosos. As horas passaram-se, mas continuava a não haver sinal deles, e eu suspeitei de uma armadilha. Mas não havia nada que pudéssemos fazer, enfraquecidos pela fome e rodeados pelos nossos captosres bem armados e alimentados.

Então, o meu coração quase parou. Podia ver-se uma espiral de fumo erguendo-se para lá das árvores.

Com um aperto no coração, esperámos o fim inevitável, mas, então, vimos o Pai dirigindo-se para nós, sozinho e animado.

— Está tudo bem, — disse ele. — Já arranjei tudo. Os pontos principais do acordo foram...digamos, rubricados, e o tratado será ratificado amanhã com uma grande festa, para a qual, minha querida, — voltou-se para a Mãe, — agradecia que fizesses um esforço especial com a tua famosa tortue rôtie en carapace à la bohémienne. Tem sido a minha linha vital de comunicação através de todas estas difíceis conversações, e realmente não sei se teria conseguido alguma coisa sem isso.

— Sim, mas qual é o acordo? — perguntei eu.

— Ponto Um, — disse o Pai sensacionalmente. Ficaremos com metade da planície para caçar, e estão sendo tomadas medidas para a rápida constituição de uma comissão de delimitação de fronteiras.

— Metade? Bom trabalho, — disse o Oswald.

— Ponto Dois, — continuou o Pai. — Nenhuma das hordas deve invadir o território da outra. Ponto Três: ficaremos com a parte montanhosa do extremo ocidental.

— Essa é a que tem todas as cavernas de calcário, disse o Wilbur. — Por que razão a largam eles?

— Está cheia de cavernas de ursos, — disse o Pai alegremente. — Ele pareceu muito interessado em que nós ficássemos com ela. Eles têm uns pequenos abrigos rochosos no alto de um penhasco que fica apenas a alguns quilómetros e, mesmo assim, estão sempre a perder bebês por causa dos leopardos. Claro, ele não imagina que nós sabemos como tratar dos ursos...

— Um trabalho inteligente, — disse eu com aprovação.

— Não foi mal — disse o Pai. — Na realidade ele pensa que nos enganou com muita facilidade. Ponto Quatro: as hordas serão amigas, terão liberdade para evoluir à sua maneira, acasalarão de forma exógama e trabalharão em conjunto para atingir a paz, progresso e prosperidade. E pronto! Estas coisas acabam sempre com umas bravatas um pouco pomposas, como calculam.

— E o Ponto Cinco? — perguntou a Griselda num tom cortante.

— Ponto Cinco? — perguntou o Pai. — O que queres dizer?

— Sim, o Ponto Cinco, — retorquiu Griselda. Aquele que gira em torno de considerações acerca de como a horda que sabe fazer o fogo passa o segredo à horda que não sabe.

— Isso não vem expresso no acordo, — disse o Pai. Mas era mais que justo...

Ah! Aquele fumo revelador! E nós tão tolos que pensámos que o Pai podia estar em perigo!

— Ensinou-lhes como fazer o fogo! — gritei. — Sem nos consultar! Não admira que tenha conseguido um bom acordo. Ah! Desta vez...

— Eu sei que não vos consultei, meu rapaz, — disse o Pai calmamente. — Mas têm que ver que estávamos numa situação bastante periclitante. Eu tinha que negociar alguma coisa, e tive sorte em ter isso para negociar.

— Não acredito! — vociferei. — Não era preciso dar-lhes isso. Agora são tão bons como nós! Além do mais tê-lo-ia dado de qualquer maneira: sabe bem que sim. Sempre o pensou fazer.

— Tive que o dar, — disse o Pai.

— Como é que nós sabemos isso? — silvou a Griselda.

— Como é que sabemos que houve algum perigo real? O senhor pode ter preparado tudo isto... ou a maior parte, de qualquer modo.

O Pai encolheu os ombros.

— Tudo isto é um absurdo. Não é possível esconder estas coisas. O fogo será um lugar-comum na próxima geração. Temos é que pensar noutra coisa, em algo novo que não venha sendo um lugar-comum. É essa a forma de continuar.

— O senhor atirou fora aquilo que era nosso por direito de nascimento, — disse eu. — O senhor colocou uma arma mortal nas mãos de um povo primitivo. O senhor...

— Suponho que eles ficarão em segurança com ela? Perguntou a Mãe.

— Absolutamente, — disse o Pai gravemente. — Dei-lhes as mais detalhadas instruções de uso. Com condições, evidentemente. As melhores caçadas em toda a África! Agora vamos caçar, está bem? Estou esfomeado.

O Pai com a sua astúcia voltara a ultrapassar-nos, não havendo nada que pudéssemos fazer. A caçada foi excelente e as cavernas eram tudo o que podíamos desejar: ocupámos uma fileira inteira frente a um terraço solarengo virado a Norte. Mas era exasperante ver os nossos vizinhos, aquela ralé, a acenderem fogueiras por todo o lado e a aparecerem repetidamente sem aviso para trocar receitas de cote d'antelope à la manière du chef ou para nos convidar para um churrasco. O Pai afirmava que eles eram pessoas muito simpáticas, e quando, como era inevitável, eles queimaram a maior parte das suas pastagens, desculpou-os com um alegre “acontece nas melhores famílias”, e insistiu em presenteá-los com uma licença de um ano para caçarem do nosso lado da fronteira. Do princípio ao fim, nunca teve a mais leve noção da distância que pessoas na nossa posição devem manter.

Griselda não escondia a sua indignação com isso. Ela convencera-se de que os incidentes com a comissão de recepção, quando da nossa chegada, tinham sido cuidadosamente planeados.

— Eu conheço o teu Pai e a forma como ele faz as coisas, — disse ela sombriamente e, lembrando-me do que acontecera com a Elsie, acreditei.

Ela acrescentou que, mesmo que tivéssemos corrido algum perigo, o Pai tinha-o enfrentado da maneira errada.

— Devíamos ter demonstrado os feiticeiros que somos com o fogo, — disse ela, — e eles teriam ficado demasiado assustados para nos atacarem, esses miseráveis selvagens. Devíamos ter estabelecido a nossa supremacia moral, o que também teria resolvido o problema do serviço doméstico. Eu não teria que fazer todo o maldito trabalho nesta caverna se aquelas detestáveis raparigas do lado de lá tivessem que vir ter comigo de cada vez que quisessem uma costela de carneiro assada.

Avisou-me repetidamente para manter o Pai sob vigilância apertada.

— Ele vai voltar a fazê-lo —, disse. — Lembra-te do que te digo. O velho está a tornar-se um verdadeiro perigo para a horda.

Eu achei isto tudo um pouco exagerado, mas, no fim, tive de admitir que ela tinha razão.

Pouco tempo depois de nos termos instalado nos nossos novos lares, o Pai recomeçou com as suas experiências. Durante muito tempo não deram quaisquer frutos, nem tão pouco ele revelou o que andava procurando. Entretanto, novidades com carácter mais imediato e excitante vieram a lume. O Wilbur estava a construir uma manufatura de ferramentas paleolíticas em larga escala. Tinha dúzias de hábeis operários a trabalhar sob as suas ordens, mas, mesmo assim, os seus machados ovais tinham tanta procura por toda a África que ele tinha dificuldade em satisfazer todos os pedidos. O Alexander também estava a desenvolver muito a decoração interior de cavernas, com toda uma série de pigmentos novos cor de ocre. Eu estava muito satisfeito por os seus murais serem ainda mais eficazes para a caça do que as novas boleadeiras, com as quais capturávamos os animais, e do que as lanças de ponta de chifre com que os matávamos. Apesar dos esforços do William para aperfeiçoar o cão de caça continuassem a não

ter sucesso, ao menos, as suas tentativas, animavam a nossa rotina diária.

— É o cão ou nada, — insistia ele, enquanto envolvíamos os seus membros ensanguentados em folhas de arão. — E bondade temperada com firmeza é a solução. Tem que ser.

Não conseguíamos convencê-lo de que essa era uma ideia quimérica. Mais prática fora a invenção da Mãe da mala de mão feita de pele de zebra. Também houve bastante discussão sobre a forma como as mulheres tinham adquirido o hábito de vestir peles de animais e de passarem o tempo a correr para dentro e para fora das cavernas umas das outras com gritos de “Minha querida, olha para isto! É a última moda!” ou lamentos de “O meu adorável leopardo ficou duro como uma tábua, querida, e olha só como o pelo desta pele de macaco está a cair! O que posso fazer?”. A Griselda fora líder de todo este disparate, ao qual o Oswald e eu levantámos fortes objeções. Desnecessário será dizer que os nossos pontos de vista não fizeram a mais pequena diferença.

— Não sejas um velho Vanya, — era a resposta inevitável para cada protesto.

Mas nós podíamos ver exatamente onde essa decadente frivolidade conduziria. Agora, evidentemente, cada jovem peralvilho tem que exibir a sua folha de figueira.

E o tempo passou até que, um dia, o Pai veio ter comigo e disse:

— Tenho uma coisa para te mostrar, meu rapaz, — e eu soube imediatamente, pelo triunfo escondido na sua voz, que íamos ter problemas muito graves.

Segui-o por uma distância considerável no interior da floresta até chegarmos a uma clareira.

— A minha pequena oficina, — disse o Pai acenando com a mão num orgulho modesto.

Pilhas pequenas e bem feitas de pedaços de madeira partida, cada uma medindo de um metro a um metro e meio de comprimento, todas cuidadosamente catalogados com folhas de diferentes árvores, encontravam-se dispostas em filas ordenadas.

— Foi um trabalho enorme, — disse o Pai. — Comecei, como vês, com cânfora, como a que está aqui, e continuei com a oliveira, o lódão, a laurácia, o sândalo, o bibiru e o campeche. Até tentei ébano, mogno e teca. Comecei, claro, pelo bambu, mas para além de me dar a ideia geral, é um material desesperante. Pode ser que tenha futuro na construção civil, mas eu simplesmente detesto-o. Tentei a figueira, o pau-ferro, o castanheiro e mesmo a acácia. Mas só quando encontrei o teixo é que senti que tinha algo realmente prometedora. Depois disso concentrei-me nele: todos estes pedaços partidos são de teixo. Quando está demasiado verde não tem elasticidade e quando está morto quebra-se. É preciso apanhá-lo na altura certa, e ele melhora com a secagem, embora a minha experiência nesse campo seja muito incipiente. Aqui, tens as minhas ideias para as cordas: tentei tudo o que conheço, e os tendões das pernas dos elefantes deram provas de serem os melhores, seguidos de perto pelas radículas da orquídea roxa. Para as setas, qualquer madeira boa e direita, como o sândalo. Evita as madeiras mais pesadas: têm qualidades de penetração, mas reduzem demasiado o alcance.

— De que é que está a falar? — perguntei, depois de isto ter continuado por algum tempo.

— Tiro ao arco, — disse o Pai com simplicidade. — Sei que é um pouco avançado para o nosso tempo, mas não resisti a fazer umas tentativas. O Wilbur arranjou-vos as boleadeiras, eu

sei, e atrevo-me a afirmar que o Oswald não demorará muito tempo a dar com o princípio do bumerangue quando as suas pernas ganharem varizes, como as minhas. Isto, porém, é a arma superior. Gostavas de ver?

E nesse mesmo momento, o Pai pegou o primeiro arco alguma vez fabricado. Deixem-me frisar que era uma coisa desajeitada, com cerca de um metro, mais curvado de um lado do que ao centro, com várias protuberâncias por limar e uma corda que esticava de uma maneira atroz. Mas retesou! Ele ajustou-lhe um protótipo de flecha, curvou o arco e largou a corda. O projétil saiu voando e caiu no chão a mais de trinta metros.

— Consigo fazer bem melhor do que isto, — disse o Pai gozando o meu espanto. — Esta corda está constantemente a ficar laça. Agora tenta tu.

Após várias tentativas falhadas, atirei uma seta a vinte e cinco metros.

— Bem, o que achas? — perguntou o Pai. — Não te esqueças de que isto é apenas um protótipo.

— As possibilidades são fantásticas Pai, — disse sombriamente. Olhei para o velho com tristeza. Isto era o fim. O fim absoluto.

— Vamos fazer uma grande festa para comemorar isto, — disse o Pai.

— Vamos, — disse eu com dificuldade.

— Tinha intenção de mostrar ao Oswald primeiro, continuou o Pai —, já que é mais do setor dele do que do teu, mas, como sabes, ele hoje está fora a caçar, e eu tinha que o mostrar a alguém.

— Eu digo ao Oswald, — disse eu. E disse. E à Griselda também.

Era por demais evidente o que tínhamos que fazer. Não foi necessário mais do que uma demonstração de arco e flecha para convencer o Oswald. Ele era, de longe, o melhor caçador numa área de muitos quilómetros em redor, suplantando toda a gente na corrida e no arremesso de projéteis.

— Quando toda a gente tiver um destes, Oswald, foi tudo o que tive que dizer —, serás tão bom caçador e atirador como qualquer um. Nem melhor, nem pior. Força e habilidade não terão a menor importância.

— Será o fim de toda a verdadeira habilidade e de todo o verdadeiro desporto se cada atiradorzinho de meia tigela puder ter um arco e um saco de setas para matar caça pesada, — disse o Oswald. — O que terá dado ao Pai para... Bem, o que vamos fazer?

— Receio que o que quer que façamos tenha que ser feito depressa. — disse eu. — Lembras-te do fogo?

— Santo Megatherium! É demasiado assustador para imaginar! Tens que pensar nalguma coisa, Ernest.

— Já pensei, — disse eu.

— Bem, em quê?

— No próximo teste de tiro, — disse eu —, terá que ocorrer um acidente.

O Oswald empalideceu.

— Não podes estar a falar a sério.

— Tens alguma ideia melhor?

— Mas...

— Eu sei, — disse eu. — Eu sei. Mas ele está velho e de qualquer modo não lhe resta muito tempo de vida. Já se devia ter reformado há muito tempo, mas sabes como ele é. Penso, Oswald, que é mais misericordioso assim. Ele estará muito melhor nos outros felizes territórios de caça. Aí poderá brincar à vontade com arcos e flechas! Será um choque para ele, provavelmente, mas não perderá grande coisa: apenas os poucos anos que ainda lhe restavam no mundo real. Como sabes, as suas varizes são horripilantes...

— Conheço as tuas teorias, — disse o Oswald lentamente. — Nós não morreremos. Apenas passamos a outro mundo. Isso ajuda a cumprir este... este doloroso dever. Não me agrada, mas receio bem que tenhas razão. Temos que proteger o interesse público.

— Bem dito, Oswald, — disse eu calorosamente. O meu irmão estava a amadurecer, à medida que os anos o dotavam de responsabilidade e experiência.

— Eu preparo tudo, — acrescentei.

— E depois podemos fazer desaparecer essa coisa horrível, — disse o Oswald acenando afirmativamente com a cabeça.

— Digamos... mantê-la na lista secreta, — repliquei com desenvoltura.

O Oswald sugeriu uns melhoramentos menores na arma... esqueci-me de quais exatamente. Algo que tinha a ver com colocar penas nas munições, acho. O Pai ficou extremamente satisfeito.

— A invenção é um trabalho de equipa, — declarou.

Os primeiros testes correram bem mas, quando chegou a minha vez, alguma coisa errada se passou com a flecha... as penas soltaram-se, ou a corda estava torcida... e o Pai tinha tolamente corrido em frente para apanhar a sua própria flecha. Caiu sem um som.

Parecia estranho o Pai não poder fazer um discurso no fim da festa. Mas sentia-me seguro de que ele teria desejado que eu dissesse umas palavras, e foi o que fiz. Falei sobre o dever de nos esforçarmos a ficar verdadeiramente humanos, com o exemplo que ele tinha transmitido a todos nós e sobre a necessidade de temperar o progresso com pensamento prévio. Podia senti-lo dentro de mim, formulando as frases e sugerindo as conclusões. Sentei-me entre aplausos, com a nossa pobre Mãe afogada em lágrimas.

— Parecias mesmo o teu pobre Pai a falar, — disse ela.

— Só espero que sejas um pouco mais cuidadoso do que ele.

E este foi o fim do meu Pai quando estava em carne e osso, meu filho, e foi o fim que ele próprio teria desejado: ser morto por uma arma verdadeiramente moderna e ser comido de forma verdadeiramente civilizada. Assim assegurámos a sua sobrevivência, tanto do seu corpo como da sua sombra. Ele continua a viver dentro de nós, enquanto a sua sombra interior está a fazer estragos entre os elefantes de sonho nos territórios de caça no outro mundo. Não me espanta nada que aí o tenhas encontrado uma ou duas vezes, ou que tenhas ficado tão

impressionado quando isso aconteceu. Mas como podes ver tinha o seu lado amável.

Gostamos de pensar que ele foi o maior homem-macaco do Pleistoceno... e isso já é dizer muito. Conte-te esta história para que saibas o quanto lhe devemos por todos os confortos e comodidades que nos rodeiam. Ele tinha talvez um pendor mais prático do que especulativo, mas não podemos esquecer a sua inflexível fé no futuro, e também lembrar que, ao morrer, ele ajudou a formar as instituições sociais básicas de parricídio e da patrifagia que dão continuidade tanto às comunidades como aos indivíduos. De facto, de facto, ele era a árvore mais poderosa da floresta, e fazes bem em pensar nele quando passas por ela. Talvez ele pense em ti.

Mas ele não criou o mundo, isso não. Quem o fez? Receio que essa seja uma questão bem diferente, sobre a qual agora não me é possível deter-me. Primeiro, é demasiado complicada, e até controversa. E segundo, já passa muito da tua hora de ires para a cama.